REVISTA

DO

INSTITUTO HISTORICO E GEOGRAPHICO DO BRAZIL.

3.ª SERIE. — N.º 17. — 1.º TRIMESTRE DE 1855.

AMAZONAS.

A nossa historia não resolveu ainda, nem mesmo tem tratado com seriedade de saber si em algum tempo existiram amazonas no Brazil. Este ponto pode ser ventilado pela critica; para o tentar, foi-me preciso comparar os historiadores, confrontar as relações dos viajantes antigos e modernos, quer citando-os, quer extractando-os. D'elles, portanto, é o presente trabalho, que a minha tarefa so foi de combina-los.

Não pretendo, pois, senão apresentar um esboço, imperfeito, sem duvida, do que a tal respeito se tem escripto; e si a este resumo houver de accrescentar algumas observações, ou de aventar alguma opinião, que me seja propria, tanto folgarei de que aquellas possam parecer judiciosas, como que esta não seja inteiramente inverosimil.

Amazonibus, e o segundo o abbade Guyon na sua *Histoire des Amazones anciennes et modernes*,—e ambos concluem que existiram amazonas. Todavia, seria esta consideração de mais peso, si não soubessemos a inclinação que mostram os eruditos para sustentarem paradoxos, aproveitando-se para isso das obscuridades e discrepancias que de necessidade se notam nas obras de homens, que escreveram em tempos e lugares diversos, sob a influencia de idéas oppostas, e sobre assumptos differentes. Si bem lhes parecer, virão gravemente apresentar-nos testemunhos e provas do maior momento, sustentando, no seu desenvolvimento, que Napoleão é um mitho da antiguidade e a republica das Amazonas um facto dos tempos modernos.

Porém ainda mesmo depois da autoridade d'estes eruditos, será curioso de notar-se que assim como bastou entre os romanos para transmittir o nome das amozonas até ao tempo de Augusto a segure de um só fio, opposta á bipenne, que tinha dous, e que se chamava *Amazonica* (*Amazonia securi*, diz Horacio) (1); tenha a mesma tradição, quando não existisse o rio de igual nome, de ser perpetuada entre os modernos pela pedra de acha *Beilstein*, que por algum tempo se confundiu com a que é conhecida pela denominação, mais significativa para o caso, de *Amazonenstein* ou de pedra das amazonas.

Originou-se esta opinião da poesia, introduziu-se no vulgo pelo amor do maravilhoso,— os historiadores, si a não improvisaram, aceitaram-na sem criterio; e foi, como muitas outras, recebida nos tempos modernos como um deposito venerando pela sua antiguidade, e talvez só digno de fé pelos idiomas em que nos foi transmittida.

Quasi tres seculos antes da nossa éra, Apollonio cantava a expedição dos argonautas. Este feito, que os gregos reputaram heroico e de um esforço quasi divino, era apezar d'isso mal escolhido assumpto para a acção de um poema epico por ser para ella, como todas as navegações, de uma extrema e extreme simplicidade. Das costas da Thessalia ao Ponto Euxino não era muito dilatada a viagem: seriam

(1) Horat. Liv. 4. Od. 4.

raros os incidentes, e não tão grandes e tantos os perigos, que com elles se pudesse, ou encher o quadro do poema, ou justificar a gloria e veneração de que entre os antigos fruiam os argonautas. Apollonio teve de recorrer ao maravilhoso e de sobrecarregar o seu poema de episodios: para isso povoou a terra de gigantes ferozes, e de perigosas feiticeiras,— encheu o mar de escolhos temerosissimos, e valeu-se da tradição das amazonas, que na ilha de Lemnos apparecem tão fóra do caracter que se lhes attribue, e tão tractaveis aos navegantes do Argos como as habitantes das ilhas dos Amores aos companheiros do Gama.

Eis o que se lê no primeiro dos quatro cantos da expedição dos argonautas ou a conquista do Tosão de Ouro de Apollonio: (1)

« Sobre a manhãa descobrimos o monte Athos. Bem que affastado da ilha de Lemnos o caminho que póde fazer um navio ligeiro desde o romper do sol até ao meio dia, todavia a sombra do seu pincaro cobre uma parte da ilha, e se projecta até a cidade de Meryna. O vento que tinha soprado todo o dia e a noite seguinte, escasseou ao romper do sol. Chegaram á força de remos á ilha de Lemnos, habitação dos antigos Sintios.

« Ali tinham perecido miseravelmente todos os homens no anno precedente, victimas do furor das mulheres. Muito tempo havia que ellas não apresentavam offerenda alguma a Venus. A deosa irritada as tornou aborrecidas a seus maridos, que, abandonando-as, procuraram novos prazeres nos braços das escravas que captivavam, dissolando a Thracia. Mas a que attentados nos não conduz o ciume? As mulheres de Lemnos assassinaram na mesma noite a seus maridos e rivaes, e exterminaram até o ultimo dos varões para que nenhum sobrevivesse que algum dia lhes podesse impôr o castigo merecido pelo seu delicto. Hypsipyla só, a filha do rei Thoas, poupou o sangue de seu pai, ja maduro em annos. Fechou-o em um cofre, e abandonou-o assim á mercê das ondas, na esperança de que algum feliz acaso lhe salvasse a vida. E assim aconteceu de feito. Viram-no

(1) Apollonio. C. 1. Trad. de Caussin.

alguns pescadores e o recolheram na ilha *Œnoë*, chamada deposi *Sicinus*, do nome de um filho que Thoas teve da nympha Œnoë, uma das nayades.

« As mulheres de Lemnos, quando se viram as unicas habitantes da ilha, abandonaram as obras de Minerva, de que até então se tinham exclusivamente occupado, e sem difficuldade se acostumaram a manejar as armas, a guardar rebanhos, e a lavrar a terra. Comtudo voltavam sempre para o mar os olhos inquietos, temendo de continuo que os thracios as acommettessem. »

Seguiram-se a Apollonio outros poetas que, aproveitando-se da mesma tradição, tiveram comtudo de a reduzir ás proporções da verosimilhança. Ninguem ha versado nas litteraturas latina e italiana, que não conheça os nomes de Camilla e de Clorinda; mas, nem mesmo no cantar dos poetas, Camilla ou Clorinda eram verdadeiras amazonas. Tornadas taes por circumstancias extraordinarias, que as deverão ter affastado das occupações pacificas e dos habitos sedentários e naturalmente compassivos do seu sexo, e apezar de terem no caracter alguma cousa de fero e sanguinario que o encanto da poesia de tão grandes mestres não disforça inteiramente, nem uma, nem outra, comtudo poderiam sympathisar com a selvagem ferocidade das mulheres amazonas da Thracia, que começando pela propria mutilação, rematavam pelo homicidio constante e systhematico da metade da especie humana. Camilla, rainha dos volscos, commandava uma ala do exercito latino, cercada de mulheres, que eram seu braço na acção, e sua alma nos conselhos. *Virginis ala Camilæ*, diz-nos Virgilio. E Clorinda, unica e solitaria no exercito dos serracenos demonstrava que não era naquelle lugar senão uma figura excepcional pela singularidade, como era entre as do seu sexo pelo theor da vida. Os creadores de tão poeticas imagens tiveram de nos explicar longamente o motivo porque taes seres se achavam como collocados fóra das leis da natureza, e dos habitos dos povos com os quaes conviviam. Camilla educada na dura escola da adversidade e da imperiosa necessidade,— Clorinda amamentada por feras, longe do commercio humano.

Assim que as proporções da fabula se iam reduzindo ao passo que minguava a credulidade humana. No poeta grego as amazonas compunham uma cidade, no latino uma ala do exercito, no italiano não passavam da unidade.

É todavia notavel que ao passo em que os poetas por amor da lei da verosimilhança se viam constrangidos a cercear a tela dos seus quadros, os seguissem bem de perto os historiadores, que, sem respeito á critica, sem amor á verdade os ampliassem e exagerassem, admittindo nas lições severas da historia as ficções caprichosas da imaginação. Temos Theopompo para Apollonio, Justino para Virgilio, Silvio Æneas para Tasso.

A seu tempo nos occuparemos d'estes autores; por agora cabe-nos expôr o que ácerca das amazonas pensaram os antigos.

Começo por dar a devida preferencia ás letras sagradas. A historia antiga nos offerece um exemplo notavel da extincção do ramo masculino em todo um povo. Lemos no Exodo (1), que Pharaó irritado com a retirada de Moysés e dos israelitas, tomára comsigo todo o seu povo para os perseguir, e que na passagem do Mar Vermelho, as aguas, divididas pela vara de Moysés, tornaram-se a ajuntar sobre o exercito de Pharaó, e, diz o historiador sagrado — *sem que d'elles escapasse nem se quer um.*

Alguns escriptores menos reflectidos, ou querendo conciliar a total destruição do exercito de Pharaó com a persistencia da raça egypcia, tomaram d'este facto occasião para improvisarem um reinado de mulheres que, si não eram verdadeiras amazonas, nem por isso seriam menos dignas da attenção dos historiadores; porque, si é pouco verosimil que um grande numero de mulheres se tenham completamente segregado da convivencia com os homens, é ainda menos verosimil, ou antes, mais pasmoso que a energia viril se tenha podido sugeitar ao imperio das mulheres. « Quando estas reinam, diz um escriptor moderno, os homens governam. » Seria pois bem notavel que todos os homens se curvassem, sem reluctancia, como

(1) Cap. 14, v. 6 a 82.

sem resistencia, a servi-las, quando ellas se lembrassem de usurpar o mando.

Diz-nos pois o padre Athanasio Kircher no seu *Tratado dos Reis do Egypto*, ter extrahido de um escriptor arabe (Ben Lehiaja) que depois da submersão de Pharaó e de todo o seu exercito no Mar Vermelho, onde pereceram tudo quanto no Egypto havia de homens illustres, principes e grãos senhores, não restando senão escravos e libertos, reuniram-se as viuvas dos magnatas e escolheram para sua rainha a uma filha de Zabu, de nome Daliska, afamada por sua prudencia e habilidade nos negocios, illustre por seu nascimento e familia, macrobria respeitavel que já contava 160 annos de idade!

Algumas circumstancias, quanto a mim, escaparam a este autor: em primeiro lugar que os escravos dos Egypcios eram os Israelitas, e estes havião acompanhado a Moysés; depois que um exercito se não pode compôr nem das crianças nem dos velhos, nem dos infermos, de forma que, ainda extinctos todos os guerreiros, sobrariam anciãos para o governo, e haveria jovens para esperança do futuro.

Mais explicitos e noticiosos são os antigos escriptores gregos e latinos. Começamos por Justino, não porque lhe seja devida a preferencia em razão de antiguidade, nem porque o repute autoridade mais segura; mas porque sendo certo, como se tem escripto, e elle proprio o confessa, que a sua obra não é senão um resumo da de Troguo Pompeo, parece tambem fóra de duvida pelas pacientes investigações da critica que Troguo Pompeo, no trecho que vou citar de Justino, baseou-se na autoridade de Theopompo: completando os dados d'este historiador com os que lhe forneciam Herodoto, Ctesias e os mitographos, veremos como Justino, ou quem quer que seja a quem elle reproduz, dá largas á imaginação com a facilidade de quem se não sente tolhido pelas peias da versificação, nem da rythma, deixando muito atrás de si aos poetas no campo do improviso.

« Dous principes Scythas Ylinos e Scolopito (*), expulsos da patria pela facção dos nobres, arrastaram comsigo grande

(1) Just. Hist. L. 2 E. 4.

numero de mancebos (An. Mun. 1808) e se estabeleceram nos confins da Cappadocia perto do rio Thermodonte, sujeitando e occupando os campos Themiscyrios. Ali viveram por muitos annos no costume de depredarem os seus vizinhos, até que por fim morreram nas emboscadas que lhes armaram os povos conspirados contra elles Suas mulheres, viuvas além de exiladas, tomam as armas, defendendo ao principio as suas fronteiras, e logo depois atacando as dos contrarios; renunciam ao casamento que chamam antes servidão que matrimonio; — e ousando um feito sem exemplo em seculo algum, consolidão sem homens a sua republica, e delles se defendem ao passo que os desprezam. E para que umas não parecessem mais felizes do que outras, matam os poucos homens que restavam entre ellas, e logram vingar a morte dos conjuges com a dos seus confinantes. Depois, quando com as armas já tinham conseguido paz, facilitam aos vizinhos os seus leitos.

« Matavam aos filhos varões (accrescenta Justino) e as filhas educavam a seu modo, não no ocio e em occupações mulheris; mas no trafego das armas, da equitação e da caça, — queimando-lhes na infancia o peito direito para que tivessem mais facilidade no tiro da seta, d'onde lhes veio o nome de Amazonas.

« Houve entre ellas duas rainhas Marpezia e Lampedo, as quaes, dividindo entre si a nação, que já tinha crescido em forças, faziam alternadamente a guerra; e bastava cada uma de per si para conter os adversarios. Diziam-se descendentes de Marte para realçar o merito de suas victorias com a autoridade da religião.

« Depois de subjugada a maior parte da Europa, apoderaram-se tambem de algumas cidades d'Asia. Ali edificam Epheso, e muitas outras cidades e licenciam uma parte do seu exercito, que volta para a patria carregado de despojos. A outra parte, que tinha ficado na Asia para defesa de suas conquistas, foi anniquilada com a morte da rainha Marpezia por uma erupção de barbaros.

« A Marpezia succedeu no reino sua filha Orithya, que com singulares conhecimentos da guerra foi a admiração do seu tempo por uma constante virgindade. Com o seu valor tanto se augmentou a

gloria e a fama das Amazonas, que o rei a quem Hercules devia doze tributos, lhe ordenou por julga-lo impossivel, que lhe trouxesse as armas da rainha das Amazonas (A. M. 2750). Partiu Hercules com a flor da mocidade grega em nove navios, e deu inesperadamente sobre as Amazonas. As duas irmãs Antiope e Orithya as governavam então ; mas Orithya achava-se ausente em uma expedição, e Antiope á chegada de Hercules tinha poucas tropas, nem previa acommettimento algum. O inesperado do ataque, a excitação do tumulto com que correm ás armas, proporcionam ao inimigo uma victoria mal disputada. Morreram muitas, outras ficaram prisioneiras, e entre estas contaram-se duas irmãs de Antiope : Menalippe de Hercules, e Hippolyta de Theseo. Theseo tomou por mulher a sua captiva, e d'ella teve a Hippolyto ; Hercules porém entregou á irmãa a que lhe tocára, recebendo-lhe as armas por preço do resgate, e voltou cumprida a sua missão.

« Apenas Orithya sabe da guerra feita a suas irmãs por um principe Atheniense, exhorta as suas companheiras, lembrando-lhes que debalde teriam subjugado o Ponto e Asia, si o seu proprio paiz ainda se via exposto aos ataques e depredações dos Gregos. Depois pede auxilio a Sagillo, rei da Scythia. » Eram as Amazonas descendentes dos Scythas (dizia ella) que a morte dos conjuges e a propria defesa haviam forçado a recorrer ás armas com o valor acostumado das mulheres da Scythia. O rei movido pela gloria nacional mandou-lhe em auxilio Panaxagoras á frente de numerosa cavallaria; mas antes da batalha, introduzindo-se a discordia nos dous exercitos, as Amazonas soffrem uma derrota pelo abandono dos seus alliados ; acham porém guarida em seus quarteis, e sob a sua protecção voltam a Scythia, sem receber damno das outras nações.

« A Orithya succedeu Pentesilea (an. M. 2800) que partindo entre valentes soldados em auxilio de Troia contra os gregos, deu ali clarissimos testemunhos do seu valor. Morta emfim Pentesilea e destroçado o seu exercito, as poucas amazonas que tinham ficado na Scythia, chegaram até ao tempo de Alexandre Magno, defendendo-se com difficuldade dos vizinhos. Minithya ou Tallestris, sua rainha,

obteve compartilhar por treze noites o leito d'este heróe afim de ter d'elle um filho; mas voltando ao seu reino, morreu pouco tempo depois, e com ella se acabou o nome das amazonas. »

Citamos por extenso esta passagem de Justino; porque é nella que se funda e é essa que extracta um autor moderno, procurando comprovar a existencia d'estas celebradas heroinas. Canseco, autor hespanhol, no seu *Diccionario das mulheres illustres* publicado em Madrid, ainda não ha dez annos (em 1844) cita e como que apoia o autor do diccionario historico, publicado em Barcelona em 1830, que dá como muito provavel hoje em dia a existencia das amazonas. No entretanto, do modo por que se exprime aquelle autor, quando se occupa de tal assumpto, seria antes de suppor, e para esta opinião me inclino, não que elle escreva seriamente; mas que por gracejo e simulando uma seriedade de que está bem longe, dá como provado aquillo em que nem elle crê, nem com facilidade se póde acreditar, procurando por esta forma tornar verosimil a sua these, com a negação de circumstancias caracteristicas, e invocando, como que lhe fossem favoraveis, authores que antes o desabonariam.

Tratarei de o demonstrar, confrontando a opinião de Canseco com a de Justino.

Independente de considerações geraes com que a seu tempo procurarei mostrar a inverosimilhança d'esta fabula, que muitos não julgam digna de uma discussão seria, o autor latino reveste o facto de taes circumstancias, que o tornam por demais suspeito.

Em primeiro logar começa elle por dizer-nos pouco antes do trecho que citamos, que por espaço de 1500 annos a Asia pagára aos scythas um tributo, que cessou no tempo de Nino, isto é, segundo o seu computo, no anno 1800 da creação do mundo. Ora, como tambem nos diz este autor, foi por meado (*medio tempore*) do periodo em que a Asia se achava tributaria dos scythas, que se deu a scisão d'este povo e o subsequente apparecimento das amazonas.

O imperio d'estas mulheres deveria portanto ter começado no anno 1100, pouco mais ou menos, para concluir-se, supponhamos em Pentesilea, que foi alliada de Priamo na guerra de Troia, isto é no

anno do mundo 2,800. Assim deveram ter subsistido por espaço de 1700 annos, duração pouco provavel em uma época de guerras, rapinas e conquistas; e menos provavel ainda em um imperio de mulheres, que, a ter existido, não podia deixar de ser tão precario quanto era excepcional.

A segunda circumstancia pouco provavel, ou antes tão inverosimil como a primeira, é a vastidão das suas conquistas. Justino trata somente das amazonas asiaticas, e essas no seu dizer conquistaram toda a Europa, e alguns estados da Asia. Os que tratam das Amazonas da Lybia, não querendo que as suas heroinas parecessem menos esforçadas, quando comparadas ás primeiras, fazem-nas vencedoras dos atlantes, numidas e ethiopes, e senhoras das costas septentrionaes da Africa. Sendo ellas porém contemporaneas umas das outras segue-se qúe subjugaram quasi todo mundo então conhecido, todas as zonas que reputavam habitaveis e habitadas, e por assim dizer todos os povos.

Vem aqui a pello uma reflexão de Strabão:

« Quem acreditará, diz elle (1) que tenha jamais existido exercito, cidade ou nação, composta so de mulheres, que de mais a mais invadiam paizes estranhos, conseguindo não so bater os seus vizinhos, como tambem passar a Jonia, chegando a enviar exercitos alem do Ponto Euxino até no paiz da Atica? E' a mesma cousa que si alguem dissesse que os homens eram mulheres, e as mulheres homens! »

Alem d'estes, ha em Justino outros factos de menos alcance, mas igualmente dignos de reparo: são aquellas duas rainhas que subdividem e repartem entre si a nação, e a governam independentes, si bem que ao mesmo tempo, conjunctamente e na melhor harmonia, cousa que não aconteceu nunca, nem mesmo aos dous irmãos fundadores de Roma: são os contos de Hercules e Theseo que se prendem a este novo conto: é Pentesilea que soccorre Troia, e Thalestris que supplica ao vencedor da India a honra de ser por treze noites consecutivas admittida a compartilhar o seu leito.

(1) Strb. Geogr. L. 11.

Si confrontamos Justino com Apollonio, o historiador com o poeta, vemos que nenhum fundamento teve Canseco para avançar que os poetas, e especialmente os da antiguidade, ao passo que se immortalisaram com as suas bellas inspirações, causaram grande damno ás sciencias historicas por entretecerem ficções com verdades.

Pelo contrario, é justamente aos historiadores gregos e latinos, a que podem ser applicaveis as suas palavras, de que nem só elle, como todas as pessoas de mediano criterio, não podem, logo á primeira vista, deixar de reputar exagerado a maior parte do que ácerca das amazonas se conta, — como seja — matarem os filhos varões, queimarem um peito etc., o que comtudo são costumes caracteristicos d'estas mulheres, e se acha consignado em Justino, e ainda em outros que regeitam o facto. Canseco reputa impossivel a primeira circumstancia por se oppôr ás leis da natureza, e assevera que houve equivoco na segunda; pois que as amazonas não queimavam, mas atrophiavam por meio da pressão o peito direito, reduzindo o seu tamanho natural para com mais facilidade atirarem o arco.

Comtudo tem por verdadeira a sua existencia; mas reduzida a questão a seus justos limites, e separando da sua historia o que nella introduziram de fabuloso, como em quasi todas as outras, os poetas da antiguidade. Dá como certo ter ido Pentesilea em auxilio dos Troianos, pois não julga que se possa crer na destruição de Troia, e não nas Amazonas que auxiliaram a Priamo, quando não suppõe mais razão para uma do que para outra cousa. No emtanto Homero que goza dos foros de historiador, e tão minucioso em numerar as tropas e ainda mesmo em descrever as armas de cada combatente, não falla em taes amazonas, devendo o seu silencio ser tomado como um argumento em contrario de muita consideração.

Nada importa a asserção de Pausanias de ter visto no templo de Jupiter Olympico uma pintura representando Pentesilia aos pés de Achilles. ***Pictoribus atque poetis quælibet audenda semper fuit æqua potestas.*** Nem era preciso que Horacio o tivesse escripto para sabermos que procurando os pintores assumpto para as suas composi-

ções, onde o encontram, que não somente nas chronicas timbradas pela critica, o effeito do bello os dispensa da prova da verdade.

Canseco reputa tambem fidedigno o que se conta de Thalestris, negando porem que fosse verdadeira amazonas,—não obstante a autoridade de Justino, que a chama não só Amazonas como a rainha d'ellas. « Porque se ha de acreditar (diz elle) em tudo quanto nos refere a historia antiga acerca de Alexandre Magno, e negar que a descendente das amazonas, Tallestris, se apresentou na Asia ao heroé macedonio, quando o relata o severo Quinto Cursio, e outros? » Não sei a que outros allude o autor hespanhol; mas é pouco de presumir que seriamente se attribua a Quinto Cursio o caracter de historiador severo. « Não admiro, nem creio por ser escripto em latim neste conto insipido (leio nas investigações philosophicas sobre os americanos) (1) que nos narra Quinto Cursio de ter vindo Thalestris dos confins da Hyrcania impetrar de Alexandre o grande a honra de dormir tres noites (treze diz Justino) em seu leito. » (2).

Para não ter de voltar alguma vez mais a occupar-me com este autor, notarei algumas inexactidões que são para notar-se neste seu artigo. Em primeiro logar, entre as armas que lhes deu a antiguidade não se contava a bipenne que tinha dous gumes, mas uma segure chamada do seu nome, que tinha um só fio. *Unâ tantùm parte secans*, commentam os annotadores de Horacio. Nota-se tambem que nem em Platão se pode achar argumento em favor da existencia das antigas amazonas, nem a respeito das modernas se exprime Humboldt da maneira cathegorica e terminante que o autor hespanhol parece indicar. No dizer de Canseco, Platão assevera que pouco antes da sua epoca (sendo elle quasi contemporaneo de Ale-

(1) Recherches Philosophiques sur les Américains. Berlim 1770. 52. pag. 106.

(2) Os proprios autores que nos asseveram a existencia das Amazonas, regeitam esta fabula de procurar palestris o heróe macedonio; argumentando que ellas já não existiam no tempo de Alexandre, porque Xenofonte, mais antigo do que elle, não trata d'ellas, ainda que descreva os paizes que se diz terem ellas habitado. Acham que ha razão para duvidar da fidelidade de Arriano, que é quem nos refere este facto; porque Ptolomeo e Aristobulo que todavia acompanharam Alexandre o não relatam.

xandre, floresciam as amazonas, e Humboldt apoia nesta parte a relação do padre d'Evreux.

Platão não trata propriamente de amazonas, mas de Sauromatides, que quer dizer olhos côr de pelle de lagarto, — ou como leem outros — Sauropatides-come-lagartos, ou ainda Sauromatas como escreve Hippocrates. Com estas expressões eram então designadas as pessoas de um e outro sexo que habitavam a Scythia Sauromatya. Platão recommenda ás mulheres da sua nação os exercicios gymnasticos, de que cobrariam tanta honra como os homens; porque (diz elle) (1) assim o aprendi das velhas fabulas. Estas velhas historias ou fabulas, segundo entendo, contariam casos de mulheres que se houvessem tornado celebres em taes exercicios ganhando corôas nos jogos publicos da Grecia; e tanto mais que as mulheres com que nesta parte do seu dialogo se occupa Platão não podem ser propriamente consideradas como Amazonas. « Eu não ignoro (diz elle) que ainda no meu tempo havia nas circumvizinhanças do ponto Euxino um numero innumeravel de mulheres chamadas Sauromatides, as quaes incumbia, assim como aos homens aprender não só a montar a cavallo, mas a atirar o arco, e a se servir de outras armas. »

Vê-se, pois, que se não póde invocar a autoridade de Platão, como que venha muito a pello para o caso ou que seja decisiva. Vejamos porém si ha outros, em cujo testemunho se podesse Canseco basear.

Jeronymo Mercuriali (2), assevera que Hippocrates provou claramente que a nação das amazonas que alguns tem reputado fabulosa, existiu realmente, posto que não com o costume de deslocar as juntas aos rapazes, afim de por este modo os tornar côxos e mais fracos. Não sei a que obra de Hippocrates se refere este autor: o que é certo é que so em outra parte (3) lemos o costume de deslocarem as amazonas as juntas aos filhos; — circumstancia que parece inventada

(1) 7 dial. das leis.

(2) Jerôme Mercuriali l. 3, cap. 7. Diverses Leçons.

(3) In Argonautica — apud Diodorum.

para resolver a eterna difficuldade de combinar a piedade materna com a descaroavel crueldade das amazonas.

No entanto, si Jerome Mercuriali se refere á obra que se intitula — dos ares, aguas e lugares (1)— na qual o medico grego nos descreve os costumes dos sauromatas, a sua asserção vem a carecer absolutamente de fundamento. Da maneira por que a respeito das sauromatas se exprime Hippocrates na obra citada, vê-se que elle comprehende nesse termo todas as pessoas de um e de outro sexo. Diz que os sauromatas se casavam, mas accrescenta ácerca de suas mulheres, que estas andavam a cavallo, atiravam settas, arremeçavam dardos, e se batiam com os inimigos emquanto virgens; e que depois de se terem dado ás armas, era-lhes então permittido casarem-se, ficando desde logo dispensadas de montarem a cavallo, ou de irem á guerra, emquanto uma expedição commum as não obrigasse a isso. E logo em seguida ajunta que careciam do peito direito, porque sobre elles as mãis applicavam ás filhas desde a sua primeira infancia, um instrumento de cobre feito de proposito para esse uso, de modo que, remata elle, davam por esta forma mais vigor ao braço com o accrescimo da substancia que deveria alimentar aquelle orgão no seu estado normal.

Si das palavras de Hippocrates, que deixei extractadas, se não póde concluir a existencia das amazonas, ha todavia uma phrase de um dos sanctos padres, em que se poderia e talvez mesmo se tenha querido basear essa opinião. Tertuliano (2) diz das mulheres scytas que ellas queriam antes usar das armas do que casarem-se. No emtanto para se lhe dar esta intelligencia, é preciso tomar em outro sentido do que deve ter naquelle lugar o vocabulo latino — *prius*. . . *quam*, ou *priusquam*, que tanto póde indicar preferencia como prioridade. Tertuliano descreve-nos a extrema barbarie dos scythas, mostrando-nos como as suas mulheres tomavam parte em seus banquetes, mais hediondos do que os dos nossos antropophagos! As mulheres mesmo

(1) Cap. 17. Hippocrates.

(2) L. 1.° contra Marcion.

(escreve elle) não se amenisam nem com o sexo, nem com o pudor. . . trabalham com *achas*... e accrescentando no mesmo periodo a phrase que deixamos apontada, não póde ella offerecer outro sentido senão que essas mulheres usavam das armas antes de se casarem. D'esta forma se harmonisa a opinião de Tertuliano com o que outros autores nos referem das mulheres da Sauromathia, que não podiam casar nem deixar de ser virgens antes de ter captivado a tres inimigos.

Um autor que comparado a estes poderiamos chamar moderno, pretende explicar a seu modo a origem d'esta fabula. Palephatus na sua obra *Histoires incroyables* (1), aventa a opinião de que as amazonas não eram senão homens barbaros, chamados mulheres por seus inimigos por usarem vestidos compridos como as mulheres da Thracia, trazerem o cabello em coifas e raparem a barba. Ainda que esta opinião seja susceptivel de melhor desenvolvimento, e que nem todos os factos com que Palephatus a sustenta sejam absolutamente exactos, não me parece comtudo improvavel, nem que careça de fundamento.

Em primeiro lugar não é muito exacto que todos os scythas, em todas as circumstancias usassem de vestidos talares ou compridos; pelo contrario, Hippocrates na obra citada, falla de uma especie de calções ou seroulas proprias dos povos da Scythia, que sempre andavam a cavallo, e a que os gregos davam o nome de *anaxyrides*. Ora si as mulheres iam á guerra e andavam a cavallo era de suppôr que tivessem o mesmo vestuario dos homens. É tambem isto o que se collige de Herodoto quando nos diz que foi depois de um combate que os scythas reconheceram as amazonas por mulheres, o que não deixaria de ter acontecido antes, si ellas tivessem um traje particular e distincto.

Os scythas usavam na guerra vestidos curtos e estreitos, mas Hippocrates (2) accrescenta, como com pouca differença se diz de

(1) Cap. 33.

(2) Hippocrates não falla propriamente de eunuchos na obra que já citamos — Dos ares, aguas e lugares. Cap. 22. O que elle nos diz é que achavam-se entre os scythas muitos homens impotentes que se condemnavam a occupações mulherís, fallando e vivendo como ellas, e que estes taes eram

alguns dos americanos, que grande numero d'elles se faziam eunuchos, davam-se a occupações mulherís, tomando vestidos compridos, fallando como as mulheres, adoptando as suas maneiras, e o seu modo de vida. D'onde se vê que na paz as mulheres e *grande numero* de scythas usavam os vestidos compridos.

Agora, si considerarmos a estranheza que naquelles tempos e entre povos orientaes e barbaros, entre os quaes o cabello solto e livre era reputado, como foi em outros tempos e por outros povos, ornato viril e decente compostura, a estranheza, digo, que devia causar esses cabellos mettidos em coifas, e as caras rapadas, — e ainda mais a confusão que resultaria de se verem mulheres scythas na guerra, vestidas e obrando como homens, e homens na paz obrando e vestindo como si fossem mulheres; si a isto se addiciona a imaginação dos povos na sua infancia, e a credulidade que os propende para o maravilhoso e extraordinario, facil será de conceber como se originou e propagou a tradição de mulheres guerreiras, e de guerreiros mulheres, dando em resultado o conto das amazonas.

Passo agora a completar a narração de Justino com os dados de outros escriptores ácerca das antigas amazonas; porque, bem que duvide da sua existencia, não me julgo por isso dispensado de expôr, ainda que summariamente, o que a seu respeito se tem escripto.

Dizem os antigos escriptores que as houve na Asia e na Africa, e posto que mais particularmente se estendam ácerca das primeiras, alguma cousa comtudo chegou á nossa noticia a respeito das segundas (1). «Das lybicas escreve Aunio no liv. 5.º de Beroso, que de uma filha de Japeto Atlante, chamada Pallas, tiveram principio as amazonas. A dita Pallas, pela inclinação que teve ás armas, escolheu

adorados pelos indigenas scythas, que temiam que lhes sobreviesse tal afflicção, e a attribuiam á colera da divindade offendida. Hippocrates attribue esta circumstancia ao clima, ao costume de andarem os homens constantemente a cavallo, e de, no começo da enfermidade, sangrarem-se atraz de ambas as soelhas, onde, segundo a sua opinião, ha veias que cortadas, privam aos que soffreram tal operação da faculdade reproductiva.

(1) Bluteau — voc. palavra *Amazonas*.

varias mulheres moças e valorosas, com que fez um exercito, e começou a senhorear-se de algumas pequenas terras junto da lagôa Tritonida, e crescendo assim em numero como em reputação de guerreiras, se apoderaram de grande parte d'Africa com tanta ordem e bom governo que foram mui temidas de todos os reis d'aquelle tempo. Vendo pois que sem ajuntamento de varões se extinguiria a sua memoria, ordenaram, segundo quer Dionizio (1), autor grego, que andassem solteiras as moças, e guardassem virgindade até um certo tempo, exercitando-se nas armas e seguindo a bandeira de sua rainha, e o tal tempo acabado, tomassem marido, e o tivessem em casa so a effeito de haver filhos e de as servir como creado; e havendo filho macho o aleijavam, e o faziam inhabil para a guerra, guardando as filhas como successoras da sua gloria; as quaes faziam crear aos maridos com leite de cabras, ou de outros animaes. D'estas amazonas da Lybia foi rainha Miryna, que com um exercito de trinta mil infantes e dous mil cavallos acommetteu e venceu a Hiarbas, rei da Lybia que primeiro lhe havia negado a vassalagem. Outras notaveis emprezas fez a dita Miryna com as suas amazonas no Egypto. »

Das asiaticas, porém, nos diz Herodoto (2), que os scythas as denominavam *oeorpartas*, que vale o mesmo que *androntonoi* ou *homicidas*, designação que Petit, autor que ja citamos, quer que venha, não do facto de terem assassinado os maridos, mas do costume de sacrificarem os filhos. Conjectura o historiador grego, que estas mulheres habitavam a Cappadocia perto do Termodonte. Diz-nos que junto a este rio foram derrotadas por Hercules;—que, prisioneiras e captivas, foram conduzidas em tres navios quantas se apanharam vivas;—que, levantando-se depois no meio da viagem mataram a seus roubadores, e que vendo-se depois sós e sem entenderem de navegação, sem saberem ao menos dirigir o leme, abandonaram-se á mercê dos ventos e das vagas, sendo impellidas para as bordas escarpadas da *Palus-Meotides;* que os povos livres da

(1) In Argonautica apud Diodurum.

(2) Liv. 4.º

Scythia que então senhoreavam estes lugares, sahiram-lhes ao encontro, e reconhecendo-as no combate por mulheres, resultou d'ahi casarem-se, juntarem as tropas, e passarem por fim além do Tanais, indo-se todos estabelecer na Sarmathya.

Outros autores quizeram ver na Europa uma semelhança de republica de amazonas, em tempos remotos, bem que não sejam de tão alta antiguidade. O Papa Pio II que sob o pseudonymo de *Æneas Silvius* escreveu a historia da Bohemia (1), conta-nos que outr'ora se vira neste paiz uma forma de republica tal qual era a das amazonas, sob a direcção da moça Valasca, e uma das damas de Libyssa, filha de Crocus, rei de Bohemia.

Esta Libyssa (é ainda o mesmo autor que o refere) depois da morte do rei, seu pai, governou o reino por muitos annos, apoiada no favor e na affeição do seu povo. Tiveram as mulheres muito poder durante o seu reinado, de sorte que este costume prevaleceu de que suas filhas se applicassem aos mesmos exercicios que os homens; e como tivessem o corpo affeito á lida e trabalho, havia sempre entre ellas um bom numero de mulheres robustas e corajosas. Morta Libyssa, Valasca, rapariga de grande alma e coragem, aproveitou-se da occasião para reunir as suas companheiras, exhortando-as a se apoderarem do reino. Estas seguiram o seu conselho, tomaram as armas, e foram tão favorecidas da fortuna, que Valasca tornando-se senhora absoluta do paiz, governou, segundo dizem, por 7 annos o reino da Bohemia, conjunctamente com as suas mulheres, quasi com as mesmas leis que as amazonas tinham outr'ora estabelecido.

« Depois d'isto (ajunta Æneas Silvius) diz-se que já senhoras de todo o paiz, estas escolheram maridos, e tiveram de seus casamentos descendencia para sustentar a sua republica: deram tambem uma lei pela qual foi ordenado que se guardassem cuidadosamente as filhas, e aos filhos se arrancasse o olho direito, cortando-se-lhes ao mesmo tempo o polegar para que, quando homens, nem podessem

(1) Cap. 7.

entezar o arco, nem servirem-se de outras armas. Isto foi praticado por algum tempo. A Bohemia (remata Æneas Silvius) foi durante 7 annos assolada por esta peste, e viu-se quasi toda tributaria d'estas virgens. »

Bem que Alberto Krantz na sua *Chronica dos reis do norte* (1) cite uma acção corajosa de Valasca, e por mais fidedigno que o reputemos não se poderá concluir d'ahi, senão que é verdadeira a existencia d'essa heroina; mas ainda assim não será preciso grande esforço de intelligencia para se ver que taes bohemias não eram, nem foram verdadeiras amazonas, só porque nos assevera Æneas Silvius que a sua republica era tal qual a d'aquellas.

Si quanto sabemos das antigas amazonas não basta para pôr fóra de duvida a sua existencia, as provas que nos apresentam os antigos e modernos viajantes ácerca de uma republica similhante que se diz ter existido no rio do seu nome talvez não sejam mais concludentes.

Assim como as antigas receberam as differentes denominações de amazonas, sauromatides, e saurapatides, tambem as modernas foram chamadas na lingua tamanaque *aikeambenano* (2), e na dos tupis *cunhátesecuyma* (3), e *loniápuyara* (4) — mulheres que vivem sós, mulheres sem maridos, e grandes senhoras.

Como porém esteja intimamente ligada com a historia d'estas celebres heroinas, a de uma pedra a que os mineralogistas deram o seu nome, pedra de maravilhosas virtudes, e cuja origem se procura achar no rio do seu nome, não me parece fóra de proposito entrar nesta questão preliminar, da qual se tem deduzido argumentos em favor da existencia das modernas amazonas,— argumentos que parecem de tanto maior peso, quanto invocam em seu apoio nomes illustres ou conhecidos, e como que se baseam na autoridade respeitavel da sciencia.

(1) Liv. 1, cap. 8.

(2) Padre Gili.

(3) La Cond.

(4) Fr. Gaspar de Carvajal — citado por Herrera. Doc. 6, liv. 9, cap. 2.ª H. General de las Indias. Anvers 1728.

Uma pedra é actualmente conhecida nos gabinetes de historia natural, com a denominação de pedra das amazonas (*Amazonen stein*). Buffon dá-lhe o nome de *jade*, pedra nephritica, — Omalius (1) a classifica na familia das silicides, como a especie de um subgenero, a que conserva o nome de feldspath. Humboldt (2), porém, diz que o que nos gabinetes se chama amazonen-stein, não é jade, nem feldspath compacto, que é o de que trata Omalius, mas sómente feldspath commum. Comtudo, este mesmo naturalista diz ter visto uma d'essas pedras, que era uma saussurite, verdadeiro jade, que oryctognosticamente se approxima do feldspath compacto e que fórma uma das partes constituintes do *verde di Corsica* ou do Gabbro.

Ora, discordando tanto os autores na classificação d'esta pedra, que, sendo em extremo rara e dura, é apezar d'isso confundida com a pedra de acha (*Beilstein de Werner*) muito menos tenaz,— não é muito que a descreva cada um a seu modo, e lhe attribuam natureza e caracteres differentes.

E assim é. Emquanto Omalius a classifica como uma silicide, Buffon a considera como uma materia mixta servindo de transição entre as pedras quartzosas, e as micaceas ou talquosas. Baseando-se nas experiencias do chimico d'Arcet, de que o jade se enrijece ainda mais ao fogo, persuade-se Buffon (3) que a pedra das amazonas não é produzida immediatamente pela natureza; mas que depois de trabalhada devera ter sido empregado o fogo para lhe dar a extrema dureza que a caracterisa: pois que estas pedras resistem ás melhores limas, e so cedem ao diamante.

Funda-se tambem este autor na autoridade de Seyfried (4), segundo o qual existe junto ao rio Amazonas uma terra esverdeada que debaixo d'agua é inteiramente molle; mas que adquire a consistencia e rigidez do diamante exposta á acção do ar. Buffon argumenta que, si isto assim era, e si por outro lado se considerava que os indigenas

(1) Omalius. Introduction à la Géologie. Bruxelles 1838. T. 1.º

(2) Voyage aux Régions Equinoxiales, par A. Humboldt. Paris 1816. T. 6.º

(3) Buffon. Histoire naturelle. Minéraux. *Du Jade.*

(4) Mem. da Acad. de Berlim 1747.

da America, que nem ao menos tinham instrumentos de ferro, toda-via as trabalhavam, seria para concluir-se, e elle o conclue, que ellas deveram ter sido uma materia molle, que os americanos á mão lhe deram a forma de achas, ou de cylindros brocados ou de laminas com inscripções, e que depois de diseccadas pelo ar, se tornaram pela acção do fogo pedras tão duras como as conhecemos.

É isto uma presumpção como elle pretende; mas insiste que tem em seu apoio, além de muitas razões e entre outros factos— ter elle visto uma acha de jade azeitonado, trazida das terras vizinhas do Amazonas, a qual se podia cortar com uma faca,—estado em que da certo não podia servir para o uso a que a sua forma demonstrava que era destinada, sendo para suppôr que so lhe faltava ser aquecida pelo fogo.

É notavel que esta opinião do grande naturalista do seculo de Luiz XIV, se encontre com a dos rudes selvagens do novo mundo (1). Éstes tambem, não concebendo o meio nem a possibilidade de se cortar e talhar pedras duras—taes como a esmeralda, o jaspe, o feld-spath compacto, o crystal de rocha e outras, imaginaram que a pedra verde como elles lhe chamam, é molle ao sahir da terra e se enrijece depois de trabalhada á mão.

Humboldt (2) negando que similhantes pedras sejam naturaes do Amazonas, descreve-as como recebendo um brilhante polido, to-mando a côr verde esmeralda, translucidas nas bordas, extremamente tenazes e sonoras, e tanto que talhadas em tempos antigos pelos indi-genas em laminas muito delgadas, perfuradas no centro e suspensas a um fio, dão um som metallico quando percutidas por outro corpo duro,— motivo por que foram por Brogniart comparadas ás pedras sonoras que os chinezes empregam nos seus instrumentos de musica, a que chamam *King*.

« Dá-se-lhes (diz Humboldt), dá-se-lhes as mais das vezes a forma de

(1) C'est une opinion denuée de tout fondement, quoique très-repandue à *l'Angostura* que cette pierre (Saussurite) est tirée, dans un état de ramollisse-ment pâteux, du petit lac *Amucu, Humboldt Ob. cit. T.* 8, *pag.* 207.

(2) Ob. e log. citado.

cylindros persepolitanos, perfurados longitudinalmente e sobrecarregados de inscripções e de figuras. Mas não são os indios de hoje, esses indigenas do Amazonas e Orenoco, que vemos no ultimo grão do embrutecimento, os que brocaram substancias tão duras, dando-lhes as formas de animaes e de fructos. » — D'aqui quer o autor allemão concluir a existencia de uma civilisação anterior.

Estas pedras, que por muito tempo se encontraram nas mãos dos indigenas do Amazonas, ainda com mais facilidade se achavam no rio Tapajoz, não obstante serem rarissimas em toda a parte. Ora foi justamente junto ao rio Tapajoz que Ralegh collocou as suas amazonas — ricas (diz elle) de baixella de ouro, que adquiriram em troca das famosas *pedras verdes* ou piedras hijadas (del Ligado); e foi ainda no mesmo rio que 148 annos depois, La Condamine as achou em mais abundancia (1). Os indigenas, seguindo uma antiga tradição, pretendem que estas pedras vinham do paiz das mulheres sem marido, ou das mulheres que viviam sós, dando como *gisement* leito primitivo d'este mineral as cabeceiras do Oyapock, Orenoco, ou Rio Branco. Humboldt dizendo que viu algumas d'ellas nas mãos dos indios do rio Negro (2), e confirmando a noticia de que os indios do Tapajoz possuiam outr'ora grande quantidade d'ellas, não sabe si elles as receberam do sul ou do paiz que se estende das montanhas de Cayenna para as nascenças do Essequibo, Carony, Orenoco, e rio das Trombetas.

Estas pedras que ja são raras tornam-se mais raras de dia em dia, ja porque os indios que as estimam em muito as guardam como preciosidades, ja pela exportação que d'ellas se fez e se faz para a Europa (3). Eram de mais d'isso muito procuradas e estimadas pelos colonos tanto portuguezes, como hespanhoes pela virtude que se lhes

(1) Os tapajoz mostram certas pedras verdes, que dizem ter herdado de seus pais, e que estes as obtiveram das *Cong-nantain-secouima*, que quer dizer na sua lingua mulheres sem marido, em cujo paiz abundam aquellas pedras. *La Cond.*, pag. 104, edic. de 1745.

(2) Voy. aux Reg. Eq., T. 8.º, pag. 10.

(3) Hist. Gen. des Voy., T. 14, pag. 42 e 43.

attribuia de curarem pedra, colica nephretica, a epilepsia, as molestias do figado, e outras.

Mas estas mesmas pretendidas virtudes talvez não sejam senão uma recordação da crença popular da antiguidade ácerca de outras que taes pedras verdes. Os antigos, gregos e romanos, compraziam-se com o verde brilhante da esmeralda, mais bella no dizer de Plinio (1) do que o verde da primavera, — pedra sempre brilhante (escreve elle), sempre acariciadora dos olhos, quer vista ao sol, quer á sombra, quer de noite ao reflexo das luzes. A ellas tambem, além da belleza attribuiam-lhes innumeras virtudes.

Si porém os antigos, Plinio e Theophrasto (2), davam o nome generico de esmeralda a todas as pedras verdes,— a mais estimada, a mais bella de todas, a verdadeira esmeralda era a pedra do paiz das amazonas — a esmeralda da Scythia. Quero crer, portanto, não so que a intima correlação da historia das pedras verdes com a das amazonas é uma recordação da antiguidade, como que é d'esse facto que se originou a fé nos seus pretendidos milagres.

Sei que em cada amuleto ou patuá se encontrará sempre um fragmento de mineral. Sei que si se escrevesse a historia dos feitiços entre todos os povos, grande parte d'ella seria occupada com a crença no pretendido poder de certas pedras. Assim, com o que levo dito, longe estou de negar a importancia que na sua infancia os povos tem dado ás pedras, que se affastam do commum, como a todos os objectos que por alguma singularidade se destacam d'entre as producções da natureza. Mesmo na America do Norte parece que a pedra verde foi venerada debaixo de uma significação religiosa.

« Posto que (diz Humboldt) (3) quinhentas leguas de distancia separem as margens do Amazonas e Orenoco do platô mexicano; posto que a historia não faça menção de nenhum facto que ligue os povos selvagens da Guyana aos povos civilisados de Anahuac, o

(1) Plin. lib. XXXVII, n.° 16.

(2) Lapid. et Gemm. n.° 44.

(3) Voy. aux Rég. Eq., T. 8.°

monge Bernardo de Sahagun achou em Cholula, no começo da conquista, conservadas como reliquias *pedras verdes* que tinham pertencido a *Quetzalcohualt*, o budha dos mexicanos, que no tempo dos tolteques fundára as primeiras congregações religiosas.

Convém todavia ponderar que si o estado em que encontramos os indigenas não basta para explicar como é que taes pedras foram lapidadas, attribui-las ás amazonas seria tornar menos aceitavel a explicação, excepto si quizessemos suppôr que nessa republica, de sua natureza ephemera, si por um momento admittimos a sua existencia, se pôde apezar d'isso ter chegado a um grão de civilisação a que os homens não teriam ainda attingido.

E ainda quando concedessemos este novo ponto, faltaria investigar d'onde teriam vindo similhantes pedras; porque não parece, segundo a opinião de Humboldt, que ellas sejam originarias do Amazonas.

Vejamos porém o que a respeito das amazonas da America nos referem os historiadores.

« Si não existiram (inquire o nosso programma) que motivos tiveram Orellana e Christovão da Cunha, seu fiador, para nos asseverarem a sua existencia. »

Deixando para ao depois tratar dos motivos que tiveram ou poderiam ter estes viajantes, e outros antes d'elles para reproduzirem nas suas narrações a fabula que nos legaram os escriptores da antiguidade, cabe-nos ver o que a tal respeito escreveram os modernos. Acredito que d'esta exposição facilmente se poderá concluir si estas mulheres se assemelhavam ou indicavam originarem-se das da Scythia ou Lybia.

Antes de tudo, poderia parecer que o nosso programma se occupa, não de Orellana, companheiro de G. Pizarro; mas de Pizarro y Orellana, autor da obra *Varones ilustres del Nuevo Mundo* (1), o qual na vida de Gonçalo Pizarro trata de amazonas, — « não as que descendiam de Orythia ou Pentesilea, diz elle, mas de outras que por serem mulheres que pelejavam foram chamadas assim. » Porém o

(1) Madrid 1639, pag. 352.

programma, indicando ser a noticia d'esse Orellana confirmada por Christovão da Cunha, faz ver que se refere ao proprio descobridor.

Geralmente se acredita, e é esta a opinião de Paw, que o aventureiro hespanhol foi o inventor d'este conto, bem que ja antes d'elle Colombo julgasse ter encontrado amazonas nas Antilhas. Segundo Hakluyts disseram ao navegante florentino (1) que a pequena ilha de Madanino (2) (Monserrate) era habitada por mulheres guerreiras, que viviam a maior parte do anno affastadas do commercio dos homens. P. Martyr diz tambem ter-se affirmado a Colombo que mulheres sem homens habitavam a ilha de Matityma, defendendo-se com armas, e não recebendo commando senão de si mesmas, accrescentando que foi por esta occasião, que Colombo as chamára amazonas.

Orellana adornou esta historia com outras particularidades, não tanto para a fazer mais digna de credito, como para a tornar mais singular. Gonzalves Oviedo na sua relação ao cardeal Bembo, que é datada de 20 de Janeiro de 1543, narrando a viagem de Orellana, escreve que ouvira a Gonçalo Pizarro ter aquelle combatido com mulheres armadas, commandadas por uma rainha; que estas mulheres viviam sós, — que não matavam os filhos; mas os entregavam aos pais, — que eram emfim chamadas as amazonas, posto que tivessem ambos os peitos.

Quando Oviedo escrevia a sua carta ao cardeal Bembo, não tinha por certo noticia da relação que Hernando Ribera (3) jurava na Assumpção aos 3 de Março de 1545, de que nos occuparemos ainda.

Quasi um seculo depois publicava o padre Christovão d'Acuña (4) que se sabia por informações que a real audiencia de Quito mandara tomar serem as margens do Amazonas habitadas por mulheres guerreiras; mas a principal razão por que este autor nos assella o facto da sua existencia, é porque ha um rio com esse nome. É tão incon-

(1) Coll. Lond. 1812, pag. 384.

(2) Grindus, pag. 69.

(3) Impressa na Coll. de Ternaux. T. 6, pag. 490.

(4) Nuevo descubrimiento del Grã Rio de las Am. Madrid 1641. Coll. de Barbosa.

sistente este argumento que o mesmo é expô-lo que destrui-lo. Fôra cousa admiravel, amplifica elle no estylo do tempo, que o rio sem mui graves fundamentos houvesse usurpado o nome das amazonas, — podendo qualquer lançar-lhe em rosto, que com elle se pretendia tornar famoso, sem mais razão do que a de vestir-se com o alheio.

Além d'este argumento, Christovão da Cunha desce tambem á consideração de factos. « O que ouvi com os meus ouvidos (diz elle) e com grande cuidado averiguei desde que puzemos os pés neste rio, é que não ha geralmente cousa mais commum (ao menos ninguem o ignora) que é dizer-se que habitam nelle estas mulheres, dando signaes tão particulares, que convindo todos n'elles, não é crivel que podesse haver uma mentira introduzida em tantas linguas, e em tantas nações com tantas côres de verdade.

O padre Cunha se esquece somente, que a fé nos feitiços e agouros abusam do apparecimento de phantasmas, da existencia de gigantes e pygmeos, são factos que em todo o mundo se tem repetido, sem que da universalidade da opinião se possa deduzir cousa alguma em favor da credibilidade de taes factos.

Refere-nos o mesmo autor como em certa quadra do anno, vinham ter uns indios com as amazonas. Ellas ao vê-los se alvoroçavam, sahiam fóra de suas trincheiras, armadas em guerra, e depois de uma breve simulação de combate, corriam todas as canôas dos hospedes bem vindos, e cada qual desprendia uma das redes que estes indios traziam armadas nas canôas, e voltavam triunfantes para arma-las em suas habitações, onde vinham os donos procura-las. Em festas e contentamento se passavam os dias (1) até que no tempo marcado se retiravam os hospedes. Quanto á sorte dos filhos, diz-nos o mesmo autor que o que parece mais certo é que as mãis os matavam em os reconhecendo como taes. E' tambem isto o que nos affirma Nuno de Guzman na sua relação a Carlos V (2). Feijó pelo contrario no seu theatro critico (3), dissertando sobre as amazonas, e escrevendo com

(1) Cunha. Cap. 72.
(2) La Cond. Mem. da Ac. R. das Sc. de Paris 1745.
(3) T. 1. Diss. 16, n.os 15 e 16.

tal precipitação que allega, não que se noticiava a existencia, mas que as proprias amazonas haviam sido descobertas, não nega que a esta, que elle considera verdadeira historia, se tenha ajuntado muitas inverosimilhanças; e neste numero conta a absoluta separação dos sexos, bem como o dizer-se que as mães matavam os filhos. Não obstante a autoridade do padre Cunha, Oviedo que o escreve por tê-lo ouvido ao proprio Pizarro, de accordo com Feijó, diz que os filhos, longe de serem mortos, eram entregues aos pais.

Cunha leva a sua minuciosidade a ponto de nos designar qual era a tribu, que estava no privilegio de fornecer ás amazonas estes maridos zangãos. Chama-a Guacará ou Guacari. Anville fez notar a La Condamine que os das antigas amazonas eram chamados Gargari, no dizer de Strabão (1); similhança que pareceu bastante curiosa a Carli (2), o autor das Cartas Americanas.

Um ponto de similhança, que não podemos passar em silencio, entre as amazonas da Scythia e as da America, é este:

As scythas que, diz-nos Justino, se haviam com tanta facilidade divorciado dos homens, e consideravam a virgindade como virtude de tão grande preço, que Orythia era por este motivo geralmente admirada entre ellas; ainda assim mataram os vizinhos para se vingarem da morte de seus maridos; e acabaram depois com os que ainda existiam entre ellas *ne feliciores aliæ aliis viderentur*, para que umas não fossem reputadas mais felizes do que outras. Foram tambem estas mesmas mulheres que não podendo supportar por oito annos a ausencia dos homens da sua nação, se casaram com os proprios escravos, que tinham ficado para guarda dos rebanhos. Isto posto, não ha razão para dizer-se que taes mulheres tivessem aversão aos homens.

O mesmo e mais deveria acontecer na America, porque si se considera que ellas habitavam debaixo do equador, talvez se ache razão no desembargador Sampaio, que não descobre, nem póde

(1) Liv. 9.º
(2) Lettres Americaines. Boston 1738.— Lett. 25. T. 1, pag. 430.

imaginar que razões bastante poderosas tiveram as amazonas para vencer a quasi irresistivel força do clima. O certo é (observa Montesquieu) (1), que o alvoroço com que ellas recebiam os hospedes, e que Cunha nos relata, mostra que lhes não era indifferente aquella união.

Voltamos porém ao nosso assumpto.

Para aquelles que consideram a tradição das amazonas da America como uma reproducção da crença de outros tempos e de outros povos, nenhuma maravilha será que se assemelhem os costumes que a umas e outras se attribuem. Humboldt observa judiciosamente que da leitura das obras de Colombo, de Geraldini, de Oviedo, de Pedro Martyr de Anghierri se conhece a tendencia dos escriptores do seculo XVI para achar entre os povos descobertos no novo continente tudo quanto os gregos nos contam dos costumes da primeira idade do mundo, e dos costumes barbaros dos scythas e dos africanos. D'aqui conclue elle que tanto o amor do maravilhoso, como o desejo de ornar as descripções do novo continente com alguns traços da antiguidade classica contribuiriam para a grande importancia que se deu ás primeiras narrações de Orellana.

E' certo que estes estudos deveram ter concorrido para que com mais facilidade se desse credito a uma noticia de que havia exemplos nas antigas historias; no emtanto, convém observar que tratando, quer estes, quer os modernos escriptores, de povos mergulhados no estado de barbarie e selvatiqueza, não é muito para admirar que sem se copiar se encontrem. O autor das —Investigações philosophicas sobre os americanos — (2), explica-nos como aquelles que tem estudado os seus costumes, e sobretudo os costumes dos americanos septentrionaes, admirando-se de que elles, por assim dizer, fossem os mesmos que os dos antigos scythas, foram levados a deduzir d'esta apparente similitude linhas de filiação e de extracção de um para outro d'estes povos, sem ponderarem que, não offerecendo os costu-

(1) Esprit des Lois. L. 14, C. 2.

(2) Recherches Philosophiques sur les Américains. Berlim 1770. T. 1, pag. 118.

mes scythas senão os caracteres distinctivos da vida selvagem, era natural que tal similhança se percebesse entre todos os selvagens do universo.

Vejamos pois que motivos puderam ter esses viajantes ou escriptores para improvisarem similhante republica, ou para exagerarem a tal ponto o facto de mulheres combaterem; facto, que entre povos barbaros frequentemente se repete.

Distinguem-se entre os que até aqui temos citado Orellana, Ralegh, e Oviedo. Cito a Oviedo com preferencia ao padre Cunha, porque a sua opinião foi divulgada um seculo antes da publicação do — Nuevo Descubrimiento.

Orellana ardendo em desejos de se tornar celebre por uma descoberta propria, formou o atrevido projecto de navegar o Amazonas, seguindo-o em todo o seu curso até encontrar-se com o oceano; — e ainda que interiormente sentisse quanto havia de obscurecer o seu nome a consideração das circumstancias em que elle tomava sobre si tal empreza, confiava na sua boa fortuna, e esperava que o resultado attenuaria as justas censuras de que se tornava merecedor.

« Esta viagem (escreve W. Irving na vida de Christovão Colombo (*) foi acompanhada de muitos perigos e fadigas. Orellana obrigado a desembarcar nas margens do rio, foi muitas vezes atacado por inimigos numerosos e aguerridos, contra os quaes tinha de empregar força para obter provisões. Em alguns lugares as proprias mulheres carregaram contra os hespanhóes: e esta circumstancia deu logar ás fabulosas narrações, que se fizeram, ácerca da pretendida ilha das amazonas. »

Todavia onde achamos a gloria de Orellana, não é nem nos perigos, nem nas fadigas que passou; sinão em ter feito uma navegação extensa, em um barco mal preparado, por entre nações desconhecidas e hostis, sendo o primeiro a revelar o immenso tracto de terreno que medeia entre os Andes para o lado da nascente até chegar ao Atlantico.

(*) Trad. de Defauconpret. T. 3, pag. 171.

Essa gloria porém aó proprio Orellana no fim da sua viagem ja não pareceu uma justificação bastante, uma garantia segura de impunidade ou motivo efficaz de recompensa, quando a comparava com as graves accusações que sobre a sua cabeça pesavam — de haver faltado ao seu dever desobedecendo ao seu commandante, — de ter abandonado os seus companheiros de armas em um deserto, — de os ter privado da unica probabilidade de salvação que tinham no navio que lhes levava, — de haver-se sublevado emfim, fazendo-se eleger capitão de sua magestade sem dependencia de Pizarro (1).

A respeito de Orellana escreve Robertson na sua historia da America (2): « A vaidade natural aos viajantes que percorrem terras desconhecidas ao resto dos homens, e o artificio de um aventureiro, com sagacidade de engrandecer o seu proprio merecimento, concorreram para dispô-lo a enxertar, em extraordinarias proporções, o maravilhoso á narrativa da sua viagem. Elle pretendeu ter descoberto nações tão ricas que o pavimento de seus templos era alastrado de placas de ouro; e descreveu uma republica de mulheres tão guerreiras e bellicosas que tinham avassallado consideravel tracto das ferteis planicies por elle visitadas. Por mais extravagantes que fossem estes contos, bastarão para dar origem á opinião de que uma terra, abundante de ouro, famosa pelo nome de El Dorado, e uma republica de Amazonas podiam ser vistas nesta parte do novo mundo; e tal é a propensão do genero humano para dar credito ao maravilhoso que só lentamente e com muita difficuldade é que a razão e a observação tem feito desprezar simillhante fabula. Esta viagem comtudo, mesmo desbastada de embellezamentos romanticos, merece ser lembrada, não sómente como uma das mais memoraveis occurrencias d'aquella época aventureira, mas tambem como o primeiro successo que fez conceber algumas noções menos imperfeitas das terras extensas, que se prolongam para o Oriente desde os Andes até ao mar (3).»

(1) Garcilaso de la Vega. Hist. Gener. del Perú. Madrid 1722. L. 3. Part. 2.ª Cap. 4, pag. 143 — a.

(2) Rob. Works. Lond. 1840, pag. 115.

(3) Rob. cita Zarate L. 4. C. 4. Gom. Hist. Cap. 86. Voy. L. 3. Cap. 4. Herr. Dec. 6. L. 11. Cap. 25. Rodrigues. El Maray. y Am. L. 1. C. 3.°

E tão perfeitamente conhecia elle o genio da sua época e dos seus concidadãos, tanto contava com o effeito que sobre elles produziria a narração de suas aventuras assim exageradas, que, como nos conta o padre Manoel Rodrigues (1) foi a terra das amazonas o que elle pediu ao imperador Carlos V; e foi isso o que lhe mereceu o despacho que requeria, porque obteve « carta patente de governador generalissimo do rio das amazonas para o recompensar de as ter subjugado em nome de sua magestade catholica (2).

Apezar de ter sido Orellana geralmente acreditado, Gomara, seu contemporaneo, exprime-se por tal fórma na historia geral das India, (3), que parece resentido, tanto do grosseiro embuste de Orellanas como da geral credulidade. Os outros escriptores que a este se seguiram, Vega, Herrera e o mesmo Zarate, escriptores de mais vulto, e os de mais conceito no que respeita ás Indias e descobrimentos dos hespanhóes, não prestaram fé alguma á tal sonhada republica ainda que relatem a tradição. Pelo contrario o que d'elles se poderá concluir, e o que parece certo é que oppondo-se ao desembarque de Orellana, algumas mulheres, ou medrosas ou valentes, porque defendiam a casa e os filhos, tomou esta occasião para exagerar as suas aventuras. E' isto o que se lê em Gomara, Vega, Herrera e Manoel Rodrigues. Não obsta que Orellana dissesse cousa differente; porque a larga relação da sua viagem por elle apresentada ao conselho das Indias, que então funccionava em Valladolid, poucos, e bem poucos annos depois, no tempo em que Gomará (4) escrevia a sua historia ja passava por pouco digna de conceito.

Si confrontamos os historiadores na parte em que referem esta viagem, e observamos o modo por que elles moralisam os factos que escrevem, veremos que ainda quando fosse fóra de toda a duvida

(1) Marañon y Amazonas. Madrid 1684. P. 9. L. 1. C. 3. Garcilaso—obra citada. V. nota.

(2) Recherch. Philos. T. 2, pag. 114.

(3) Anvers. 1554. C. 86, pag. 112.

(4) Hist. Gener. de las Indias. Cit. Cap. 86, pag. 111 v.— Entre los disparates que dijo (lê-se a pag. 112) fue afirmar que avia en este rio Amazonas con quien el y sus compañeros pelearon.

existirem amazonas no Maranhão, nem por isso se poderá concluir que Orellana as tenha encontrado e combatido.

No anno de 1540 sahio Gonzalo Pizarro do Perú ao descobrimento e conquista que então se chamou — da canella (1). Aborrecido de não encontrar o que procurava, e cansado de o perguntar aos indios que elle se persuadia lh'o occultavam por malicia, não poucas vezes tentou arrancar-lhes por meio de tractos um segredo que os pobres selvagens ignoravam. Assim morreram alguns atormentados, e meio vivos consumidos pelas chammas, emquanto outros eram dilacerados e devorados pelos cães, que tinham sido industriados nesta caçada humana (2). Foi então que destacou de si a Orellana para uma expedição, recommendando-lhe, que bem ou mal succedido voltasse com o bergantim, que levava e do qual careciam para a volta, e o esperasse na confluencia do Napo com o Amazonas.

As vistas de Orellana eram outras: deixou-se vir pelo rio abaixo, e quando a volta se tornara quasi impossivel, pela demora que teriam vencendo a corrente, continuou a seguir o curso do rio, tendo-se feito eleger capitão em nome do rei catholico. Tinha apenas passado o rio Negro, quando começou a encontrar noticia das amazonas. Era a ellas, segundo suppôz ter ouvido a um indio, que aquellas terras pertenciam. Fr. Gaspar de Carvajal (3) affirma ter sabido da existencia d'estas mulheres pelos indigenas, e que esta noticia lhe fôra confirmada por um chefe indio, o qual perguntando-lhe si iam ver as amazonas, que em sua lingua dizem — Cunhápuyara, que é o mesmo que grandes senhoras, accrescentára que vissem bem que eram poucos e ellas muitas. — Chegaram effectivamente a um lugar onde os indios se oppozeram aos hespanhoes com muita resolução, e corajosamente se defenderam. Então affirmou fr. Gaspar que si estes indios se defenderam com tanto encarniçamento era por serem tributarios das amazonas, e tanto que elle proprio e seus companheiros viram dez ou doze d'ellas, que andavam pelejando adiante dos indios,

(1) Gom. cit. Herr. Dec. 6. L. 7. Cap. 6, pag. 365.

(2) Herr. liv. cit.

(3) Her. D. 6. L. 9. C. 4, pag. 377 cit.

como capitães, e tão animosamente que os indios não ousavam voltar as costas, porque si algum fugia ante os castelhanos, ellas o matavam a cacete. Estas mulheres pareceram-lhes muito altas, corpulentas e brancas, com o cabello basto, trançado e enrolado na cabeça, em pêllo, mas com um ligeiro sendal;— com arcos e frechas nas mãos. Sete ou oito d'ellas foram mortas pelos castelhanos, e por este motivo, accrescenta o referido viajante, fugiram os indios que as acompanhavam.

Ora como estas mulheres combatiam conjunctamente com os homens, não é a ellas por certo que se referem os autores quando nos affirmam que existiram amazonas. Os proprios hespanhóes d'esta expedição, ao menos muitos d'elles, como nos diz Herrera (1) julgaram que o capitão Orellana não devia dar similhante nome a mulheres que pelejavam, nem com tão fracos fundamentos affirmar que havia amazonas; porque não é cousa nova nas Indias pelejarem as mulheres, e atirarem frechas, como se viu em algumas ilhas de Barlavento, Cartagena e Comarca, onde se mostraram tão animosas como os proprios homens.

Isto, accrescenta Herrera, eu o refiro como o acho nas memorias d'esta jornada, reservando o credito ao alvedrio de cada um; pois não acho para serem estas mulheres amazonas, mais do que o nome que estes castelhanos lhe quizeram dar.

Orellana, que parece ter previsto esta objecção, valeu-se mais uma vez do testemunho tão fallivel dos indios, dizendo, segundo Zarate (2), ter ouvido a um d'elles que ali havia um paiz unicamente habitado por mulheres, que sabiam combater e fazer guerra, e se defendiam muito bem dos seus vizinhos.

E' porém para notar-se que Zarate não nos dá integralmente a noticia que nos foi transferida por Orellana, e que este descobridor embellezou com quantas maravilhas lhe suggeriu a phantasia. Segundo Orellana, viviam essas mulheres da mesma maneira que as

(1) D. 6. L. 9. Cap. 4, pag. 378.

(2) Hist. de la decouverte et de la conquete du Perú. Paris 1742. L. 4. C. 4. T. 1, pag. 248.

antigas amazonas; eram riquissimas, possuiam muito ouro e prata, tinham cinco casas do sol com pavimentos de ouro, com habitações de pedra e cidades muradas, e tantas outras particularidades remata Herrara (1), que não me atrevo a crê-las, nem a affirma-las pela difficuldade em que me põe o saber que nestas cousas as relações dos indios são sempre incertas; e havendo o capitão Orellana confessado pouco antes que não entendia a estes indios, não parece que em tão poucos dias podia ser o seu vocabulario tão copioso e certo, que tantas particularidades se podessem entender a estes indios. Assim creia cada um o que lhe parecer. Vê-se pois bem claramente que nem so Herrera duvida da veracidade dos indios, como da boa fé dos aventureiros hespanhoes.

Resulta de quanto temos dito que um so facto se apresenta— o de ter Orellana combatido com mulheres que, diz elle, batiam com páos nos que fugiam. A asserção pode ser verdadeira, ainda que o facto podesse ter sido mal observado Conta-nos Lery (2), e aquelle que nos primeiros tempos da descoberta viajaram pelo Brasil, que as mulheres indigenas acompanhavam os maridos á guerra, e lhes apanhavam e ministravam durante a acção as settas disparadas pelos contrarios. Ora durante a acção os indios a que faltavam as settas vinham toma-las das mãos das mulheres para voltar ao combate, e no acto de lhes ministrarem armas, acompanhado das pantomimas que empregavam para ameaçar os inimigos, viriam os hespanhóes a acção de os espancarem, de os matar mesmo, si com a vivacidade da carreira faltasse o pé a algum dos indios apanhando as settas cahidas.

Algumas vezes mesmo combatiam as mulheres por necessidade, e principalmente nas tribus menos nobres, nas quaes, como em outra memoria fizemos observar, ja não era tão forte o sentimento da dignidade propria do guerreiro, que elle se pejasse de combater ao lado das mulheres. Entre os caraibas houve exemplos d'isso. Os marujos de Colombo deram caça a uma canôa tripolada por oito guerreiros e

(1) D. 6. L. 9. C. 2.

(2) Mock. Hist. de l'Am. Bruxelles 1847, pag. 59.

outras tantas mulheres: os selvagens caraibas se defenderam até á ultima extremidade; as mulheres armadas de arcos mostraram a mesma coragem, e depois de virada a canôa, salvaram-se a nado para um dos rochedos vizinhos, d'onde não cessaram de combater. Mas tambem d'este facto nada se póde concluir em favor da existencia das amazonas, sob pena de ser tal conclusão classificada como um disparate, como a classificou Gomara a respeito das amazonas de Orellana. « Que as mulheres andem alí com armas e pelejem não é muito, pois que em Paria (golfo na ilha da Trindade, onde aportou Colombo) que não é muito longe, e em muitas outras partes das Indias, o tem por costume; nem julgo que nenhuma córte ou queime o peito direito para poder atirar settas, pois que com elle as atiram mui bem; nem creio que matem ou engeitem os proprios filhos, nem que vivam sem maridos, pois são luxuriosissimas. Outros, independente de Orellana, tem levantado similhante balela de amazonas, depois que foram descobertas as Indias, e nunca tal se viu, nem se ha de ver tão pouco neste rio (1). » Para confirmar esta asserção do historiador hespanhol, que por muito arriscado no tempo em que elle a publicava (em 1554) so lhe podia ser arrancada por força da convicção,— mais de um seculo depois (isto é, em 1684) dizia o padre Manoel Rodrigues (2) que taes mulheres não existiam n'aquelle rio.

Si pois, como julgo ter demonstrado, a relação de Orellana é de pura imaginação, ainda quando se não podesse atinar com o motivo da sua invenção, nem por isso ficaria provada a sua veracidade. Mas esses motivos ja os deixei referidos — era a vaidade do navegante que pretendia inculcar o merecimento da sua viagem, e da sua pessoa, que tinha visto cousas tão extraordinarias, e corrido riscos tão imprevistos,— o ardil do criminoso que procura dar vulto e maiores proporções ás razões com que se justificava,— a manha emfim do pretendente, que requeria uma graça do seu monarcha.

Aquelles porém que assoalharam as suas phantasias, deveram ter,

(1) Gomara ob. cit.

(2) L. 1. C. 5, ob. cit. « Y no las hay por el Marañon arriba. »

e tiveram por certo motivos differentes. Oviedo, por exemplo, narrando a primeira navegação do Amazonas, e dirigindo as suas cartas ao cardeal Bembo, julgou dever lisongear o gosto de um homem tão familiar com o estudo da antiguidade classica, como nos revela a pureza da sua latinidade.

W. Ralegh não quiz senão despertar a curiosidade e estimular a cobiça dos seus contemporaneos. Referia elle que um irmão de Atabalipa, se evadira depois da destruição do imperio dos Incas, — tomando comsigo tão consideravel exercito de indios *Oryones* que havia conseguido conquistar todo o interior da Guyana. Mas nota-se que, devendo ter passado a historia que elle nos legou, no tempo de Diego de Ordas, vinha ella a tornar-se impossivel, ainda só chronologicamente fallando; porque Pizarro conquistava o Perú, no mesmo anno em que Ordas subia o Orenoco.

Ralegh queria tambem chamar a attenção da rainha Isabel para o grande imperio da Guyana, cuja acquisição propunha ao seu governo, e não se esqueceu do duplicado fim a que visava. Para o vulgo o maravilhoso, — para o governo o interesse — e para a rainha a lisonja.

Descreveu pois creaturas extraordinarias, seres monstruosamente phantasticos, taes como os ewaipanomas, nação de acephalos que tinham os olhos nas espaduas e a bocca nos peitos; — e relatou como em um dos templos do sol no Perú se havia achado a tradição de que o imperio dos Incas, destruido pelos hespanhóes seria restabelecido pelos inglezes. Para contentamento da cobiça descreveu o levantar-se do rei El Dorado, ao qual os seus camaristas armados de comprida sarabatanas sopravam todas as manhãs ouro em pó no corpo humedecido por oleos e essencias aromaticas; — e para satisfação da lisonja affirmava o cortezão valido que as amazonas ouviríam o nome da rainha virgem. E' certo, como observa Humboldt, que nada deveria ferir tanto a imaginação de Isabel, como a bellicosa republica das mulheres sem marido, como era ella, e que de mais a mais se encontravam com ella na resistencia que oppunham com feliz successo aos heróes castelhanos. O fim que Ralegh teve em vista manifesta-se

palpavelmente do modo por que elle conclue: « Fiar em Deos (escreve elle) (1) que é o rei dos reis e o senhor dos senhores, que elle porá no animo d'aquella que é senhora das senhoras a conquista do El Dorado.

Tão poucos autores temos que se occupem extensamente de W. Ralegh que nãor esistirei á tentação de dar aqui um ligeiro esboço do seu famoso descobrimento.

« Quando Diego de Ordas emprehendia a conquista do Orenoco, e tendo já subido rio acima cerca de tres mil milhas até ao logar chamado «Mariquito», achou consumida toda a sua provisão de polvora. Irritado por tal negligencia, condemnou á morte o seu quartel mestre, ou como então o chamavam os Hespanhóes, o seu mestre dos fornecimentos, cujo nome era João Martinez. Supplicaram-lhe os seus companheiros que poupasse a vida ao quartel-mestre, e o mais que puderam conseguir da misericordia de Ordas, foi ser abandonado Martinez em uma canôa sem alimento algum. A corrente o arrastou pelo rio abaixo até que sobre a tarde deu com uma tropa de Goyanos, que não tendo visto nunca homem branco, como apanhassem a este, puzeram-lhe uma venda, e o conduziram terras a dentro, fazendo uma jornada de quatorze ou quinze dias, para ser mostrado de cidade em cidade, até que chegaram a Manôa, a grande capital do Inca. Tiraram-lhe a venda á entrada da cidade, onde elles chegaram já de noite. Caminharam ao travéz das ruas toda essa noite e o dia seguinte até o sol posto, primeiro que chegassem ao palacio. N'esta cidade foi Martinez detido sete mezes; mas sem que lhe fosse licito sahir fóra das muralhas. No fim d'esse tempo lhe foi concedido voltar; e um troço de Goyanos carregados com quanto ouro podião. com que fôra presenteado, teve ordem de o reconduzir ao Orenoco. Chegados que foram a este rio, os selvagens o accommettem, despojam-no de todos os seus thesouros, excepto de duas cabaças cheias de contas de ouro, que lhe deixaram por suppôrem-nas cheias de alimento. Chegou Martinez á Trindade, e d'ali se dirigiu a S. João de

(1) Hakluyts — ob. cit. 3, 6 e 86.

Porto Rico, onde morreu, e por occasião da sua morte cedeu taes contas á igreja para os suffragios da sua alma, e deixou esta narrativa do seu descobrimento. O vestuario da côrte, como elle dizia, era de ouro em pó grudado no corpo, segundo a sabida fabula do El Dorado» (1).

O seculo em que Ralegh escrevia taes portentos do rei que se vestia de ouro em pó como os Jáos se pintavam de amarello, de mulheres sem homens, e de homens sem cabeça, era singularmente propenso a prestar uma fé implicita a tudo quanto era extraordinario, e isto explica a voga que tiveram no seu tempo, empregando-se dentro em pouco em toda a Europa os nomes de Potosi e El Dorado (nome do rei que depois erradamente se applicou ao paiz) para significar na linguagem do vulgo e na dos sabios a accummulação de grandes thesouros, e assim tambem a de riquezas fabulosas.

Esta razão porém não basta para explicar a propagação da noticia das Amazonas entre os individuos da America; porque não são só os habitantes d'este rio, mas indios de muitas linguas e de logares bem remotos os que attestam a sua existencia.

Hernando Ribera (2) declarou debaixo de juramento (anno de 1545), que nas suas explorações do interior do Paraguay, estes indios unanimemente e sem discrepar nas suas respostas, lhe affirmaram que a dez dias do logar em que estavam e na direcção do nordéste existiam mulheres, que possuiam grandes cidades, e tinham consideravel copia de metal amarello e branco; mas que os seus utensilios eram todos do metal amarello. Accrescentava que era o seu chefe uma mulher da mesma nação, que eram todas guerreiras e temidas dos naturaes, que antes de chegar ao seu paiz existia uma nação de indios muito pequenos, aos quaes ellas faziam guerra, — e do outro lado nações considerabilissimas de negros; — que emfim os seus antepassados as tinham visto, e elles o ouviram a nações vizinhas d'ellas.

(1) Sout. Hist. of Bra. Notas. T. 1, pag. 652.
(2) Ternaux. Voyages, Relations. etc. T. 6, pag. 490.

Não são estes unicamente os testemunhos, embora imperfeitos, da existencia d'estas mulheres; porque, como disse, similhante tradição se espalhou mais ao largo do que o poderamos suppôr.

Ulrich Schmidt (1) trata tambem das Amazonas, as quaes, segundo nos diz ter ouvido, habitavam n'uma ilha, — tinham um só peito, recebiam homens tres ou quatro vezes por anno; e si davam filhos á luz, os entregavam aos pais; e si filhas, guardavam-nas, e queimavam-lhes o seio direito para que pudessem encurvar o arco com mais facilidade.

Como em todas as relacões de viagens d'aquelle tempo na de Schmidt abundam as inverosimilhanças. Não é crivel, por exemplo, o que elle nos conta dos Xarruas ou Sherues, segundo a sua ortographia, cujo rei se banqueteava ao som de instrumentos, — que os fôra receber em um caminho limpo, aplanado e coberto de flôres, fazendo ao mesmo tempo bater o matto, de fórma que se achou a caça presa no caminho entre os europeos que chegavam e os indios que vinham a recebel-os, — e assim se mataram (diz-nos elle) trinta veados, vinte emas e não sei quantos outros animaes (2). Este rei magnifico deu-lhes de presente uma corôa de ouro, que tinha adquirido em uma guerra contra as Amazonas.

Ha ainda uma outra autoridade respeitavel pelo caracter sacerdotal e apostolico de que se revestira. O padre Cypriano Baraze, como se lê na sua biographia que o bispo da paz mandou imprimir (3), dizia que os Tapacures (ramo da tribu dos Moxos), dando-lhe noticia do paiz das Amazonas, affirmavam sem discordancia, nem excepção, haver para o lado do Oriente uma nação de mulheres bellicosas, que em certo tempo do anno recebiam homens em suas moradas, e que estas mulheres, matando os filhos, tinham grande cuidado com a educação das filhas, que desde crianças se exercitavam nos trabalhos da guerra.

(1) Cap. 37 (Ternaux). Tom. 5.°
(2) C. 36.
(3) Lettr. edif. Paris, 1732. T. 10 pag. 241.

A tradição porém deverá ter sido propagada por dous canaes differentes — pelos conquistadores e pelos mesmos indios.

Os conquistadores, crendo firmemente na possibilidade, e ainda mesmo na existencia de tal republica, viram, como Orellana, Amazonas nas mulheres que tinham por costume seguir os maridos á guerra, — ou nas que defendiam seus filhos e cabanas na ausencia dos maridos (1), — ou já como Colombo, não quizeram dar a essa palavra outra significação, que não fosse simplesmente a de mulheres que sabiam combater, o que era excepcional nos costumes da Europa, — ou por fim, o que era sobretudo indesculpavel, davam esse nome a congregações religiosas, a conventos de virgens mexicanas que viviam na maior austeridade e reclusão, longe de receberem homens em qualquer quadra que fosse do anno.

Quanto aos indios, estes tambem, pelo que imagino, não contribuiram pouco para assoalhar tal opinião. Credulos, e ao mesmo tempo mentirosos, amigos de contos e de maravilhas, é preciso não lhes mostrar muita curiosidade, nem muito interesse no que se lhes pergunta. Como crianças respondem muitas vezes no sentido em que suppoem que desejamos a resposta, e prestam facilmente o seu testemunho a cousas que nunca viram. Era mais geral entre elles a crença nos gigantes, nos pygmeus, nos homens de pés virados; e nem por isso se pretende argumentar que taes entes existiram, só porque era geral entre os indigenas a tradição da sua existencia.

Nota em primeiro logar que, apezar de tudo, nenhum indio assevera ter visto as Amazonas, sendo que o testemunho isolado de um só bem pouco faria para o caso.

Noto mais — que essa tradição predomina nos logares por onde andaram Hespanhóes, — e quer me parecer que elles desejando verificar a narração de Orellana, eram os que aos indios davam idéa de similhante facto, ao passo em que ingenuamente se persuadiam deverem-se dar por convencidos com o apoio que nelles encontravam.

Entre os escriptores portuguezes ha a este respeito menos credu-

(1) Fray. Pedro Simon. N. 6, cap. 26.

lidade. Brito Freire (1), tratando das consideraveis nações que habitavam o Amazonas, tem por fabulosas as dos Matujás, que nascem e andam com os pés ás avessas, — dos pygmeos Goajazis, — dos gigantes Curinquians, — e das Amazonas que lhe deram o nome; e o ouvidor Sampaio, não obstante ouvil-o aos indios, não pôde nunca acabar comsigo em crer no que elles lhe diziam, talvez por conhecel-os de bem perto.

Noto por fim que não havendo entre as tribus indigenas nenhum commercio ou communicação, conhecendo-se apenas aquellas com que confinavam, e com as quaes se achavam em estado de hostilidade permanente, é força — ou que consideremos a fabula das Amazonas como um d'aquelles erros e prejuizos communs á infancia de todos os povos, — ou que essa tradição lhes terá sido transmittida por uma raça que esteve em contacto com todos elles — com os Europeos. Ha tambem uma outra explicação; mas essa é apenas verosimil, e eu a reservo para outro logar.

La Condamine, autor cuja opinião nos reservamos a expôr ainda mais por extenso, como que argumenta que se deve crer na existencia das Amazonas porque os indios o relatam, sem que, de certo, tenham nenhum conhecimento de Justino ou Diodoro. Todavia pouco antes desta preposição nos diz o mesmo escriptor que alguns dos costumes que a estas mulheres se attribue tal como o de amputarem o peito direito ás filhas, são circumstancias accessorias, adulteradas ou accrescentadas pelos europeos, e que o amor do maravilhoso as teria feito adoptar pelos indios.

Não pondera este autor que o mesmo canal por onde se puderam vulgarisar entre os indigenas os ornatos com que Justino e Diodoro julgaram ter aformozeado esta fabula, basta para explicar o conhecimento que da propria fabula tinham os indigenas; pois que aquella circumstancia da deficiencia do peito é tão geralmente noticiada, que se constituiu como caracter essencial das Amazonas, como distinctivo dos seus costumes, — ou pelo menos como parte integrante da tra-

(1) Nova Lusitania. Lisboa, 1675. — pag. 21, nota.

dição. Não pondera sobretudo que si o amor ao maravilhoso é o que fez aos indios adoptar similhante circumstancia, era, nas suas idéas mais admiravel a formação de uma republica de mulheres, do que seria — para elles, acostumados a supportar soffrimentos para se endurecerem nas fadigas da guerra, — a cauterisação ou amputação do seio, operação cujos perigos mal poderiam elles suspeitar, e que o proprio Cunha refere de um modo tão singelo e simples como se tratasse de aparar as unhas ou de cortar o cabello. Pouco versado tambem nos costumes dos indigenas, o europeo não enxergava que essa circumstancia que torna incrivel o facto para os habitantes da Europa, era exactamente o que o torna verosimil para o selvagem da America meridional, que não poderia conceber, sem uma dolorosa iniciação guerreira, uma republica forte e armada, como seria de necessidade a das amazonas, a terem algum tempo existido.

Si além d'isto se considera que o Amazonas foi explorado logo nos primeiros tempos da descoberta do Brazil,— que foi navegado em todo o seu curso — em primeiro logar por Orellana, depois e em sentido contrario por Pedro Teixeira, em cuja companhia foi Christovão da Cunha,— que os demarcadores portuguezes e hespanhóes por ali andaram differentes vezes, em épocas diversas, por logares distantes, e em exames que ás vezes levaram annos;— que essas tribus, como em outro escripto procuramos demonstrar, haviam sido recalcadas do littoral para as margens e valle do Amazonas; si, por fim, a isto se accrescenta a curiosidade que teriam os europeos de verificarem as relações de Orellana, Oviedo, Ralegh e Cunha,— com facilidade se poderá suppôr que d'esta multiplicidade de informações pedidas deverá resultar a vulgaridade da noticia encontrada, — noticia que apezar de tudo não era lá muito vulgar.

Depois d'estas considerações tem logar o seguinte trecho de La Condamine (1).

« Poder-se-ha acreditar (diz elle), que selvagens de paizes tão remotos se tenham combinado para imaginar, sem fundamento, o

(1) La C. Relation d'un voyage fait dans l'intérieur de l'Amérique meridionale par Mr. de la C. Paris 1745.

mesmo facto?— e que esta pretendida fabula tenha sido adoptada com tanta uniformidade e tão universalmente em Minas, Pará, Cayenna e Venezuela,— entre tantas nações que se não comprehendem, e que nenhuma communicação tem entre si? »

Creio que estas objecções ja ficam respondidas,— e principalmente si attendermos que todos aquelles logares eram frequentados por caraybas, ou ramos bem proximos da mesma tribu,— e que todos elles se deviam mais ou menos ter resentido do retrocesso da população indigena, que se amalgamava e confundia na sua reemigração do sul para o norte.

Si queremos saber em que parte do Amazonas se estabelecera esta republica feminil, até n'isto encontraremos não pequena diversidade de opiniões.

Ralegh as faz habitantes do sul do Amazonas, junto ao rio Tapajoz: foi n'esse mesmo rio que La Condamine, seculo e meio depois (*), encontrou as afamadas pedras verdes, de que Ralegh asseverava que eram ricas. N'essa margem lhe foi communicada a tradição dos indigenas ácerca d'essas guerreiras que elle suppõe ter atravessado o Amazonas entre o Tefé e o Purús. Foi ainda n'esse mesmo rio que o portuguez Ribeiro, percorrendo os seus affluentes do norte, achou a mesma tradição, que fôra revelada a La Condamine.

Ha portanto duas opiniões a respeito do logar onde se suppõe que se estabeleceram as Amazonas, collocando-as uns ao norte, outros ao sul d'este rio. Ralegh e Condamine as collocam ao sul, e assim tambem Orellana, que chegando ao Amazonas, segundo se crê pelo Coca e o Napo parece ter combatido-as, que não eram, mas que elle denominou amazonas entre a foz do rio Negro e a do Xingu.

Outros porém as collocam ao norte, e, conforme as informações transmittidas pelos indios de Cayenna e do Pará — em differentes logares — umas vezes a oeste das grandes quedas do Oyapock, além dos indios amicuanes — tambem chamados *Orellados*, orelhas compridas, e que são os mesmos Oryones, de que falla Ralegh ;— outras

(*) 148 annos.

vezes a oeste do rio Arijó ou Irijó, que desagua no Amazonas um pouco ao sul do Araguary;— outras por fim—junto as cabeceiras do Cuchivaro.

Quanto a este ultimo rio deverei observar que o padre Gili, missionario que acredita na existencia das amazonas, patenteia a opinião de que não será inteiramente accidental a grande similhança que nota entre os nomes de Cuchivaro, affluente do Amazonas, junto ao qual deverão ellas ter passado este rio, e Cuchivero, affluente do Orenoco. Pretende o missionario que os aikeaubenano, descendentes das amazonas do Maranhão, deram á sua nova, o nome da anterior ou primitiva habitação. O sabio Humboldt duvida com razão, de similhante facto e de similhante genealogia.

No emtanto, como modernamente se tem querido argumentar com a opinião a este respeito apresentada por La Condamine, geralmente se crê, ou pelo menos se diz que as amazonas originarias do lago , d'ali se passaram ás montanhas do interior da Guyana, onde por certo não terão, nem julga o autor francez que tenham de ser descobertas nunca.

Sendo porém tempo de passarmos a expôr a opinião de La Condamine, a cuja viagem se deve nestes ultimos tempos o reapparecimento na scena litteraria das ja quasi deslembradas amazonas, eis o que para o caso nos parece digno de ser extractado da relação da sua viagem ao interior da America Meridional (*).

« No decurso da nossa viagem (escreve elle) questionamos por toda a parte aos indios das diversas nações, e d'elles nos informámos com grande cuidado si tinham algum conhecimento d'aquellas mulheres bellicosas, que Orellana pretendia ter encontrado e combatido; e si era verdade que ellas vivessem fóra do commercio dos homens, não os recebendo entre si senão uma so vez por anno. . . .

« Todos nos disseram tê-lo assim ouvido a seus pais, ajuntando mil particularidades, muitas longas de se repetirem, todas tendentes a confirmar que houve neste continente uma republica de mulheres

(*) Ob. cit., pag. 101.

que viviam sós, sem homens, e que se retiraram para o interior das terras do lado do norte, pelo rio Negro ou por um dos que pelo mesmo lado correm para o rio Maranhão.

« Um indio de *S. Joaquim de Omaguas* nos disse que por ventura encontrariamos ainda em Coari, um velho, cujo pai vira as amazonas. Sabemos em *Coari* que o indio, que nos tinha sido indicado havia fallecido; mas fallamos a seu filho, homem de 70 annos, e commandante de outros da mesma tribu. Este nos assegurou que seu pai as tinha visto passar na entrada do Cuchiuara, vindas do Cayamé, que desagua no Amazonas do lado do sul entre Tefé e Coari :— que tinha fallado a quatro d'entre ellas, que uma trazia um filho ao peito. . . .— que, deixando o Cuchiuara, atravessaram o *Grande Rio*, e tomaram o caminho do rio Negro. Omitto certos detalhes (diz La Condamine) pouco verosimeis; mas que nada importam ao essencial do assumpto.

« Abaixo do Coari nos disseram os indios a mesma cousa, variando só em algumas circumstancias; porém quanto ao ponto principal estavam todos de accordo.

« Um indio de Mortigura, missão vizinha do Pará (continúa o mesmo autor) offereceu-se para mostrar-me um rio, pelo qual, segundo entendia, se podia subir até a pequena distancia do paiz em que n'aquella actualidade se encontrariam amazonas. Era este rio o Irijó; e dizia o mesmo indio, que quando tal rio deixava de ser navegavel por causa das cachoeiras, era preciso, para se penetrar no paiz das amazonas, caminhar muitos dias pelos mattos para a banda de oeste, e atravessar um paiz montanhoso.

« Um veterano da guarnição de Cayena, assegurou que, sendo enviado em um destacamento para reconhecer o paiz em 1726, havia penetrado entre os *amicuanes*, nação de orelhas compridas, que habita além das cabeceiras do Oyapock, e junto ás de um outro rio, que desagua no Amazonas,— e que ali vira ao pescoço das mulheres as taes pedras verdes: — e que, perguntando aos indios d'onde as tiravam, responderam estes que lhes vinham do paiz das mulheres que *não tinham marido*, paiz que ficava a sete ou oito leguas de distancia para o lado do occidente. »

La Condamine observa que a nação dos amicuanes habita longe do mar, em um paiz elevado, onde os rios não são ainda navegaveis; e que assim, não era verosimil que elles tivessem recebido esta tradição dos indios do Amazonas, com os quaes não tinham relação de commercio.

« O que merece attenção (é ainda o mesmo autor quem falla) (*) é que emquanto as diversas relações designam o logar da residencia das Amazonas — umas para o oriente, — outras para o norte, e outras emfim para o occidente,—todas estas direcções differentes concorrem em collocar o centro commum nas montanhas do interior da Guyana, e em um recanto onde ainda não penetraram nem os Portuguezes do Pará, nem os Francezes de Cayena.

« Apezar de tudo, confesso que me seria bem difficil acreditar que as nossas Amazonas ali estejam actualmente estabelecidas, sem noticias mais positivas... »

Para desvanecer a duvida que poderá suscitar esta ingenua confissão da parte do seu mais acalorado defensor, La Condamine pondera que a nação ambulante das Amazonas poderá muito bem ter mudado de habitação.

« E o que mais que tudo, me parece verosimil (diz elle) é que ellas tinham com o tempo perdido os seus antigos costumes, quer fossem subjugadas por outra nação, quer, aborrecidas da sua soledade, as filhas esquecessem a aversão das mães para os homens. —Assim (conclue elle), quando hoje não deparassemos com vestigios d'essa Republica feminil, não seria isso bastante para affirmar que ellas não tinham existido nunca. »

O que d'este extracto se conclue é que La Condamine, em principios d'este seculo, achou no Amazonas a tradição d'essas mulheres que ninguem vira, e sómente lhe asseverava um indio de 70 annos que isso acontecêra a seu pai. Note-se agora, que, segundo a propria relação de La Condamine, quem devêra ter visto as Amazonas era o avô d'este indio, como seu pai affirmava; mas morto este ultimo, já o neto dizia que não era o avô, mas o proprio pai, que as víra.

(*) Pag. 107.

O escriptor portuguez Ribeiro, chegou na sua viagem ao Amazonas á povoação já então destruida de Cuchuiuára (que ficava na bocca do Purus), onde perguntando pelo indio, que transmittíra taes informações a La Condamine, verificou ter sido o sargento-mór da ordenança José da Costa Punilha, já então fallecido. « Porém (accrescenta elle) outro indio do dito logar, chamado José Manoel, alferes de ordenança, homem já de 70 annos para cima, e de bom proposito, natural da dita antiga povoação de Cuchuiuára, me assegurou ter ouvido dizer muitas vezes ao nomeado sargento-mór, o que este disse ao Sr. de La Condamine, segurando-me além d'isso que era n'este rio constante entre os indios a tradição da existencia das mulheres Amazonas, do qual se retiraram, entranhando-se nas terras do norte d'elle, da bocca do rio Negro para baixo. »

E' certo que esta tradição correu entre os indigenas do Amazonas, e correrá talvez ainda hoje; mas quanto a mim não fica explicado— si foram os Europeus os que a receberam dos indios,—ou si pelo contrario, como creio, foram elles os que lh'a transmittiram. Confirmo-me n'esta opinião quando as particularidades que La Condamine acha pouco verosimeis não eram senão o accessorio da fabula do velho mundo. A mesma conclusão podia Ribeiro tirar do dito do indio para a existencia das Amazonas, e comtudo decidiu-se pela negativa talvez porque melhor conhecedor do caracter dos indigenas, sabia quão pouco verdadeiros costumam ser, sendo homens credulos no que ouvem, e exagerados no que narram.

D'esta parte da sua viagem fez La Condamine uma memoria, que foi lida na Academia Real das Sciencias de Paris; mas entre os seus contemporaneos (como é bem de suppôr, e Humboldt no-lo assevera), não se julgou que elle tivesse tomado a defesa das Amazonas senão para captivar a attenção do seu auditorio com um facto, que era pelo menos admiravel.

Não nega comtudo o viajante francez que se possa allegar contra a verosimilhança de tal Republica (são palavras suas) a *impossibi-*

lidade de se estabelecer e subsistir; mas pretende que si em alguma parte poderáō ter existido Amazonas, não foi senão na America; — e que a vida errante das mulheres, seguindo os maridos nas suas expedições, e por outro lado a sua infelicidade domestica lhes despertariam a idéa, assim como lhes proporcionariam occasião de se esquivarem de um jugo tão incomportavel.

La Condamine não previa por certo quantas objecções soffre similhante hypothese. Como todas ou o maior numero das mulheres de uma tribu se poderão colligar e fugir, quando quasi diariamente acompanhavam seus maridos? Como em tribus resumidas se reuniram em numero bastante para formar uma Republica ou um corpo que fosse respeitado das nações por cujo territorio passasse, e em cuja vizinhança se estabelecessem? Como abandonar os filhos? Como subsistir por fim? De mais d'isso não era tão desesperada a condição das mulheres entre as tribus indigenas da America Meridional, que alguns autores modernos, que attentamente estudaram os seus costumes, não a reputem preferivel á das mulheres da classe inferior nos paizes mais civilisados e nas capitaes mais populosas da Europa. Este dito de d'Orbigny é confirmado e generalisado por um naturalista, a quem se não nega perspicacia, e cujas observações são de ordinario agudas, e não destituidas de profundeza. «No extremo de barbaridade (diz Virey) (*) não é o sexo feminino tão opprimido, como se poderá suppôr; porque se torna necessario como o centro da familia e esperança da nação, — emquanto os homens se occupam por fóra da caça e da pesca.»

Ainda no tempo em que o mundo scientifico e litterario se occupava com a dissertação de La Condamine, perguntou-se a Humboldt si elle seguia a mesma opinião do viajante francez. Humboldt que por si nada tinha podido verificar, porque não comprehendia a linguagem dos indigenas, julgou que se não devia rejeitar uma tradição tão geral, bem que perfeitamente aventasse quaes os motivos que puderam

(*) Hist. nat. du Gen Humainre. Pariz. 1854. T. 3, pag. 350.

ter levado á exageração os escriptores que deram mais voga ás Amazonas.

Apresenta comtudo um testemunho que elle reputa de algum peso, e dá uma explicação que suppõe satisfactoria. O testemunho é do padre Gili, e a explicação é com pouca e bem pouca differença a mesma de La Condamine.

«Perguntando (escreve o padre Gili) (*) a um indio *quaquá*, que nações habitavam o rio Cuchivero, elle nomeou-me... e os *aikeambenano*. Sabendo bem a lingua tamanaque, comprehendi sem difficuldade o sentido d'esta palavra que é composta, e significa — *mulheres vivendo sós*. O indio confirmou a minha observação, e contou-me que os Aikeambenano era uma reunião de mulheres, que fabricam longas sarabatanas e outros instrumentos de guerra... e que matam de pequena idade os filhos varões.

Quer Humboldt que esta historia se resinta das tradições dos indios do Maranhão e dos Caraybas; mas o mesmo autor accrescenta que o indio de que falla o padre Gili ignorava o castelhano, não tinha estado em contacto com os brancos, e não sabia de certo que ao sul do Orenoco existia um rio que se chama dos Aikeambenano, ou das mulhéres que vivem sós.

Humboldt conclue então: as mulheres fatigadas do estado de escravidão, em que eram tidas pelos homens, se reuniram, como negros fugidos, em algum *palenque*, onde o desejo de conservar a sua independencia as tornaria mais guerreiras, — e receberiam depois visitas de algumas tribus vizinhas e amigas, talvez menos methodicamente do que o refere a tradição. Basta que esta sociedade tenha algum vulto em qualquer parte da Guayana para que acontecimentos muito simplices, que se poderão ter repetido em differentes logares tenham sido pintados de uma maneira uniforme e exagerada.

La Condamine trouxera tambem para exemplo da possibilidade de uma Republica de mulheres os mocambos dos pretos; não julgando, ao que parece, que fosse um d'estes factos mais admiravel do que o

(*) Humboldt, ob. cit.

outro. Fogem os pretos é certo, e cousa bem commum; mas as pretas já não fogem na mesma proporção, nem em parte alguma formam quilombos só compostos de mulheres, pois isso lhes obsta a fraqueza, a irresolução da maior parte, o amor materno, e a natural dependencia do sexo.

Si além d'isto se attende a que La Condamine parece suppôr que as suas heroinas subsistem desde Orellana até o seu tempo, isto é,— por espaço de dous seculos e meio, ver-se-ha que nenhuma paridade se póde realmente descobrir entre uma republica de mulheres guerreiras, e um mucambo de pretos fugidos.

Inclinar-me-hei tambem para a opinião de Humboldt de que não devemos rejeitar inteiramente uma tradição tão vulgarisada: é mesmo possivel que ella tenha algum fundamento na historia da anniquilação dos nossos indigenas, mas por outro lado ser-me-ha permittido estabelecer ao mesmo tempo com o autor das Investigações Philosophicas (*) não ser possivel que em tempo algum tenha havido nem no novo mundo, nem em qualquer outra parte, uma verdadeira Republica de mulheres confederadas e unidas por um pacto social, por leis e constituições particulares, que tenham propagado a sua descendencia e o seu imperio durante muitas idades, não admittindo homens em sua companhia senão uma só vez por anno.

E pois que so com as da America nos occupamos, vejamos si poderão ter existido verdadeiras amazonas.

As verdadeiras amazonas deveram ter vivido em uma completa separação do outro sexo. Comtudo Orellana affirma tel-as visto em companhia de homens, a quem ellas dirigiam no combate, impondo-lhes mesmo no campo da batalha a pena dos cobardes. Segundo em antigos historiadores se lê, exemplos ha de povos entre os quaes predominava o sexo feminino. A este proposito Virey (**) appella para o testemunho de Diodoro o Siculo, e da obra que se intitula «Embaixada ao Thibet.» Ainda em tempos posteriores, como nos affirma

(*) Rech. Philosoph. pag. 110.
(**) Ob. cit.

um viajante moderno (Rienzi) (*), as mulheres das Marianas exerciam em tudo e por tudo o commando, excepto na guerra e na manobra de uma canôa. Mas sendo verosimil, como pretende Carli (**), que Diodoro Siculo se tenha deixado illudir, quando refere que as amazonas tinham imperio sobre os homens do seu paiz, parece tambem certo que entre os Mariannezes deu-se o mesmo facto que nos tempos feudaes e cavalleirosos da Europa, em que os homens mostravam extrema deferencia para com as mulheres, sem que d'ahi se possa deduzir que ellas tenham exercido imperio em tempo algum.

Por outro lado não é possivel crer, que os homens de uma nação, se deixassem avassallar e subjugar completamente pelas mulheres, porque seria preciso para isso que fossem todos elles muito poltrões; e todas ellas muito resolutas, e que de um momento para outro se achassem todas com a consciencia de uma superioridade que bem se lhes póde contestar, — emquanto os homens se sentissem aniquilados pela revelação fulminante da sua inferioridade—cousa que os proprios barbaros seriam os primeiros a não admittir.

Nada importa (como diz Virey) (***) que entre povos bellicosos e nas extremidades da guerra as mulheres tomem armas. Ha factos d'estes na historia de todos os povos, e na nossa mesmo que é ainda bem recente mais do que um exemplo glorioso se aponta.

Mas que as mulheres façam no manejo das armas a norma da vida, pretende Pass que é esse um acto contra a natureza, e um facto inadmissivel. Sustenta este autor (e a sua proposição nos parece um axioma) que podem os homens submetter-se ao imperio de uma mulher; mas não á aristocracia olygarchia do sexo feminino. De facto, si conveniencias de alta politica reclamam ás vezes a derogação da lei salica da humanidade, nunca as mulheres ou por força ou por astucia poderiam chegar a identicos resultados.

Pois, para que essas mulheres se não deixassem subjugar pelos

(*) Oc.—T. 1, p. 395. b. L'Univers.
(**) Litt. Am. T. 2. litt. 25.
(***) Ob. e log. cit.

homens, deveriam viver sos. Mas, admittida a hypothese, comose constituiu essa republica? — Si vieram da Scythia como o indicam os costumes que se lhes attribue, como poderam concluir similhante viagem? Si se organisaram no seio das tribus indigenas, como se combinaram, se evadiram e se encontraram todas nas mesmas disposições descaroaveis de abandonarem, ou, o que ainda menos admissivel seria, de sacrificarem seus filhos e maridos? — Depois de estabelecidas, como se puderam sustentar no meio de tribus bellicosas e aguerridas, e acostumadas a procurar nas tribus vizinhas escravas e mulheres, para se dispensarem do presente que deviam á familia da noiva que tomavam?

Dada a existencia de similhante republica, seria preciso admittir-se a reunião, conveniencia e boa harmonia de alguns milhares ou centenares de mulheres ao mesmo tempo insensatas, homicidas, infanticidas e guerreiras; e o caracter do sexo, como pondera o autor das Investigações Philosophicas (*), não poderia desmentir-se a ponto de commetter regularmente, de commum accôrdo e animo tranquillo, crimes que so raramente se perpetram, e por individuos agitados pela raiva, pelo temor ou desespero.

Admittamos porém que essas mulheres se tinham podido combinar para a fuga, estabelecerem-se, e subsistirem na vizinhança e em combates repetidos com as tribus aguerridas dos vizinhos.

Quaes eram os seus costumes? — Dizem-nos que cortavam um peito para poderem despedir as settas; mas esta asserção é dolorosissima, e mais perigosa ainda do que dolorosa, e sobretudo seria inutil; por isto, os autores regeitam esta circumstancia como inverosimil, e Gomara escreve das mulheres indigenas que ellas atiravam settas perfeitamente bem com ambos os peitos. — Então vieram outros que disseram: não, não cortavam o peito, — cauterisavam-no so, queimavam-no na infancia. — Mas nem a infancia talvez podesse resistir a essa dôr, nem as mães teriam a coragem de impol-a ás filhas por

(*) Tom. 2.º pag. 206.

amor de um systema, e so por fim, não fica por essa fórma explicada a necessidade da operação.

Outros depois emendaram que não cortavam, nem cauterisavam, mas sómente atrophiavam aquelle orgão por meio da pressão. E com que fim? — Para atirarem os seus projectis? mas si as podiam atirar com elle? Hyppocrates melhor pensador apresentava outra razão: as Amazonas o teriam feito para darem mais força e vigor ao braço. Mas observa Virey, ainda que uma educação mais viril, e acompanhada de mais e de maiores exercicios possam ás mulheres augmentar-lhes as forças, é no emtanto incontestavel que neste particular não poderáõ nunca ser equiparados aos homens.

Admittamos tambem que as Amazonas encontrassem homens, que se prestassem a fecunda-las, sendo inimigas encarniçadas, e com a certeza de que seriam dentro em pouco enxotados como os zangãos pelas abelhas. Quantas vezes receberiam homens? — Uma, dizem alguns; mas outros, attendendo á influencia do clima, á sua propria natureza, ao açodamento e festa com que recebiam os almejados hospedes, asseveram que eram quatro as vezes. As mulheres indigenas a quem se confiava a guarda dos prisioneiros, fugiam frequentemente com elles; e eram inimigos aquelles com quem assim fugiam, — o seu sacrificio era occasião de uma festa nacional, — e a sua fuga considerada como uma ignominia para sua familia e para a propria tribu. Ora, si, apezar de todas estas circumstancias, essas mulheres fugiam, como não fugiriam tambem as Amazonas com aquelles que hospedavam em vez de amigos, — ou como pelo menos no fim de tempos e de relações continuadas se não amalgamavam as tribus?

Isto porém será mais concludente. O que faziam estas mulheres dos filhos? — Uns e a maior parte dizem que os matavam. Mas onde ahi fica o coração materno? O infanticidio é um acto que repugna á natureza, e a que poucas mães são levadas por força da necessidade, do medo ou do mais intenso desespero. Não basta dizer-se que as Amazonas não seriam tão mães como as outras. — Não é assim; porque nem só o sentimento do amor materno é de todas as mães, como as Americanas os amavam tão extremosamente como em todos os paizes,

onde reina a polygamia, nos quaes a affeição materna, unica e exclusivamente se concentra em uma so vida. As amazonas eram tambem americanas.

Mas respondem outros: Não os matavam, entregavam-nos aos paes. Seja; mas quando os entregavam? No anno proximo, diz o padre Cunha; mas no anno proximo o filho teria tres mezes apenas. Seria o pae mais amoravel que o viesse buscar; porque era possivel ter entre ellas um filho ignorado? E si o fosse, convém ponderar tambem que o periodo da alimentação entre os selvagens era de tres. Já se vê que nada podia fazer de uma criança de tres mezes, de um anno, de dous ou de mais, um selvagem que vive dos recursos da caça, e sem ter onde fosse buscar amas.

Si a mãe os alimentava e educava durante a infancia, mais inverosimil se torna que não sentisse em favor d'elles o estremecimento de amor e de piedade, que sente a mercenaria a quem se confia um d'estes entes desgraçados orphãos de mãe e de amor.

Mas deixando ainda de parte estas circumstancias, ha outras de maior ponderação.

Entre os indigenas eram escassos os meios de subsistencia; por este motivo não havia grandes focos de população, — e apenas pequenas aldêas de algumas mil almas,—e todavia não se distrahiam homens para a lavoura, que era occupação quasi privativa das mulheres. A republica das amazonas devia ser igualmente muito limitada, e mais escassos os seus meios de subsistencia, por não haver classe alguma incumbida especialmente da agricultura. Ora, da mais populosa aldêa Tupinambá, deduzidas as velhas e as muito jovens, apenas se poderiam extrahir mil mulheres com animo e disposição bastantes para tentarem similhante aventura. Suppondo que estas logo depois de estabelecidas encontrassem Gargaris com os quaes se alliassem, haveria comtudo causas para que fosse espantoso o decrescimo da sua população.

Em primeiro logar, nem todas seriam fecundas, nem todas conceberiam logo: por outro lado demonstra a estatistica que nascem mais homens do que mulheres; — além d'isso, a experiencia confirma a

observação do vulgo de que nos primeiros annos do matrimonio nascem quasi exclusivamente homens: as amazonas variando annualmente de maridos, teriam mais filhos, do que filhas, que unicamente aproveitavam. Depois, concebendo todas ao mesmo tempo, estavam pouco aptas para resistirem á aggressão dos inimigos, que não deixariam de se aproveitar de tão favoravel ensejo. Devendo pois n'estes tempos criticos velar nas armas com mais assiduidade, e occuparem-se da propria subsistencia, esses exercicios violentos deveriam occasionar maior quantidade de abortos.

Si emfim consideramos que a raça americana era e é a menos prolifica de todas,— que as mãis gastavam tres annos com um filho, antes de se poderem occupar com o segundo, concluiremos por ventura que é impossivel que em taes circumstancias subsista uma republica de mulheres.

Ainda mais claramente: de 1,000 mulheres ficariam gravidas 800; e a proporção lhes é excessivamente favoravel: d'estas 800, abortaria a quarta parte, e seria maravilha que não abortassem todas; temos porém 600;— os filhos da maior parte d'estas serão homens, porque nascem mais homens do que mulheres,—temos 350 homens; nascem porém nos primeiros tempos do matrimonio quasi exclusivamente varões,— temos em resultado de mil mulheres quando muito 150 filhas. Occupando-se a mãi com uma so filha por tres annos, porque sendo gemeas, uma d'ellas, como dos filhos, tenha de ser sacrificada,— vemos que a reproducção não podia deixar de ser triennal. Deduzidas as que morressem até a idade de 15 annos, as amazonas que succumbissem de enfermidades, por accidentes ou nos combates,— temos que antes que as primeiras filhas chegassem á idade de poder encurvar um arco, ja deixaria de ter existido similhante republica.

Nem nos podem dizer que sejam por este calculo desfavorecidas as amazonas, si exceptuarmos o postulado de que cada uma d'ellas gastaria tres annos com a alimentação de um filho, e este não nos póde ser negado, porque é a imperiosa necessidade da vida selvagem. Digo que não é o calculo exagerado contra as amazonas, porque é preciso que as circumstancias sejam antes mais do que menos favo-

raveis para que uma população se possa duplicar no espaço de trinta annos, attendidas as naturaes quantidades do sexo e da idade. Ora seria isto o que acontecera quando em qualquer povo de 1,000 mulheres nubeis nascessem 150 filhas que passassem dos 15 annos. Tornemos mais claro o exemplo. Em uma população regularmente constituida, de 5.000,000 de almas,— mais de metade, isto é, mais de 2.500,000 são mulheres; porque supposto nasçam mais filhos do que filhas, como estes na primeira idade morrem em maior numero do que aquellas, chegam á idade pubere mais mulheres do que homens. D'estas 2.500,000 mulheres (calculamos pelo minimo) tirando-se as demasiadamente jovens e as que teriam passado a idade da concepção, podemos calcular que ficariam 1.000,000 de mulheres de idade de 12 a 40 annos. Ora, si 1,000 mulheres produzem 150 filhos, 1.000,000 produzirá 150,000 ou 4.500,000 (perto de 5.000,000 no espaço de 30 annos).

Dever-se-ia ainda duplicar este numero, pois si attendermos a que as amazonas teriam engeitado os filhos varões, dobrariam por esta fórma a sua população em 15 annos.

Si attendermos por fim a que consideramos que quasi toda a população das amazonas era prolifica, sem velhos, nem crianças, nem mulheres que não estivessem em idade de ter filhos, concluiriamos que se póde dar o caso de se dobrar uma população em cerca de tres annos: o que por certo seria mais estupendo que a propria existencia das amazonas. Foi isto o que dissemos: que 1,000 amazonas poderiam ter 500 filhos por anno, ou 1,500 em 3 annos!

Ainda assim dissemos: não poderiam subsistir por muito tempo; porque as guerras, as molestias, as fadigas demasiadamente asperas para o sexo, os abortos provenientes de taes excessos,— o incentivo que teriam os vizinhos para tomarem d'entre ellas escravas e mulheres, todas essas causas concorreriam para diminuir rapidamente similhante população,— e enfraquecendo-a aggravariam mais a sua condição com tornar mais precaria a sua sorte. Com a total anniquilação de taes insensatas, se vingaria a lei eterna da Providencia que creou os homens para viverem em familia.

Si nos repugna admittir a existencia de verdadeiras amazonas em

qualquer parte do mundo, si depõe em alto grão contra a sua existencia o facto incontestavel de não terem sido vistas nunca, nem por europeos, nem por indigena algum; porque de nenhum d'elles leio que fosse testemunha ocular, êmbora pouco digna de fé, ainda que no-lo jurassem; si tudo isto assim é: poderemos mais por deferencia para com a autoridade de Humbold, do que por consciencia admittir a sufficiencia da razão que este autor allega, de que não devemos regeitar inteiramente uma tradição tão vulgarisada.

E' possivel tambem, ainda que não seja muito provavel, como ja disse, que similhante hypothese tenha algum fundamento na historia da America. Algumas inducções historicas poderiam prestar-se á hypothese de muitas mulheres, que se vissem quasi simultaneamente privadas dos maridos, e ainda em grande parte dos filhos. D'esta fórma se guardaria a tradição explicando-a, e se respeitaria a autoridade de escriptores que, como o padre Gili, parecem possuidos de boa fé.

Disse um indio a este missionario que o rio Cuchivero era habitado pelos indios da nação Aikeambeuano, palavra que na lingua dos tamanaques, quer dizer — mulheres que vivem sós. Estas mulheres eram conhecidas como possuidoras das famosas pedras verdes, que ellas por certo não poderiam ter lavrado. Ora o padre Ives de Evreux (*) que Ferdinand Diniz cita como tendo recebido communicações muito positivas sobre estas mulheres, as reputa descendentes dos tupinambás, e é certo que estes indigenas possuiam grande numero d'estas pedras, e as tinham apezar disso em grande estimação.

Assim como os Botocudos usavam trazer no beiço inferior placas cylindricas de barrigudo, Maximiliano Newied (**) diz-nos que os Tupinambás traziam esse ornato, não de madeira, mas de pedras nephriticas verdes. De accôrdo com esta asserção, Ferdinand Diniz (***), accrescenta que alguns tupinambás, como referem os

(*) L'Univers. Brésil, pag. 300.
(**) T. 2 pag. 108.
(***) Pag. 13. ob. cit.

primeiros exploradores e viajantes que visitaram o Brazil, traziam até quatorze de similhantes pedras em differentes partes do rosto, e Azara o escreve tambem dos habitantes do Paraguay, que eram um ramo da lingua geral.

Lemos na noticia da viagem do capitão Pedro Alvares (*) que alguns dos tupinambás usavam trazer no beiço uma pedra azul ou verde; e em Lery (**) — que os guerreiros, emquanto mancebos usavam um osso branco, e quando homens uma pedra verde; e que outros d'entre elles não se contentando de os trazer nos labios, furavam as faces e ali as punham igualmente. Lery as qualifica de falsas esmeraldas.

Estas pedras eram tão estimadas que um francez, querendo negociar uma d'ellas com um selvagem, este recusou-se a isso, affirmando que a não daria nem pelo seu navio com todo o carregamento.

As achas eram de um mineral tam similhante que Buffon e outros mineralogistas as confundiram.

Vê-se pois que os tupinambás ou eram os possuidores originarios de similhantes pedras, ou pelo menos eram entre elles de um uso quasi geral.

Sabemos que os tupinambás, ou melhor a raça tupi se espalhava e occupava todo o littoral do Brazil, — e que com a chegada dos europeos, e depois de vencidos por elles, procuraram recolher-se nas margens do amazonas e nas terras do norte, e foi n'esse mesmo periodo que os caraibas das ilhas começaram a devastar o continente.

Não são ignorados os costumes dos caraibas: implacaveis com os prisioneiros, abstinham-se de dar morte ás mulheres as quaes eram reservadas para escravas. Era isso o que já haviam praticado quando invadiram as Antilhas. Contavam os selvagens de S. Domingos que aquellas ilhas eram habitadas por uma nação de aruages, que os caraibas destruiram completamente, com a excepção das mulheres.

Cahiram os tupinambás victimas d'elles, e em seu poder as pedras verdes. Não usando os caraibas d'este ornato, e não o reputando

(*) C. 2.°—(Not. para a Hist. e Geogr. das N. ultr.—T. 3.°)

(**) Pag. 98.

dotados das propriedades maravilhosas, que depois lhes attribuiram os europeos, tomaram-nas como moeda para servirem de meio circulante nas suas transacções reciprocas ou com os colonos. Datará desde então, e não desde muitos seculos como pretende Humboldt, serem ellas objecto de commercio entre os indios ao norte e ao sul do Orenoco. Diz-nos o mesmo autor que foram os caraibas os que fizeram taes pedras conhecidas nas costas da Guyana,—e assevera-nos que corriam como dinheiro, e se vendiam por altos preços, mesmo entre os colonos hespanhóes.

Vencidos e anniquilados os tupinambás, o que seria das suas mulheres? Conduzidas pelo resto dos guerreiros da tribu, a maior parte dos quaes seriam provavelmente velhos e crianças retrocederiam na sua emigração; e como os velhos e crianças succumbiriam mais facilmente aos incommodos e fadigas da jornada, chegariam de volta ao Amazonas, quasi sem homens, d'onde, na linguagem figurada dos indios, lhe poderá ter vindo a designação—de Aikeambenano, ou de mulheres que viviam sem homens.

Os caraibas porém eram inimigos terriveis, que pela maior parte das vezes não deixariam escapar as mulheres dos vencidos. N'este caso, o que fariam ellas? Si algumas de sua propria nação preferiram fugir a tão deshumanos senhores para se reunirem aos quilombolas da ilha de S. Vicente; não será fóra de probabilidade suppormos que outras, resentidas da morte dos maridos, filhos e parentes, se conloiassem em maior numero, procurando as tribus alliadas e amigas ao travéz das quaes teriam passado na sua emigração para o norte.

Achar-se-hiam possuidoras de taes pedras por tirarem-nas do rosto aos que morressem no combate, a que era costume seu assistirem, —ou dos velhos que se esmeravam em trazel-as em grande numero, e que succumbissem durante a jornada. Nem é muito de crer que se descuidassem d'isso, sendo taes objectos de tanta estimação.

Por outro lado, ou roubando na sua fuga armas com que se defendessem, ou herdando-as—armas que lhes seriam de pouco prestimo

(*) T. 8 p. 10.

apenas se alliassem a outras tribus,— póde d'aqui originar-se a tradição — das mulheres fabricantes de excellentes armas, e de possuidoras das famosas pedras verdes.

Repito que não passa isto de uma hypothese que eu já me contento que seja a explicação plausivel de uma tradição existente. Mas si se trata de verdadeiras amazonas, concluo que nem na Europa, nem na America existiram; e que ainda dada como provavel ou sómente como possivel a sua existencia, não encontro nem nos antigos escriptores, nem nos modernos viajantes razoavel fundamento para me decidir pela affirmativa.

NOTAS.

Lê-se na obra «El Marañon y Amazonas» — do padre Manoel Rodriguez. — 1648. Madrid. L. 1 cap. 3.° — «.... hallando ya algunos moradores en las riberas del rio con quines tuvo algunas refriegas, y se mostraron muy feroces; y en algunas partes salian las mesmas mugeres a pelear con ellos. Por lo qual y por engrandecer Orellana su jornada, dixeo que aquella era tierra de Amazonas, y en la conquista que pedio a S. M. la llama assi:»

Garcilazo diz quasi pelas mesmas palavras: «F. Orellana tuvo por el rio abajo algunas refriegas, con los indios, moradores de aquella ribera, que se mostraron mui fieros, donde en algunas partes salieron las mugeres á pelear, juntamente con sus maridos. Por lo qual, por engradecer Orellana su jornada, dijo que era tierra de Amaçonas: y assi pedio a S. M. la conquista de ellas.» *Historia General del Peru.* Madrid, 1722. Liv. 3.° Part. 2.° cap 4.°

ENSAIO SOBRE OS JESUITAS.

> Il Gesuitismo, istituzione umana, nata col tempo, e destinata a perir col tempo assai piú presto di altri dello stesso genere, perchè fiorita breve spazio, a poco andare declinò, scadde, precipitò, si spense, risorse, ma senza migliorare, anzi con notabile peggioramento, e con segni de più attempata vecchiezza.
>
> (*Il Gesuita Moderno* per V. Gioberti, cap. 1.º)

Desde a idade de vinte annos, em que começamos nossas lides jornalisticas, o objecto que mais nos interessou foi a solução do grande problema—si os jesuitas tinham sido uteis, ou prejudiciaes ao mundo em geral e em particular ao Brazil—. Nos archivos das nossas gloriosas tradições encontravamos constantemente o nome d'esses regulares, seus trabalhos apostolicos, sua lucta com os primeiros colonos ácerca da liberdade dos indigenas, viamos seu zelo pela diffusão das luzes multiplicando seus collegios, despertando o gosto pela litteratura sagrada e profana; e cheio d'enthusiasmo por esses benemeritos varões inscrevemos nosso obscuro nome no catalogo dos apologistas da companhia de Jesus. Quizemos depois profundar nossas investigações, quizemos estudar sua marcha através dos paramos da historia, compulsamos seus annaes, e vimos com admiração que os discipulos de Loyola tinham por toda a parte deixado um sulco luminoso: e cada vez nos apaixonavamos mais por essa celebre instituição, que no dizer do visconde de Bonald, é a mais perfeita que tenha sahido de mãos humanas. Tomamos então sua defesa, arrostamos a impopularidade que d'ahi nos provinha, folgavamos até certo ponto que nos averbassem de —*Jesuita*—, porque para nós essa palavra era o compendio do padre virtuoso e dedicado á causa da Igreja. Protestamos pela imprensa contra tudo o que nos parecia ser-lhes contrario;

reputavamos uma clamorosa injustiça, um delicto d'ingratidão tudo o que em seu desfavor se podesse dizer. Nossos epinicios foram acolhidos com frieza pelo publico, e até pelos homens sensatos e d'uma orthodoxia superior a menor suspeita: alguns aconselhavam-nos que estudassemos tambem os livros dos adversarios, que contemplassemos a medalha pelo seu reverso, e que pondo de parte o espirito de systema, interrogassemos com imparcialidade o passado. Causaram-nos taes palavras a devida impressão, a nós, que, posto que joven, não cerramos os ouvidos ás lições da experiencia, e que por habito e educação, respeitamos os conselhos dos anciões. Haviamos encetado o penoso trabalho da decomposição das nossas ideias, quando um feliz ensejo se nos apresentou de melhor conhecermos o terreno, sobre o qual deveramos assentar a base das nossas operações: realisavam-se nossos mais deirados sonhos; partiamos para a Europa. Pequena foi nossa demora na capital do orbe catholico, porém marca ella a mais bella épocha da nossa vida, colhemos da boca dos sabios oraculos que estes jamais confiam aos livros, avaliamos por nós mesmo o quanto dista a practica da theoria: tudo desejamos ver, tudo perguntavamos, e talvez que d'essa nossa disposição d'espirito resultassem algumas vantagens para o esclarecimento da importante questão, qu'ora nos occupa. Não se collija porém d'estas nossas palavras, que renegamos inteiramente nossos antigos principios, que passamos para o campo inimigo com armas e bagagens: apenas modificamos as nossas ideias, e desde já pedimos venia para expor com rude franqueza os motivos, que a isso nos levaram, implorando indulgencia pela audacia com que entramos em tão ardua tarefa, e correcção pelos infinitos erros, de que deve abundar este nosso trabalho. Para mór facilidade dividi-lo-hemos em duas partes; na primeira trataremos dos jesuitas em geral, e na segunda dos do Brazil, rogando ainda uma vez que seja esta nossa tosca producção considerada como um ligeiro ensaio, como estreia escripta unicamente com o fito de supplicar uma cadeira no recinto dos nossos sabios para de mais perto ouvir suas doutas prelecções.

I.

A idade media acaba de mergulhar-se n'occaso da historia: começam os tempos modernos marcados por gigantescos e providenciaes acontecimentos. Guttemberg inventa os caracteres moveis da imprensa; Vasco da Gama dobra o Cabo da Boa Esperança abrindo novo caminho para as Indias, Magalhães faz o gyro do mundo, e Christovam Colombo descobre immensas regiões, ás quaes outro devera dar seu nome. O Baixo Imperio succumbe sob o alfange de Mahomet II e os sabios gregos escapando ás ruinas do seu bello paiz vem buscar na Italia, irman da Grecia pelo clima, costumes, e até pelas suas revoluções, um asylo, em que possam respirar a aura sagrada da liberdade. Abrem-lhes os Medicis as portas de Florença, offerecendo-lhes magnifica hospitalidade; e emquanto nos reinos do norte da Europa os Huniades detem os progressos do Mahometismo, os cavalleiros de Rhodes, commandados pelo seu gran mestre d'Aubusson, se dedicam pela christandade. O mundo entra em nova phase: a hegira da civilisação.

De tempos em tempos alguns innovadores escapando-se das solidões do claustro, ou das sombras do sanctuario soltavam o brado da rebellião contra a authoridade da Igreja, sahira a Sancta Sé sempre victoriosa d'estes combates: o campo da batalha porém mudara com o decimo sexto seculo: o choque das ideias e das intelligencias lançava novo desusado esplendor por toda a Europa. A Igreja anathematisando a Wicleff e a João Huss, fazia-os perecer pela mão do algoz, mas o germen das heresias fora confiadado a um terreno fecundo pelos grandes abusos que então se praticavam em nome da Religião, e contra os quaes clamavam os mais illustres sanctos. « A reforma do « 16.º seculo, diz o senhor *Carlos de Remusat* no seu excellente « artigo sobre a *Reforma e o Protestantismo* inserto na *Revista* « dos *Dous Mundos* de 15 de Junho do corrente anno, é um acon- « tecimento europeu; manifestou-se como que ao mesmo tempo nos « principaes paizes da Europa. Em menos de dez annos tinha inva-

« dido a Allemanha, a Suissa, a França e a Inglaterra. Sua appari-
« ção quasi que simultanea e seu prompto desenvolvimento sobre
« pontos tão diversos provam que provinha d'uma causa geral, e por
« toda a parte mostrou-se com caracteres communs, que attestam a
« existencia de certa unidade. »

A espada cedera o lugar á penna: não necessitava de guerreiros o Catholicismo e sim de doutores. Tinham desapparecido as ordens militares, á similhança do obreiro que se retira quando termina o seu trabalho. As ordens monasticas e mendicantes, vivendo pela natureza dos seus institutos entre o altar e o claustro, ignoravam os negocios do mundo, do qual se haviam segregado por solemne profissão, não estavam portanto em estado d'entrar n'arena para combater com athletas, que recusavam suas armas espirituaes, e chamavam os campeões da Igreja para o campo das sciencias e da litteratura profana. Appareceram esses novos lidadores no momento preciso; a erudição mostrou-se em defeza do dogma, e o mundo teve ainda uma prova de que á Esposa de Jesus Christo nunca faltará o celeste auxilio. A obra humana, o mais solidamente edificada, que imaginar se possa, teria sido derribada pelo violento vendaval, que açoitou o baixel de Pedro no 16.° seculo: mas a obra divina sahiu pulchra e radiante d'esta nova provação. Eram necessarios homens dedicados aos interesses catholicos, cuja unica occupação fosse o estudar os erros do seculo, e profliga-los com a sua mesma linguagem; n'um tempo d'independencia e de livre exame havia-se mister d'homens que fizessem abnegação da vontade, consagrando e praticando o difficil principio da obediencia absoluta: e a companhia de Jesus foi fundada por S. Ignacio de Loyola.

Quem diria, que estava reservada ao valente cavalleiro, que depois de ter obrado prodigios de valor, era gravemente ferido no cerco de Pamplona, a gloria d'inscrever seu nome ao lado dos Domingos e dos Franciscos? Quando D. Ignacio de Loyola transportado ao castello paterno pedia para distrahir-se um livro, esperava certamente que lhe trouxessem os *Amadis das Gallias*, ou qualquer outra historia romanesca d'essa épocha tão bem caracterisada pelo immor-

tal Cervantes; mas por uma disposição particular da providencia não foi possivel encontrar similhantes livros em todo um castello feudal, trazendo-se-lhe em seu lugar a *Vida de Jesus Christo*, e o *Flos Sanctorum*. Tal leitura produzio profunda impressão no animo bellicoso do nobre byscainho, que em vez de querer combater mouros, dedicou-se exclusivamente á grande obra da conversão dos infieis.

Todos sabem como o illustre cavalleiro de Jesus e de Maria fez a vigilia das armas no mosteiro de Monserrate, e como no dia seguinte suspendendo a sua espada n'um dos pilares do templo partiu para a gruta de Manresa, onde devera ser visitado por extasis e visões divinas, e onde devera escrever esses *exercicios espirituaes*, que tem sido tão diversamente interpretados.

Abrasado pelo desejo de mudar a face do mundo conheceu Ignacio que havia mister da sciencia profana, e ei-lo na idade de trinta e tres annos sentado n'um banco escolar entre meninos aprendendo os primeiros rudimentos da lingua latina. Admiravel exemplo d'humildade dado por um *hidalgo* educado nos principios e preconceitos da idade media! As universidades de Salamanca e a de Paris o viram successivamente no numero dos seus alumnos; mas era nesta ultima onde devera estabelecer a sua propaganda, chamando para seus cooperadores alguns dos seus mais distinctos condiscipulos.

No dia 15 d'Agosto do anno da graça 1534, n'uma capella subterranea da famosa igreja de Montmartre, e no mesmo sitio, onde uma pia tradição assevera que fora decapitado S. Dionysio, seis mancebos capitaneados por Ignacio prestavam nas mãos de Lefevre, o unico sacerdote d'entre elles, o juramento de viverem sempre unidos, proferiram os votos solemnes de pobreza, castidade e obediencia, e lançavam d'est'arte a primeira pedra d'esse edificio, que devera em breve causar a admiração do mundo.

Não acompanharemos a Loyola e aos seus companheiros em sua vida peregrina; pregando de dia nas igrejas e passando as noites nos hospitaes junto á cabeceira dos enfermos, omittiremos a sua estada em Veneza, onde a sua presença tão grande alarme causou aos protestan-

tes, para ve-los chegar a Roma; lançarem-se aos pés de Paulo III implorando do Summo Pontifice, a approvação da sua regra.

O livro das *Constituições* e *Declarações* da companhia de Jesus escripto todo por S. Ignacio em lingua hespanhola é um codigo perfeito, concebido com grande engenho e executado com pasmosa sabedoria, e que conquistaram para o seu auctor o titulo de *Lycurgo-christão*. Seja-nos porém licito dizer que apezar de ser obra d'um sancto não é isenta d'imperfeições; devidas umas ao caracter do legislador, que transportava o espirito guerreiro dos seus verdes annos ainda para os misteres mais pacificos, de que temos a prova até na denominação da sua Ordem, e outras originadas pelo ardente anhelo de tocar a perfectibilidade, tão opposta á fraqueza da essencia humana.

Revela o livro das *Constituições* profundo conhecimento do coração humano, e notavel arte de governar; mas considerado em seu todo é uma especie de republica de Platão, systema impossivel de praticar-se. Seria preciso mudar inteiramente a natureza do homem, despoja-lo das suas paixões para que então pudesse attingir ao seu tão suspirado fim, qual o de generalisar por toda uma numerosa congregação virtudes heroicas, que Deos concede a algumas almas escolhidas.

Assignalaremos apenas dous pontos sobre os quaes versa toda a economia da sociedade, a autoridade do geral, e as provas, a que são submettidos os candidatos.

O poder absoluto conferido ao geral presuppõe nelle grande virtude, e não vulgar sabedoria. E' a cabeça que pensa em toda a companhia, cujos membros são machinas postas á sua disposição. O unico correctivo a tão desmarcada autoridade é a instituição de quatro *assistentes*, que em casos rarissimos, como no de publicos e escandalosos peccados, no da dissipação dos bens da ordem, tem o direito de suspendê-lo convocando immediatamente a congregação geral, que deve tomar conhecimento d'accusação e punir o culpado. « Si a companhia, diz *Gioberti*, fosse sempre capitaneada « por um homem dotado d'altissimo engenho, a autoridade de geral « optimo instrumento para operarem-se maravilhosas cousas, pois

« que a sua mente poderia conceber grandes emprezas, seu animo « executa-las, fornecendo-lhe o seu infinito poder os recursos ne- « cessarios para leva-las a effeito. » Si se juntasse a esse engenho eminente não menos singular virtude (como em Ignacio) nenhum inconveniente havia em depositar nas mãos d'um homem os futuros destinos da corporação. Mas si por ventura o chefe da ordem abrigasse em seu peito alguns d'esses vicios tão frequentes nas regiões do poder, como a ambição, a vaidade, o funesto orgulho de querer sempre fazer triumphar o seu alvedrio, ou quando virtuosissimo possuisse um espirito apoucado, incapaz de conceber e executar grandes cousas, que uso poderá fazer da autoridade discricionaria que lhe conferem as *constituições?* Si o geral for dotado de habilidade e vigor como um Laynez, um Aquaviva, um Gruber supprirá pela intelligencia o que lhe faltar em santidade, e a aristocracia da ordem debalde se opporá á sua vontade, postoque intimamente convencida, que ella se oppõe ao espirito do seu instituto, e ás piedosas vistas do seu fundador; mas si for debil como um Vitelleschi, ou um Ricci, seu poder se reduzirá a zero, e em vez de ser a ordem uma monarchia se converterá oligarchia.

Cremos que tambem não foi bem consultada a natureza humana na instituição do noviciado jesuitico: abrange elle tres annos, posto que rigorosamente fallando não seja menos de dezoito annos o tempo de prova para ser definitivamente addicto á companhia, segundo o testemunho dos historiadores da ordem como Bartoli. Citemos suas mesmas palavras: « Primeramente ella (la compagnia) ha tre anni « de strettessimo noviziato, due al principio quando s'entra, ed « uno finiti gli stredj. 2.° Oltre a ciò, ha intorno a dicioto anni di « prova, nei quali si vive sotto continue osservazioni e censure de « varj superiori, e fannosi di molti esami sopra il vivere d'og- « nuno: e intanto dove altri non viriesca di tanto spirito e virtú, « quanto è di dovere che abbia de'essere unito con la religione, si « per rimetterlo altri mèzzi non vagliano, ella se ne libera e « lo rimanda al secolo. Perciò a tanto si differesce l'incorporare « nell'Ordine con la professione, o il repone in altro grado piú

« basso, secondo talenti e 'l merito de ciascuno. 3.° E questa an-
« cora è una delle osservanze proprie nostre: lo stare in via, in
« prova, ove alcun demerito il rechieggia, e intanto disposto a
« ricever dipoi quel grado alto o basso, dove secondo le costitu-
« zioni, pare al proposito generale di riporne, perchè immutabil-
« mente vi stia tutto il rimanente della vita.» (*Vita de Sant'Ignazio tom. 3. cap.* 13.)

Durante esse tão longo periodo o homem transforma-se inteiramente: perde a indole que de Deos recebêra para metamorphosear-se em jesuita. Cumpre examinar si ganha ou perde o noviço com uma tão completa mudança da natureza. As puras e santas intenções do illustre fundador eram certamente corrigir os defeitos inherentes á natureza humana, levando seus discipulos á perfeição da vida espiritual; mas os meios, que para tal fim empregou não são, no nosso humilde entender, os mais proprios, ou por outra, não são isemptos de graves inconvenientes, que talvez neutralisam, senão nullificam os bens que d'elles poderiam provir. Vejamos si podemos demonstrar a nossa proposição.

As duas bases sobre as quaes se assenta o noviciado jesuitico são, a obediencia passiva aos superiores, e o mysticismo absoluto, que exclue todo o estado e occupação litteraria, concentrando as faculdades d'alma nas continuas meditações e praticas devotas. Ora, por pouco exageradas que sejam estas duas tendencias violentam ellas a natureza humana: porque a obediencia illimitada destroe necessariamente a razão e o livre arbitrio, e transforma as pessoas em cousas; e o desmarcado mysticismo extinguindo nos jovens corações as mais nobres e doces affeições, que o céo lhes infunde, como sejam o amor dos pais, dos amigos e da patria, anniquila as faculdades activas, e põe a vida terrestre em contradicção violenta e necessaria com a que se dedica. Essa violação da natureza é ainda contraria ao Evangelho, que tende a aperfeiçoar e santificar as legitimas e puras affeições, levantando o edificio da companhia sobre um terreno esterilisado pela absoluta ausencia de tão nobres sentimentos. Assim, o noviciado

dos Jesuitas, apoia-se na cega abnegação da propria vontade reunida a um ideial mysticismo, annullando a personalidade humana, torna o homem mais apto ao predominio da phantasia, e segregando-o do mundo sensivel dispõe seu animo a uma inteira e asiatica servidão.

Resumindo o que acabamos de dizer das *Constituições* de Loyola poderemos assignar como causa immediata da decadencia e degeneração do instituto a duas razões principaes : o excessivo poder confiado ao geral, e a absoluta obediencia e mysticismo dos neophytos, ambas originadas pelo erro d'um homem extraordinario, e d'um grande sancto; mas que não sabe calcular até que ponto poderiam chegar as da humanidade.

Consagrando seu tempo precioso á difficil tarefa d'organisar uma ordem, que devera exceder a todas as outras, Ignacio, que sabia, que a vida do homem é uma serie não interrompida de combates, descia do seu Sinai, para occupar-se com as cousas as mais pequenas n'apparencia, resolvendo as difficuldades, pondo freio a todas as paixões. Comprehendeu esse grande genio que era necessario enviar seus padres para o campo da batalha, que então se pelejava em quasi todos os reinos da Europa. O espirito da época, as idéas novas chamavam a igreja a terreiro, e esta não devera responder unicamente com excommunhões ao cartel que lhe lançava a heresia. Roma fazia um appello a todos os theologos catholicos confiando-lhes a defeza do dogma: e os Jesuitas se apresentaram nessa honrosa arena, que acabava de abrir-se.

Poucos, oh! bem poucos eram elles: mas d'esses poucos deveram sahir os mais valentes campeões da igreja romana. « A « Italia, como muito bem se exprime o senhor Critineau Joly, « palpitava então debaixo do cutello do algoz: contava seus mar- « tyres por milhares; a ruina sentava-se á porta das suas cabanas: « aqui se proscrevia, ali confiscava-se, por toda a parte degol- « lava-se. » Eram precisos missionarios dedicados, homens d'abnegação e de fé, que fossem consolar os filhos da verde Erim, que lhes fizessem ver que a igreja, sua extremosa mãi não os

abandonava nas criticas e difficeis conjuncturas, em que se achavam, e Paulo III envia-lhes Pasquier e Salmeron, discipulos de Ignacio, na qualidade legados-apostolicos.

Este cargo outr'ora tão cobiçado era então evitado: fugia-se d'elle, como do quasi inevitavel martyrio: em toda a parte lavrava o fogo da guerra religiosa: ouvia-se em todos os lugares dominados pelo protestantismo o grito funesto *de morte aos Padres.* Tinham de passar pelas fronteiras da França, onde só resoava o tinido das armas; deveram visitar a Escossia, onde Jacques V reinava, debaixo das inspirações de seu tio Henrique VIII o implacavel inimigo do nome catholico, do qual já fôra defensor; mas protegidos por Aquelle, a quem votavam a sua existencia, chegaram felizmente á Irlanda, onde contribuiram poderosamente para arraigar no coração d'esse povo essa fé ardente, que ainda hoje faz a admiração do universo.

Os padres da companhia se dispersavam por todas as cidades, como sentinellas avançadas do catholicismo; uns como Lefevre e Laynez partem para Veneza, este vasto emporio do commercio do Levante, onde todas as seitas entretinham emissarios e procuravam fazer proselytos: outros como Rodrigues e Xavier tomam o caminho de Portugal para onde os chama o zelo piedoso do grande rei D. João III, emquanto Bobadilla, Lejay e Cannisius combatem o erro nas dietas de Worms, Spira e Ratisbonna, e detem Mayença, e Colonia prestes a despenharem-se no abysmo da heresia.

Os acontecimentos se precipitavam e ia ter lugar o maior facto da historia ecclesiastica moderna; o concilio geral tão desejado para a reforma dos abusos, que se tinham introduzido na disciplina da igreja, e para o qual haviam appellado os discipulos de Luthero das decisões do soberano pontifice, abriu-se solemnemente no dia 13 de Dezembro de 1545 na cathedral de Trento. Era esta a grande liça, em que os mais extremados paladinos deveram brandir suas lanças, uns em favor da verdade revelada e do ensino doutrinario da igreja, e outros em pról dos foros da razão, aceitando a biblia e o evangelho sem commentarios. Grandioso era o espectaculo;

nunca houvera uma assembléa tão respeitavel, nem mesmo a de Nicéa, congregada depois da paz geral dada por Constantino pelo seu celebre edicto de Milão. Os protestantes deputavam seus grandes homens, aquelles que accusando o catholicismo de ter adulterado a doutrina do Divino Mestre deveram demonstrar a sua proposição dando d'est'arte a causal do seu schisma. Corria aos catholicos o dever de defender a sua crença, e provar que a igreja depositaria da fé não tinha se afastado jámais do espirito do evangelho. Os embaixadores dos principes e povos christãos assistiam a esse torneio theologico. A' companhia de Jesus ainda envolta nas faxas infantis coube uma grande gloria, feliz agouro da sua proxima futura grandeza. Laynez e Salmeron foram os theologos da S. Sé nesse famoso concilio ecumenico.

« Quiconque, diz *l'Abbé De Pradt*, dans une haute carrière, « parvient à inscrire son nom sur le monde, à le rendre insé- « parable du sien et de la mémoire des hommes, est grand, car il « participe à la grandeur même du monde, avec lequel il reste « identifié. Qui pourrait, sous ces rapports, denier à Saint Igna- « ce, et à son institution le titre de grand ? Quelle comparaison y « a-t-il entre lui et les autres fondateurs des institutions monas- « tiques ? Ceux-ci ne furent que des hommes de réligion, et leurs « institutions n'ont eu que ce caractère. Ignace fut un grand « conquérant, il eut le genie des conquêtes, il y fit servir tout ce « que constitue le pouvoir, il en fit l'esprit permanent et indélebile de « son institution, elle n'a pas devié de cette ligne, tant celle-ci « était habilement et fortement tracée: les autres fondateurs furent « des moines, et leurs institutions des machines purement mona- « cales. Ignace fut un grand politique, faisant servir la réligion « à la politique, et son institution fut, si l'on peut parler ainsi, « un homme d'état religieux. » (*Du Jesuitisme ancien et moderne*, cap. XIV.)

Cremos que o illustre escriptor, cujas palavras acabamos de textualmente citar, rendendo a devida homenagem á alta capacidade, diremos mesmo ao genio transcendente de Ignacio de Loyola, não

foi bastante justo para com a sua memoria quando o qualifica de homem politico, legando aos seus successores a chave do enigma, d'onde dapenderia a influencia secreta do instituto. O primeiro geral dos jesuitas não nutria em seu peito essas vistas ambiciosas, essa sede de mando d'illegal preponderancia, que deslustraram a companhia em épocas posteriores. A sua politica (si a tinha) era a mesma que professaram os apostolos, politica civilisadora, que a nada menos tendia do que purificar a terra polluta por tantos vicios e crimes. Enviando seus discipulos, como vimos, ao theatro dos maiores acontecimentos, ao centro em que se debatiam catholicos e protestantes, queria impedir que mãos ousadas e temerarias não lacerassem a toga inconsutil de Christo, e de nenhum modo influir nos gabinetes dos principes.

Os jesuitas estavam nessa época á frente da grande reacção catholica: eram os mais valentes soldados da igreja. Vemo-los luctando braço a braço com o protestantismo: mas ainda não se achava completa a sua ambição de gloria e de martyrio; necessitavam de mais vasta arena. Grande parte da Europa se destacára da communhão romana: a Allemanha, a religiosa Allemanha, se declarára em completa rebellião seguindo as doutrinas d'um monge apostata; a Inglaterra, a ilha dos Santos, arvorava o pendão d'um novo culto, de que era fundador um rei notavel pelos seus satanicos caprichos; todo o norte seguia o exemplo da reforma e a propria França, a filha primogenita da igreja, estava ameaçada d'essa terrivel guerra civil, entre os catholicos e huguenotes, que devera terminar pela exaltação ao solio de S. Luiz do illustre *bearnez, ex-calvinista*. Nesse seculo, em que tão grandes perdas experimentava o nosso culto, permittiu Deos que immensas regiões fossem abertas á propagação do catholicismo exactamente pelas duas nações as mais orthodoxas do mundo. Vasco da Gama e Colombo offereciam nas Indias e na America um campo digno d'ensaiarem as suas forças os novos apostolos do catholicismo.

D. João III, rei de Portugal, pedia á Roma missionarios dedicados para evangelisar esses reinos, que a fortuna tinha submettido

ás suas armas, e o papa ordenava a Ignacio, que satisfizesse ao piedoso desejo do monarcha lusitano enviando-lhe alguns dos seus discipulos. A companhia achava-se então no berço, apenas existiam seis professos; mas d'estes partem dous (Azevedo e Xavier) para Lisboa, onde devera ficar o primeiro, estando reservado ao segundo o glorioso titulo de *Apostolo das Indias.*

Esses bellos paizes banhados pelo Ganges e pelo Indo, cuja historia nos parece eternamente occulta por um denso vêo d'allegorias, objecto constante da cobiça de todos os conquistadores do mundo desde Baccho e Sesostris até Napoleão, subjugados pelo grande Affonso d'Albuquerque, viam então tremular sobre os muros das suas cidades o pavilhão das lusas quinas.

Alexandre das missões, Francisco Xavier conquista pelo unico ascendente de sua palavra ardente mais corações para a nossa fé do que reinos e provincias submettiam ao rei fidelissimo os herdeiros do Gama. As bombardas podiam abater as muralhas inexpugnaveis, onde se asylavam os filhos Brahma, mas o odio contra os invasores, contra aquelles, que de longes climas vomitára o mar sobre as margens do rio sagrado, esse ficára gravado em todos os peitos espreitando a occasião opportuna para fazer a sua terrivel explosão. A humanidade obedece aos seus verdugos mas só ama aos seus bemfeitores. Em Moçambique, que pela insalubridade do seu clima, fôra chamado o tumulo dos portuguezes, improvisou-se Xavier em medico do corpo assim como era das almas, e aos seus desvelos se deveram a conservação de preciosas vidas. Cathechisa em Gôa, capital do estado da India, antes aos catholicos portuguezes, que andavam transviados pelo excessivo amor do ouro e dos prazeres, do que aos idolatras, cuja docilidade em ouvir as sanctas praticas enchia de jubilo ao piedoso varão. O cabo Camorim e a costa da Pescaria soffrem successivamente o influxo da sua palavra; ganha almas para o céo, e estende as fronteiras da civilisação. Evangelisa a ilha d'Amboise, as Molucas, Meliapor e vai a Malaca, onde com o favor d'um clima delicioso, debaixo d'um céo de saphiras, a voluptuosidade se infiltra pelos póros dos seus habi-

tantes, que entregues ao sensualismo parecem pouco dispostos a ouvir as lições da severa moral, que lhes vem pregar o jesuita. Sua voz harmoniosa, seu espirito jucundo, ajudam-no poderosamente a convèrter esse povo, que tinha deificado o prazer. Poude alfim chama-los ao cumprimento dos deveres de christãos mostrando-lhes a estatua da virtude engrinaldada de flôres mysticas cujo odor era certamente mais agradavel do que o dos lyrios e madres-sylvas, que cresciam em seus poeticos jardins.

O Japão, esse mundo d'ilhas e montanhas, nos confins d'Asia e defronte da China, desafia o desejo do excelso missionario, que aspira á honra de chamar os seus habitantes á verdadeira crença arrancando-os da idolatria ou do atheismo. Não ha perigos, nem privações, a que de bom grado não se exponha para realisar o seu santo proposito. Os *bonzos* debalde revoltam-se contra a sua doutrina, que mais prejudicava os seus mais vitaes interesses, Xavier triumpha da sua tenaz e systematica opposição operando numerosas conversões na propria cidade de Meaco, residencia habitual do *Dayri*. Suas vistas se voltaram então para China, vastissimo imperio de que se contavam tantas maravilhas, e que se gloriava d'uma civilisação de muitos seculos anterior á nossa. Queria ouvir os *mandarins letrados* defenderem o dogma e a moral de Confucio, e convencer a esses presumidos doutores que a unica doutrina verdadeira é a de Christo; mas o céo tinha pressa de possuir no numero dos seus habitadores o grande *bonzo da Europa*, como lhe chamavam os Japonezes. Semelhante a Moysés, a quem não foi permittido entrar na *terra da promissão*, e que findou a sua gloriosa carreira avistando as aguas do Jordão, que como uma serpente de prata sulca a Palestina, assim tambem o grande apostolo entregou a sua alma a Deos em Sancian, agreste e inculta terra na extremidade da peninsula de Macáo, e em face do celeste impeperio. A voz da gratidão dos povos attestou suas virtudes, seus heroicos serviços, e alguns protestantes como Baldeus (1) e Ricardo

(1) Hist. des Indes.

Hakluyt (1) pondo de parte os preconceitos, que nutrem contra o nosso culto, inscreveram seus valiosos testemunhos em pról da verdade e da justiça, e renderam homenagem á memoria de Francisco Xavier, a quem a igreja conta no numero dos seus santos.

O espirito do grande apostolo dirigia ainda seus emulos e discipulos: e o que não lhe fôra dado conseguia Melchior Nunes penetrando nessa China quasi fabulosa. A Africa rivalisava com a Asia: a Ethiopia, a Abyssinia, o Egypto, Angola e Congo eram successivamente christianisados pelos heroicos filhos de Loyola: seu sangue regava a frondosa arvore da fé, e sua palavra como a lava do Vesuvio, calcinava os erros da idolatria. A terra parecendo faltar para as conquistas pacificas dos jesuitas; o mundo de Colombo offereceu ampla seara aos operarios do evangelho; e até o nosso Brazil, que o acaso ou antes a Providencia revelára a Cabral recebia os companheiros de Nobrega nove annos apenas depois da solemne fundação da companhia.

Maravilhado d'uma tão pasmosa conversão do mundo, que recordava os trabalhos dos primeiros propagadores do nosso culto, vendo a obra d'esses padres, que animados de sacro enthusiasmo, e como que cegamente obedecendo a uma impulsão divina, o sabio arcebispo de Cambraia, o grande Fénélon, no seu celebre sermão da Epiphania, pronunciado na igreja das Missões estrangeiras, rendia aos Jesuitas esta tão importante quão imparcial homenagem.

« Alexandre, esse rapido conquistador, que pinta Daniel como
« não tocando a terra com os seus pés, elle, que tão cioso mostrou-
« se de subjugar o mundo, parou muito áquem de vós, porque a
« caridade vai mais longe do que o orgulho. Nem as areias abrasa-
« doras, nem os desertos, nem as montanhas, nem a distancia dos
« lugares, nem as syrtes do oceano, nem a intemperie das estações,
« nem as frotas inimigas, nem as costas barbaras poderam deter os
« enviados de Deus. Quem são os que voam como as nuvens? Povos,
« levai-os sobre as vossas azas. O Oriente, o Meio dia, as ignotas

(1) Récueil de Voyages.

« ilhas vejam em silencio os que de longe vem. Quanto são bellos
« os pés d'esses homens, que vem do alto das montanhas trazer a
« paz, annunciar os bens eternos, prégar a salvação e dizer: Oh!
« Sion! teu Deus reinava sobre ti! Ei-los, estes novos conquistado-
« res, que vem sem armas excepto a cruz do Salvador. Vem, não
« para despojar os vencidos derramando ondas de sangue, mas para
« offerecer o seu proprio, e communicar os celestes thesouros. » (1)

A organisação da companhia era de tão notavel machinismo, que tudo dependia do chefe: do centro partiam todos os raios para a peripheria. Quando o geral da ordem era animado de santas e louvaveis intenções, quando não aspirava senão augmentar o numero dos soldados da cruz, empregando para isso os meios suasorios e não violentos; n'uma palavra, quando os geraes se chamavam Ignacios, Laynéz, Franciscos de Borgia, marchava o instituto maravilhosamente bem; era guiado por pios varões, a quem politica era inteiramente estranha: e o echo das suas palavras, reboava nos confins do globo, e o perfume das suas virtudes embalsamava a atmosphera do claustro.

A idade d'oiro dos Jesuitas foi limitadissima; não excedeu a quarenta e um annos incompletos desde o dia 27 de Setembro de 1540, data da bulla *Regimini militantis Ecclesia,* que approvou a obra do solitario de Manresa, até o de 19 de Fevereiro de 1581, em que Claudio Aquaviva foi eleito Geral.

Alguns escriptores, como de Prat e Gioberti, fazem-se remontar a degeneração do instituto do Generalato de Laynez, nós porém pedimos venia para apartarmo-nos da sua opinião pelas razões que passamos a expôr.

Jacóme Laynez, companheiro e collaborador de Loyola tinha tomado muita parte na obra d'este para querer destrui-la quando á frente dos negocios. Havia uma certa solidariedade entre elles: Laynez possuia qualidades, que faltavam a Loyola, eram dous entes, que mutuamente se completavam. Ignacio tinha todo aquelle ardor caracteristico dos fundadores; impacientava-se com os obices e delongas,

(1) Fénélon. Œuv. tom. VII.

que lhe oppunham os homens para quem a Companhia era um mysterio; ardia por ve-la definitivamente estabelecida, porque considerava-a como o unico meio de combater a heresia triumphante: via no seu instituto o Christianismo em acção. Laynez, o *Fabio Cunctator*, paciente sabia esperar, aconselhava a seu amigo d'empregar o tempo como seu principal alliado. Após o enthusiasmo vinha a reflexão e Loyola terminava sempre por concordar com Laynez. Ignacio applicando em toda a sua latitude a maxima evangelica que ordena julgar o proximo como desejaramos ser julgados cria que todos os homens possuiam as suas rarissimas virtudes, povoava o mundo de sanctos e em sua seraphica imaginação reduzia todos os crimes a veniaes peccados, que o borrifar do hyssope fazia desapparecer. Laynez era mais positivo, conhecia mais do que seu compatriota os vicios da terra e não poucas vezes mostrou o fojo cavado pela traição debaixo dos pés do byscainho, que com os olhos fitos no céo desdenhava olhar para o chão. As poucas medidas praticas, e ideias administrativas, que se lêm nas primitivas constituições da companhia são mui seguramente inspiradas por Laynez. Ainda occorre-nos uma consideração, que prova que o segundo geral não alterou em nada a obra do primeiro: Ignacio não quiz dar as constituições por terminadas e immutaveis por essa modestia tão commum aos santos; mas Laynez conhecendo que ellas tendiam a formar uma classe d'homens, que destacando-se dos laços sociaes, que d'ordinario prendem os homens em suas affeições terrenas, para se consagrarem ao serviço da religião, e serem na expressão d'um rei philosopho os *Janisaros da Sancta Sé*, julgou que semilhantes homens sempre existiriam, e que d'elles em todos os tempos haveria mister a igreja, e movido por essas razões deu o caracter d'immutabilidade ás regras do fundador, excepto na sua parte meramente disciplinar, que é por sua mesma natureza mutavel. Estaremos em erro; mas julgamos que quem assim procede não póde ter taxado d'innovador; nem tão pouco de ser o primeiro élo d'essa cadeia de geraes politicos e artificiosos, que adulteraram o instituto para cuja fundação elle Laynez tanto contribuira.

O duque de Gandia, o amigo de Carlos V e de Philippe II, renun-

ciando os foros da sua alta posição, vestiu a roupeta da companhia tomando o modesto nome de Padre Francisco de Borgia; a este homem humilde, e este nobre sem vaidade, o protestante Macaulay (1) diz ser o sancto do calendario romano que maiores dignidades tenha abdicado privando-se de mais domesticas venturas, e cuja vida é mais eloquente do que todas as homelias de S. João Chrysostomo, a tão conspicuo e pio varão pareceu Laynez expirando designar para seu successor. Caracter concentrado, espirito, que necessitava de receber alheia impressão, mas que uma vez recebida não recuava perante difficuldade alguma, era o homem mais proprio para desenvolver os planos d'Ignacio de Loyola e de Laynez. « Não tinha, diz o senhor « Cretineau Joly, nem a immensidade das concepções do fundador, « nem a ardente iniciativa, e o raro conjuncto de talentos que acaba « de desenvolver o segundo geral da ordem; entretanto ao contacto « d'esses dous homens, que tão grande influencia exerceram sobre « elle, Borgia aqueceu com o fogo do seu vigor a natural fraqueza. « D'um temperamento melancolico teria á existencia agitada do mis- « sionario preferido as doçuras da vida contemplativa. Arrancou-o « Ignacio ao repouso da solidão, que ambicionava, e Laynez lançou-o « nos trabalhos do apostolado preparando-o por difficeis provas para « legar-lhe a sua herança. »

Sob o regimen do terceiro geral o instituto continuou a prosperar sem afastar-se ainda das sabias vistas de Loyola: Borgia tinha vivido na sua intimidade; ouvira-lhe muitas vezes a exposição do seu piedoso plano, e demais não era difficultoso a um sancto interpretar as intenções d'outro sancto. Durante o seu generalato teve de luctar com um virtuosissimo pontifice S. Pio V, que sem duvida levado pelas ideias da perfeição espiritual, quiz impor aos jesuitas o onus do officio coral, de que tinham sido dispensados pela bulla da sua instituição. A's ponderosas razões do geral cedeu affim o soberano Pontifice, louvando a moderação com que este procedêra; e não tardou a conhecer practicamente quanto o antigo duque de Gandia era addicto á Sancta Sé, e quanto a sua influencia de familia lhe era salutar.

(1) Rev. of Edimburgh.

Os Turcos, imperando Selim II, filho e successor de Solimão, abrasados pela sêde de vingança pela inutilidade da sua tentativa contra Malta, ameaçavam invadir os estados da Igreja e o territorio veneziano. O Papa lembrou-se de pregar contra elles uma nova cruzada; mas os principes christãos estavam nimiamente occupados com as suas dissenções para prestarem á voz de S. Pio V a attenção outr'ora prestada á d'Urbano II. A Hespanha era porém nessa épocha a primeira potencia catholica, e o Summo Pontifice enviando a Philippe II seu sobrinho o cardeal Alexandrini na qualidade de legado *a latere* fazia-o acompanhar por Francisco de Borgia; a seus esforços deveu-se talvez não em pequena escala esse magnifico triumpho de D. João d'Austria em Lepanto, d'onde se póde datar a decadencia do poder othomano.

Si penetrasseis então nos collegios da douta Germania, da espirituosa França, da orthodoxa Hespanha, da piedosa Italia, e do fidelissimo Portugal, ve-los-hieis povoados por uma multidão de sabios de roupeta, que instruiam a mocidade, pregavam, confessavam, administravam os Sacramentos com edificante solicitude. Si d'ahi vossas vistas s'estendessem ás missões longinquas, si perlustrasseis as reducções d'America, da Cochinchina, e da Ethiopia, si das margens d'Uruguay vos remontasseis ás do Nilo, verieis os infatigaveis successores de Xavier chamando ao gremio da Igreja e da civilisação esses filhos prodigos do Evangelho, e ao contemplar tanta abnegação, tanta heroicidade, facilmente vos convencerieis de que a companhia estava nos seus aureos dias, e que um Sancto presidia aos seus destinos.

A' era dos sanctos ia seguir-se a dos politicos; a cuja frente devemos collocar o famoso Claudio Aquaviva. Principe romano entrara para a companhia com vistas ambiciosas: aspirava o primeiro lugar nessa corporação, que acabavam d'illustrar tres grandes personagens, e que devia á virtude dos seus chefes, á dedicação dos seus membros o ter levado o vexillo do Golgotha mais longe do que as aguias da rainha do Tibre. Aquaviva substituia á rude franqueza dos Hespanhóes a finura italiana: á simplicidade da pomba a astucia da serpente. Commentando pelo seu *Directorio* as *constituições* falseava

inteiramente a obra de Loyola: dava-lhe um caracter todo diverso; e fornecia aos inimigos do instituto armas para estigmatisar toda a instituição não attendendo ás épochas, nem aos homens, que dirigiam o timão da ordem.

A theoria das reticencias e das restricções mentaes iniciada pelo geral foi estudada e levada á ultima perfeição pelos theologos da companhia, aos quaes em tempo algum se poude negar grande talento, e que agora applicavam as subtilezas e argucias os lazeres outr'ora empregados em defeza do dogma. Os tempos estavam mudados: o scenario era o mesmo, mas outros os actores. As *constituições*, que como dissemos davam ampla margem ao arbitrio, suppunham no geral sempre um homem como Borgia, que fugia as pompas e as vaidades do mundo, e não como Aquaviva, que as procurava. O erro capital de S. Ignacio foi de crer que seus filhos escolheriam sempre para succeder-lhe os homens mais notaveis d'entre elles, e sobretudo os que menos ambicionassem as honras da governança, e estava muito longe d'esperar que o espirito de cabala podesse cega-los a ponto de collocarem á sua frente um joven fogoso, e unicamente notavel pela sua nobre linhagem, e pelas occultas e tenebrosas machinações do claustro.

Tão profundos golpes, quaes os descarregados por Aquaviva na primitiva regra da companhia, que alteravam profundamente o fim da sua instituição, não podiam ser vistas com indifferença pelo Papa, cujo nome constantemente invocavam os pseudo-reformadores da ordem. Presidia então a Igreja Universal o grande Sixto V, a quem Roma e a christandade tanto devem. Este homem, cuja vontade fazia lei porque ella era quasi sempre a mais exacta expressão da justiça e da verdade, concebêra vastos projectos para a grandeza da cidade eterna e do catholicismo. Com sua pasmosa actividade tudo via, tudo examinava: e chegando-lhe aos ouvidos as queixas que alguns Jesuitas do antigo regimen faziam contra a adulteração da magestosa obra do seu mestre, chamou as *Constituições* a exame, e annotou com a sua propria letra as passagens, que mais precisavam ser alteradas como abrindo a porta aos maiores abusos nas mãos d'homens, que não seguissem as tradições deixadas pelos primeiros Geraes.

Contrastando com o proceder delicado e verdadeiramente christão de S. Francisco de Borgia, que levou aos pés de S. Pio V as suas humildes representações em pról da immutabilidade do Instituto, o Geral Aquaviva animou-se, confiado no immenso poderio a que já então chegava a Ordem, a resistir á vontade do Papa ; e apesar d'esse Papa ser Sixto V, para quem as difficuldades eram um poderoso incentivo d'acção, não poude triumphar dos embaraços de todo o genero, que lhe oppoz o Geral já da parte dos principes christãos como o imperador Rodolpho, o rei Sigismundo, e o duque da Baviera, já da dos membros do Sacro Collegio, a ponto d'exclamar o magnanimo Antistite : « Todos os Cardeaes, ainda os que nós creamos, nos são contrarios e favoraveis aos jesuitas! » Para cumulo de dissimulação, e como exemplo vivo da regra, que dera aos provinciaes no seu *Directorio* Claudio Aquaviva assigna e remette ao Quirinal o requerimento pedindo as reformas, que meditava o Soberano pontifice, e contra as quaes tantas intrigas movera, quando foi informado por seus agentes que Sixto V estava perigosamente enfermo, e já fóra do estado de deliberar. Era uma farça, que representava, e destinada para mostrar ás almas simples e credulas que a companhia de Jesus era essencialmente obediente á S. Sé. Illaqueando a boa fé do novo Papa Gregorio XIV obteve logo a revogação d'aquillo mesmo que acabava de pedir.

Tinha Loyola expressamente prohibido aos que seguissem a sua Ordem o aceitar honras e empregos fóra d'ella : querendo d'est'arte que o jesuita lhe consagrasse toda a sua existencia, e podesse com mais liberdade fallar aos principes e aos povos a linguagem, que convinha, que estes ouvissem. Com o favor de tão util medida ninguem receou tomar um padre da companhia, em que se não podiam suppor vistas interesseiras, nem ambição pessoal, por director da sua consciencia. Assim foram elles admittidos nas cortes dos imperantes, e os primeiros, que ahi appareceram não desmentiram a ideia, que d'elles se formava. Degenerando o instituto como ácima mencionamos resentiu-se d'isso todo o pessoal da ordem. Não queremos dizer quando avançamos tal proposição que todos os jesuitas se tinham cor-

rompido; mas sim que sendo esta instituição um systema completo, a que dirigia o principio d'unidade, não podiam alguns homens bons e bem intencionados impedir o mal, que partia do *Gesù*, e s'infiltrava por todos os poros. Como confessores dos reis tiveram assento nos conselhos da côroa, e esquecendo-se das lições dos seus mestres, ingeriram-se na politica; quizeram tambem emittir a sua opinião nos negocios d'estado, e faziam o mais repugnante e monstruoso consorcio da Religião com a sciencia de Macchiavelli. Desinteressados, individualmente fallando, tinham uma desordenada ambição collectiva: tudo sacrificando ao que chamavam bem-estar da companhia mostravam-se pouco escrupulosos sobre os meios pelos quaes obteriam o tão suspirado predominio. Pela sua habilidade, pelo talento com que levavam as negociações, pelo tacto fino, que mostravam no commercio da vida, amoldando-se a todos os usos e costumes, tomando na China as vestes de *Mandarim*, sujeitando-se á vida aspera e nomada do selvagem Iroquez ou do Esquimáo, e voltando depois de longas e perigosas peregrinações pelos inhospitos desertos d'Arabia, ou da Lybia, leccionar em seus collegios com doce e seductora linguagem, foram chamados os *diplomatas da Igreja*. Cumpre porém notar que para gozarem de semilhante denominação, que por mais d'um titulo cabe-lhes maravilhosamente, na segunda phase da sua existencia, deveram primeiro renunciar o de missionarios, e apostolos do catholicismo; porque este despreza os meios obliquos e vai desassombradamente aos seus fins.

Na Inglaterra se decidem em favor de Maria Stuart contra Isabel; envenenam com as suas predicas, com os seus escriptos, e com suas meias confidencias os animos já tão irritados dos catholicos e protestantes, alternativamente vencedores e vencidos em breve espaço de tempo. Provocam a bulla de Pio V. contra Isabel, e o consequente edicto d'esta princeza que responde com medidas violentas e exterminadoras ás duras e severas palavras, de que contra ella se servira Roma. A intolerancia d'esses regulares, que recebiam do seu geral as mais estreitas ordens para excitar uma reacção catholica contra a filha de Henrique VIII cobre a Grãa-

Bretanha de cadafalsos, faz correr ondas de sangue innocente, e affasta-a, sabe Deos por quanto tempo, do gremio da verdadeira igreja.

O novo programma da companhia ganhava cada dia novo desenvolvimento e as maximas d'Aquaviva eram seguidas por seus vassallos com a maior pontualidade. A França do 16.° seculo, dividida, como a Inglaterra, entre as duas communhões dissidentes, conhecidas n'aquelle reino pela denominação de *Catholicos* e *Huguenotes* offerecia aos jesuitas avidos de se mostrarem no seu novo elemento, um vasto theatro para as suas operações. Promoveram por intermedio do padre Emond Auger, seu mais eloquente e habil correligionario, a formação da *Liga*, que tinha por fim ostensivo a defesa da religião catholica; e dominando o espirito do fraco monarcha Henrique III expunham-no á animavadversão do seu povo em proveito da causa dos Guises. O assassinato do rei por Jacques Clement no dia 1.° de Agosto de 1589, falsamente attribuido aos jesuitas, advertiu ao geral da necessidade de occultar a sua influencia nos negocios politicos de França: e d'ahi toda essa scena de dissimulação de que Aquaviva foi o protogonista, e que para ser bem apreciada deve ler-se a sua celebre carta de 22 de Fevereiro de 1586 escripta ao padre Matheus, em que prohibindo-lhe e aos seus confrades de França toda a intervenção nos negocios da *Liga*, serviu-lhe todavia de *letras credenciaes* para ir pôr-se na Lorraine á frente do partido levantado contra o rei de Navarra. Tão amphibologica e enigmatica era ella!

Durante o governo dos quatros primeiros geraes a companhia de Jesus estava inteiramente identificada com os seus chefes: o caracter de cada um d'elles ficou impresso nos seus annaes, e revelou-se na indole do instituto, porque eram todos poderosas individualidades: homens notaveis por este ou aquelle titulo; e o proprio Aquaviva, de quem acabamos de fallar, manifestou á testa dos negocios eminentes qualidades politicas, que se não esperavam, e que apezar de contrarias á natureza e fins da instituição provavam ao menos não ser elle um homem vulgar. A partir porém de

Mucio Vitelleschi elevado ao generalato a 11 de Dezembro de 1563, os chefes da ordem de Jesus, como que desapparecem, eclipsados por uma dominadora oligarchia, composta dos assistentes, provinciaes e mais professos. Parecem os geraes governar com o mesmo prestigio de autoridade que tinham os seus predecessores; mas encontram por toda a parte *obediencias activas*, intelligencias incapazes de submetterem-se sem murmurar. A fraqueza dos chefes era a causa principal d'esse predominio de alguns membros, que lhes impunham um jugo muitas vezes insupportavel, reduzindo-os ao mesquinho papel d'um manequim. Com mui pequeno intervallo sentaram-se na cadeira presidencial do *Gesù*, cinco geraes, e tão pouco importantes eram elles, que pouco se importava o mundo em saber si se chamavam Vitelleschis, Casaffas, Piccolominis, Gottifredis ou Goswins. Serviam de doceis e passivos instrumentos nas mãos de alguns poucos homens, que possuiam o segredo, depositarios da *monitá secreta*, e que affectando exteriormente a maior sujeição ás ordens do geral serviam-se d'autoridade illimitada, que lhes conferiam as constituições, para satisfazer aos seus caprichos, e saciarem quiçá as suas vinganças.

A funesta influencia da politica jesuitica fazia-se sentir em toda a Europa: por toda a parte agitavam os animos; provocavam rancorosas discussões. Protegidos em França por Richelieu, auxiliam as vistas ambiciosas d'esse ministro omnipotente, que não duvidava prestar-lhes todo o seu apoio contra a universidade, para a qual os filhos de Loyola com suas pretenções de monopolisarem a instrucção publica, eram perigosos rivaes. Dominam na Hespanha nos conselhos do rei Filippe III, que os consulta até ácerca da conveniencia de lançar sobre o seu povo novos impostos, e depois da sua morte apressavam-se em apoderar-se do animo de seu filho e successor Filippe IV, a quem prodigalisavam as maiores provas de adhesão, ao passo que auxiliavam em Portugal a heroica revolução de 1640, que devera collocar no throno affonsino o senhor D. João IV, então ainda duque de Bragança. Explicando a sua conducta ambigua com a famosa theoria das restricções mentaes tinham a

arte de obterem os principaes lugares na nova côrte, sem comtudo se indisporem com o gabinete do Escurial. Com razão ou sem ella, tinham sido accusados pela voz publica de terem por meio das suas suggestões impellido o senhor rei D. Sebastião a essa tristissima guerra d'Africa que terminou de modo tão funesto para a nação, a quem arremessou no jugo estrangeiro, agora pois reparavam o seu erro, ou melhor serviam a sua ambição. Os *Hosannas* são não poucas vezes interrompidos pelo *crucifige*, á serie de triumphos da companhia vinham de quando em quando juntarem-se alguns revezes. Por motivos que ainda hoje jazem sepultados na noite do mysterio, fôram elles n'essa época expulsos da ilha de Malta no orgão-mestrado de Paulo Lascari, seu grande amigo, e dedicado protector da sua politica. O povo e os cavalleiros grandemente irritados contra elles obrigaram-nos a embarcarem-se em uma fragil barca que o vento arrojou ás costas da Sicilia. Os espiritos turbulentos conhecendo que mãos vigorosas não sustinham mais as redeas do governo da ordem davam largas ao seu genio, e atirando a mascara, que por tanto tempo tinham sido constrangidos a usar, caminhavam agora a passos largos para o dominio universal.

A substituição das puras e sanctas maximas das *Constituições* baseadas sobre o evangelho pela casuistica interpretação do *Directorio*, seguida dos corollarios dos continuadores da politica d'Aquaviva, não podia deixar de prejudicar a sorte das missões: assim os missionarios d'essa épocha se parecem tanto com Xavier como o seu geral com Loyola. Ainda haviam nesse tempo apostolicos varões, e martyres da fé; mas o que podiam as virtudes e o sangue d'esses homens contra a torrente devastadora, que se despenhava das cataractas do *Gesù?* Uma ethica singular, consequencia do probabilismo dos seus doutores, arruinou as missões, contribuindo assaz para o descredito do catholicismo, que era representado como uma lei fallaz, mentirosa; permittindo os enganos, os perjuros, as revoltas, n'uma palavra todos os vicios e crimes: assemelhando a fé romana á punica. Quando homens honestos, e bastante vigorosos para realisarem as suas ideias, estavam n'administração da Ordem, viam-se nas missões

seus fieis transumptos, não aspirando senão o proveito espiritual dos povos a quem iam tirar das garras do erro, ou da impiedade; mas quando a politica formou o programma dos chefes da companhia, quando estes quizeram dominar por todos os meios, embora licitos não fossem os fins, então os novos apostolos não se contentam com um saco por bagagem, e um pedaço de pão negro por provisão de viagem, e desejam as commodidades da vida, porque não já como missionarios saem dos seus collegios, mas sim como diplomatas d'um soberano, que impera sobre muitos milhões de vassallos.

Na tão famosa questão dos ritos chinezes deram provas manifestas da sua degeneração, e dos progressos, que tinham feito n'arte de sophismar as ordens, que contrariassem as suas vistas embora emanadas da suprema cadeira da verdade. O seu espirito de fraternidade e mansidão ostenta-se a descoberto nas continuas dissensões contra as outras ordens religiosas, principalmente contra as que com elles emulavam nos trabalhos da cathechese. Não queriam admittir companheiros n'abundante messe da conversão dos gentios: pretendiam nesta materia, bem como em muitas outras, o privilegio exclusivo para o seu instituto. Não havia embaraços, que não suscitassem; não recuando até ante a ideia de se declararem em completa opposição aos bispos, allegando os privilegios recebidos da Santa Sé, e fingindo para com esta uma reverencia sem limites Ora, Roma não lhes podia ceder taes isempções sem se pôr em contradicção com os seus principios; que consistem em rodear de todo o prestigio os pastores da Igreja, porque são estes, que com o supremo chefe, formam o corpo doutrinante, unico depositario da Religião de Christo.

A historia das missões na segunda metade do seculo XVII e no seguinte offerece uma constante luta, ora manifesta, ora latente, entre os jesuitas, e os delegados de Roma, aos quaes queriam impedir todo accesso nesses paizes, e todo o inquerito sobre as suas acções. Alexandre VII e a propaganda querendo pôr um dique á audacia d'esses regulares, ordenaram que os missionarios da China e da Indo-China fossem submettidos á auctoridade dos vigarios apostolicos e á de seus cooperadores; e como menosprezassem esses decretos partiu

para ahi na qualidade de legado *a latere* o bispo d'Eliopoli Francisco de Palu, homem a quem tornavam illustre trinta annos de fadigas apostolicas. Seu poder, virtudes e longa pratica dos negocios não poderam superar a tenaz resistencia dos degenerados filhos de Loyola, que chegaram a dizer *que o Papa não tinha auctoridade para enviar ao Oriente bispos, vigarios, ou quaesquer outros delegados, em quanto não fossem expressamente revogados os privilegios da companhia e os do padroado, que os reis de Portugal exerciam sobre essas Igrejas.* A desobediencia formal aos decretos e decisões da Santa Sé nos paizes longinquos eram palliados em Roma com os mais fervorosos protestos de respeito e submissão, que os geraes Oliva e Novelle faziam, dando a todos esses actos um artificioso colorido; de modo que os rebeldes, d'est'arte justificados, ainda pareciam fieis servidores da boa e sancta causa da propagação da fé.

Offereceram os jesuitas por algum tempo no Paraguay o tocante espectaculo d'uma sociedade de selvagens regida por padres, e levada á cultura e ao progresso pela religião. A obra porém d'esses piedosos missionarios corrompeu-se bem de pressa nas mãos dos seus successores, que sequiosos de mando e riquezas quizeram ser os senhores absolutos d'aquelles, que haviam cathechisado. Assim as missões do Paraguay, que a principio eram um objecto d'edificação, transformaram-se em fonte d'escandalo para toda a Europa: e fizeram sem duvida com que o bom Muratori se arrependesse de ter escripto a sua celebre obra do *Christianesimo Felice.* Chateaubriand, acompanhando ao illustrado escriptor italiano nos encomios, que prodigalisa ás missões jesuiticas d'America, era levado por esse espirito d'enthusiasmo religioso, de reacção catholica, que tanto caracterisa as brilhantes paginas do *Genio do Christianismo*; e refere-se mui seguramente á primeira phase da existencia das referidas missões; porque si tivesse proseguido em suas investigações recuaria espavorido pelos excessos commettidos pelos membros da sociedade de Jesus, que não duvidaram de recorrer ás armas contra seus legitimos soberanos logo que pareceu-lhes que a politica d'estes contrariava a sua. O leitor, que pretender avaliar por si mesmo o que acabamos de dizer, leia a

relação publicada em defesa do bispo do Paraguay, Bernardino de Cardenas, a quem esses regulares moveram crua guerra, e a quem teceram uma das mais completas e perfeitas intrigas, dando assim provas do grande progresso, que nessa sciencia, então para elles nova, faziam quotidianamente. De tal modo haviam segregado as suas colonias transatlanticas do resto do mundo, que ellas eram ignoradas por todos, excepto pelos seus superiores em Roma, aos quaes eram obrigados a enviar todos os annos uma conta minuciosa sobre o seu estado, especificando o ramo, em que mais prosperavam. Obstinavam-se em recusar o accesso em suas missões a quem quer que fosse, ou enviado pelo poder civil, ou pelo ecclesiastico, sendo o principal motivo das suas dissenções com Cardenas o pretender este prelado visitar os territorios do Paraguay e do Uruguay, não só por fazerem parte integrante da sua diocese, como até porque tal lhe fora ordenado pelo governo de Madrid.

Não ha quem não tenha ouvido fallar n'essa famosa questão suscitada em França, por occasião da bancarota do padre Lavallete, superior geral dos jesuitas na ilha da Martinica, e que foi a causa occasional da sua suppressão nos estados de S. M. Christianissima. Dissemos que os jesuitas desmentindo o seu glorioso passado tinham-se deixado de tal sorte dominar pela sêde das riquezas, que consideravam as missões como feitorias, e para ellas mandavam homens mais azados para operações mercantis do que para os trabalhos do apostolado. N'este caso estava o padre Lavalette, descendente do heroico grão-mestre de Malta, era ambicioso, emprehendedor e de grande actividade: o qual vendo que o estado financeiro da companhia nas Antilhas não era igual ao de algumas outras suas possessões resolveu eleva-lo a um ponto capaz de fazer inveja aos seus confrades das margens do Paraná. Entregou-se com ardor ao commercio, e em pouco tempo accumulou grossos cabedaes que empregou n'acquisição de terras e de escravos para rotea-las: elevando o seu numero ao prodigioso algarismo de dous mil. Tão grande emprego de capitaes, simultaneamente occupados no commercio e na agricultura, devera trazer após si um *deficit*, que foi obrigado

a supprir por meio do credito, tomando um milhão de libras tornezas em Marselha, e em outras praças, com quaes estava em relações, e que não duvidaram fazer esse emprestimo a tão bons fornecedores como eram os padres da companhia, que abasteciam os mercados europeos com os productos dos paizes ultramarinos. Seus empenhos seriam em breve tempo satisfeitos, como já tinha acontecido com outros identicos, si não fossem aprisionados os navios que transportavam os generos das suas feitorias pelos corsarios inglezes, que desde o anno de 1755 infestavam os mares. Protestadas as letras, e levados os jesuitas perante os tribunaes foram condemnados a pagar *in solidum* a divida contrahida por Lavalette. Causou esse processo grande escandalo; e a companhia surprehendida em flagrante violação dos canones da igreja desapprovou publicamente o procedimento do seu agente, que assignou a declaração de 25 de abril de 1762, pela qual assumia a responsabilidade d'esse acto, isentando os chefes da ordem de toda a solidariedade n'elle. De sorte que si as transacções fossem corôadas de bom successo todo o proveito redundaria em pról da ordem, como porém foram desgraçados era ella inteiramente estranha ao que em seu nome, e mui seguramente com o seu beneplacito, fazia o seu delegado n'America! Semilhante mystificação não enganou a ninguem; e o odio contra a corporação, cresceu prodigiosamente. Os mais decididos apologistas do instituto, como o senhor Cretineau-Joly, condemnam o proceder do seu superior geral nas Antilhas, e confessam que este negociara em grande escala; mas a sua parcialidade os priva de reconhecer que esta tendencia para as cousas profanas não era um facto isolado e sim a consequencia legitima e necessaria de principios adoptados em Roma, e faziam-se sentir por toda a parte, onde tremulava o pavilhão da companhia de Jesus.

A heresia de Jansenio foi, na phrase de Gioberti, uma mina d'oiro para os jesuitas: sua prolongada polemica com a escola do Porto-Real absorvia a attenção do mundo religioso e litterato desviando-o do estudo da marcha tortuosa, que levava a obra do santo prisioneiro de Pamplona. Si por ventura alguem alçava a voz

para denunciar os delictos da ordem tinha esta um facil meio de reduzi-lo ao silencio averbando-o de herege jansenista; e invertendo habilmente os papeis d'accusada transmutava-se em accusadôra; largava o banco dos réos para sentar-se nas cadeiras dos juizes. Com esta politica artificiosa, que consistia em identificarem a sua causa com a da religião, de que então, com honrosas excepções, eram indignos ministros, haviam-se tornado quasi invulneraveis, e cobertos com o escudo d'Achilles desafiavam a cólera dos modernos Heitores.

« A destruição do Porto-Real, diz o senhor Dutilleul (*), annuncia e prepara a destruição dos jesuitas: são duas perseguições parallelas. Luiz XIV temia os jansenistas, corporação austera, armada de talentos estimados e admirados, professando perigosas doutrinas, pois que importavam a crença no fatalismo, e compondo no seio de seu governo um grupo compacto e quasi esparciata. Occultava-se no gremio do jansenismo um elemento de critica, secreto fervor d'opposição, de resistencia, e como que um meio calvinismo dogmatico, tanto mais temivel por isso que as fórmas respeitosas para com o soberano pontifice eram conservadas, e não rompiam o laço da união catholica. Com a sua poderosa autoridade esmagou Luiz XIV essa corporação d'almas energicas, cuja secreta cadeia todavia conservou-se. »

« Foram estas que mais tarde precipitaram os golpes do duque de Choiseul e dos philosophos, e que cruelmente vingaram o Porto-Real em ruinas. Tinham por alliadas todas as congregações inimigas dos jesuitas; Dominicanos, Agostinianos, Benedictinos, as mesmas ordens medicantes e sobretudo a universidade e o parlamento. »

« Representantes do passado e da idade média, diz o citado autor no cap. 5.° da sua importante obra, por mais d'um titulo recommendavel, os jesuitas se tinham despojado d'austeridade christãa para combater o mundo, que renascia, e da mesma ma-

(*) Hist. des Corporat. Relig. en France, livr. 3, chap. 6.

neira que os cavalleiros do Templo se tinham despedido do caracter pacifico do evangelho para combater debaixo da coiraça os inimigos da cruz. Uma vez terminada a obra tornavam-se inuteis aquelles a quem não podiam mais defender, odiosos aos que tinham vencido: foram tratados inexoravelmente. »

D'estas mui judiciosas observações do illustre advogado *de la cour royale de Paris*, seja-nos licito discrepar no ponto em que diz serem os jesuitas *anachronicos* por sua instituição, quando nós pensamos que só o eram pelo abuso, que d'ella faziam, pelo constante e progressivo desvio das *constituições* primitivas. Nunca é fóra de tempo defender a religião, e propaga-la pelos meios indicados no evangelho.

Chegamos á parte mais difficil do nosso trabalho, queremos fallar da suppressão dos jesuitas. São tão contradictorias as versões, que e tem feito d'este facto aliás da maior simplicidade, que causam graves embaraços, a quem deseja estuda-lo. Temos á vista quatro escriptores, que se tem occupado com este importantissimo assumpto: cada qual parece ter a justiça do seu lado, e o leitor terminando a sua leitura está quasi disposto a militar debaixo das suas bandeiras. Ao conde Alexis de S. Priest, que primeiro escreveu a *Historia da quéda dos jesuitas no* 18 *seculo*, vieram juntar-se n'estes ultimos tempos os nomes respeitaveis dos Srs. Cretineau-Joly, Theiner e Ravignan. O Sr. Cretineau-Joly no tomo V da sua *Historia religiosa, politica e litteraria da companhia de Jesus*, tratando d'esse celebre litigio absolve completamente os filhos de Loyola das accusações que n'essa época pesaram sobre elles, e parece attribuir a bulla *Dominus ac Redemptor noster* á fraqueza, e quiçá á nimia condescendencia do pontifice então reinante na igreja de Deos. Posteriormente publicou um livro, a que deu o titulo de *Clemente XIV e os Jesuitas*, em que firmando-se em documentos authenticos e inedictos, pinta-nos ao vivo as varias scenas a que este grande acontecimento deu lugar em quasi toda a Europa. Através do seu respeito para com a Santa Sé póde-se ver n'esse livro alguma acrimonia para com o immortal Ganganelli, que é

ahi representado como instrumento passivo dos poderosos e implacaveis inimigos da companhia. Para arredar do grande pontifice a nota de precipitado, e justificar aquelles de seus actos, que mais desfigurados foram pelo apologista dos jesuitas, publicou em 1852 o reverendo Agostinho Theiner, padre d'oratorio, e perfeito-coadjutor dos archivos secretos do vaticano a sua excellente obra denominada *Historia do pontificado de Clemente XIV* enriquecida de preciosas peças justificativas extrahidas das mais puras fontes. Veio tal publicação lançar um raio de luz no meio das trevas com que expressamente se tem querido envolver essa questão : o seu juizo é sempre calmo e reflectido : orienta o leitor curioso no meio d'esse cahos de desencontradas opiniões e hypotheses arriscadas, que por toda a parte se formam, e levanta a ponta do véo, que encobre a verdade, vingando a memoria de Clemente XIV. Essa bellissima producção devida á penna do douto oratoriano affligiu profundamente aos jesuitas, e o seu ultimo geral o padre Roothan, queixou-se ao reverendo padre Ravignan do terrivel effeito que ia ella produzir no mundo (*). O illustrado jesuita francez comprehendeu as intenções do seu chefe, e apressou-se em satisfazê-las dando á luz em Maio do corrente anno a sua obra, em cujo frontespicio lê-se *Clemente XIII e Clemente XIV*, a qual acabamos de receber no momento, em que estas linhas escrevemos. Apenas tivemos tempo para fazer uma rapida leitura dos seus principaes capitulos, e d'ella deprehendemos que seu autor tomou a peito o defender a ordem a que pertence, o que seja dito com verdade, fê-lo com muito talento e dignidade. Todavia, como era de esperar, o reverendo padre Ravignan deixou-se dominar pelo excessivo amor, que consagra ao seu instituto; e portanto não se descobre no seu trabalho aquella imparcialidade, e elevação de pensamentos, que tanto distinguem o livro do reverendo padre Theiner. É o parecer d'este ultimo escriptor de grande valia, até por não pertencer á escola philosophica como S. Priest, nem á da

(*) Vide *Clement XIII et Clement XIV par Ravignan—Preface.*

Giovine Italia como o illustrado autor dos *Prolegomeni al Primato Morale e Civile degl'Italiani.*

Interrogando essas diversas testemunhas do grande processo jesuitico, e acareando os seus oppostos depoimentos dizemos com rude franqueza o que a tal respeito pensamos: e oxalá que o mesquinho fructo dos nossos estudos tenham a insigne ventura d'encontrar as sympathias d'aquelles para quem escrevemos.

Entre as causas, que originaram a suppressão d'esta celebre ordem um douto historiador moderno, o senhor Cantú, aponta as seguintes:

« Os jesuitas tinham contra si os dominicanos, pela sua oppo-
« sição á doutrina de S. Thomaz: os franciscanos pela sua grande
« autoridade nas missões; os membros da universidade pela con-
« currencia, que faziam ás suas escolas, ainda que sem privile-
« gios; os negociantes, que n'elles temiam activos concurrentes,
« os quaes por não terem impostos a pagar podiam vender mais
« barato; os mestres, ou os que aspiravam sê-lo, vendo a juven-
« tude correr em multidão ás escolas d'esses rivaes, cujo ensino
« era gratuito e desvellado; os bispos, que, a exemplo do governo,
« tendiam a alargar a autoridade local, emquanto que os jesuitas
« eram ardentes fautores da universalidade pontificia. Tinham sobre-
« tudo contra si os jansenistas, que lhes exprobravam de usar d'at-
« tenções para com o seculo, constituindo-se defensores da liberdade
« a poder da vontade humana, e autorisando devoções que pare-
« ciam pouco convenientes. Chegavam mesmo ao ponto d'exhumar
« nos livros dos seus casuistas, obras escriptas em latim e para a
« instrucção dos directores das consciencias, passagens indecentes,
« assim como poder-se-hia fazer o mesmo nos tratados de medi-
« cina (*). »

Densas nuvens se accumulavam no horisonte, e os mais inexpertos nautas presagiavam horrivel procella: a náo da companhia amainaiva as vélas e punha-se á capa. Ninguem porém poderia suppôr

(*) *Hist. Univ. de C. Cantu,* tom. 9, liv. XVII, chap. X.

que o primeiro grito de guerra partisse de Portugal, d'esse reino tão notavel pela sua affeição aos filhos de Loyola, e onde desde o tempo de Rodrigues e Xavier tinham gozado de tão grande preponderancia. A educação publica era monopolio seu, e d'este modo dominavam sobre as gerações vindouras, emquanto que jungiam a contemporanea ao seu carro triumphal por mais d'um laço. « Elles « eram na côrte, diz o ex-jesuita Georgel, não sómente os di- « rectores da consciencia e da conducta de todos os principes e prin- « cezas da familia real; mas ainda o rei e os ministros consultavam- « nos ácerca dos mais importantes negocios. Nenhum lugar n'ad- « ministração da igreja ou do estado era dado sem a sua influencia « e beneplacito: e por isso o alto e baixo clero, os grandes e o povo « ambicionavam a sua protecção e favor. Como pois foi de Por- « tugal que partiu a primeira pedra, que devera abalar e mais tarde « derribar completamente esse soberbo edificio (*)?

Esse mesmo illimitado poder, de que gozavam os jesuitas em Portugal, como confessa seu proprio co-religionario Georgel, foi o motivo primordial da sua quéda. O caracter de Sebastião José de Carvalho e Mello, conde d'Oeyras, e depois marquez de Pombal, é assaz conhecido para que nos occupemos em descreve-lo. Ministro imperioso d'um bondadoso monarcha, que o honrava com a sua confiança, em attenção a algumas eminentes qualidades que o distinguiam, não podia tolerar que junto ao throno houvessem homens, que partilhassem com elle da intimidade e das boas graças do soberano. D'ahi o odio, que votava á nobreza, a qual tambem desprezava-o por considera-lo *un parvenu*, em razão de não pertencer á primeira fidalguia do reino: e a guerra systematica, movida contra a companhia de Jesus, a cuja protecção devera o sentar-se nos conselhos da corôa. Durante a sua estada n'Allemanha e na Hollanda filiara-se á grande escola philosophica, que dominava nesses paizes, e nas suas contesta-

(*) *Mem. pour servir à l'hist. des événements de la fin du XVIII siècle*, tom. I.

ções com a S. Sé mostrou ter por demais sympathisado com a igreja schismatica d'Utrecht.

Infelizmente os jesuitas forneciam mais d'um pretexto para a opposição, que lhes fazia o primeiro ministro. O commercio em larga escala entre a metropole e as suas *reducções* no Brazil, era feito publicamente por elles, e d'esse commercio provinham-se sommas incalculaveis. Os generos coloniaes recolhiam-se em espaçosos armazens, que tinham mandado construir em Lisboa, cujos administradores vestiam a roupeta da Ordem. Seu fausto era tal, que não havia quem não desejasse ve-lo reprimido, e restituida a sociedade de Jesus á sua primitiva pureza. Pairavam sobre elles graves suspeitas de terem promovido a rebellião dos indigenas contra as ordens do gabinete de S. Ildefonso, que prescrevia-lhes de entregarem ao commissario portuguez Gomes Freire d'Andrade os sete povos das missões d'Uruguay em troca da colonia do Sacramento cedida á Hespanha pelo tratado de Madrid de 1750. O sabio Pontifice Benedicto XIV, que então reinava, a cujo conhecimento levou Pombal suas queixas, expediu ao cardeal Saldanha um breve datado de 1.º d'Abril de 1758 nomeando-o *Visitador e Reformador das casas da Companhia de Jesus situadas nos dominios de S. M. F.*, recommendando-lhe ao mesmo tempo, que se houvesse com toda a prudencia no desempenho d'esta commissão.

Os tiros disparados contra el-rei D. José na noite de 3 para 4 de Setembro d'este mesmo anno vieram aggravar cada vez mais a já tão critica situação dos jesuitas n'aquelle reino. Quaesquer que fossem as causas d'esse lamentavel acontecimento, que nos parecem ainda envoltas nas trévas do mysterio, julgamos não errar affirmando que os membros do instituto de Loyola tiveram n'elle tanta parte quanta se lhes attribuiu na desastrosa expedição d'Africa, que sepultou nas areias *d'Alcacer-kibir* um rei cavalleiro amortalhado nas esperanças da patria. É maxima antiga lançar por conta dos adversarios todos os actos odiosos que por ventura são praticados, embora absurda pareça similhante imputação: assim Nero accusou os christãos do incendio de Roma para perde-los inteiramente no espirito publico, assim o

marquez de Pombal fez os jesuitas fautores da conspiração regicida. *O tribunal da inconfidencia*, presidido pelo poderoso ministro declarou-os réos d'alta traição, expulsando-os dos seus collegios, condemnou os mais notaveis d'entre elles aos rigores do carcere com excepção dos P. P. Malagrida, Mattos, e João Alexandre destinados a adornar o supplicio da familia Tavora.

Expulsos de Portugal e suas possessões foram os jesuitas lançados sobre as costas d'Italia, e o primeiro comboi d'esses desgraçados padres, que assim eram privados do que de mais caro existe na terra, chegou a *Civita-Vecchia* a 24 d'Outubro de 1759 em numero de cento e trinta e tres no estado o mais lastimavel. É sempre iniquo o procedimento d'aquelle, que abusando do seu poder condemna sem deixar ao accusado os meios de defender-se, e que involve nos rigores d'uma mesma sentença innocentes e culpados. Semilhante excesso de poder foi recebido com indignação por toda a Europa, e os mais acerrimos inimigos da companhia desapprovaram-no. O soberano pontifice Clemente XIII, que substituira ao doutissimo Lambertini na cadeira de S. Pedro, encarregou ao seu representante em Lisboa, *monsignore* Acciajoli arcebispo de Naupacta, de fazer chegar aos ouvidos do *rei fidelissimo* as vozes magoadas dos exilados, a que o pai commum dos christãos não podia ser indifferente. Pombal porém havia de tal modo predisposto o animo d'el-rei D. José, que este principe naturalmente propenso á piedade, foi surdo ás admoestações do papa, chegando seu ministro a commetter o excesso d'expellir ignominiosamente do reino o nuncio de S. Santidade, e retirando de Roma o embaixador Mendonça, precipitar o orthodoxo Portugal no abysmo d'um prolongado schisma de que só sahiu pela prudencia e doçura do grande Ganganelli.

Nesta celebre questão dos jesuitas tinha-se invertido a ordem das cousas; e assim Portugal, que desde o seculo XVII perdera a sua influencia, e deixara a outros povos tomarem a dianteira na civilisação abria agora nova estrada, depois trilhada pela França, que no reinado anterior dictara leis á Europa. Dissemos que o processo de Lavalette havia causado grande sensação, e foi ella de natureza tal

que trouxe a total expulsão dos jesuitas d'aquelle reino, hoje imperio. Os parlamentos quizeram tomar conhecimento das *Constituições* da companhia para examinar, diziam elles, s'estavam estas conforme ás leis que então regiam toda a monarchia: e foi d'este exame feito por homens, cuja má vontade era conhecida, que resultou todo o damno para o instituto. «É para temer que estes magistrados (dizia o principe Pamphili Colonna, arcebispo de Colosses, e nuncio apostolico em Paris, em seu despacho de 11 de Maio de 1761 dirigido ao cardeal Torregiani, secretario d'estado) cuja totalidade é por natureza e por principios hostil aos jesuitas, não se deixem fascinar a ponto de tomar medidas violentas, quanto á constituição e direi mesmo á existencia da sociedade; o que aliás não me causaria nenhuma surpresa, e em cujo caso não se deve contar com o minimo apoio da côrte.» Datava de longe a guerra entre os parlamentos e os jesuitas, e é por isso que o nuncio do papa temia toda a sorte de violencias da parte d'aquelles. Haviam elles resistido ao rei, e á nobreza, protectores decididos da companhia, e note-se que esse rei cujas iras arrostavam era o imperioso Luiz XIV, a cujo aceno todos se curvavam. O seu odio contra o instituto de Loyola era portanto profundamente enraizado; formava nelles como uma nova natureza, assim causa-nos pasmo de ver que os jesuitas dando-se por victimas de Madame Pompadour, fizessem d'esses corpos respeitaveis doceis instrumentos dos caprichos d'uma mulher. «Os jesuitas, diz Theiner, tiveram realmente pouca perspicacia, nesta especie de vaidade ridicula em quererem passar por martyres d'essa real concubina, e com a qual, para melhor excitar a compaixão em seu favor, attribuiram-lhe a sua queda, bem como ao seu supposto alliado, o duque de Choiseul. Não negamos que Madame de Pompadour se unisse aos inimigos da companhia, e que juntasse seus esforços aos d'elle, mas o que contestamos é que podesse ella mudar a tal respeito a opinião publica: não estava isto no poder de pessoa alguma, nem tão pouco o de conjurar a tempestade, que por toda a Europa, ameaçava extermina-los. (*)»

(*) Vide Theiner Hist. du Pontificat de Clément XIV, chap. I.

Luiz XV estimava os jesuitas, mas não tinha a coragem de tomar abertamente a sua defesa; contentava-se com meios palliativos, que d'ordinario não satisfazem a ninguem. Esperando neutralisar a acção da commissão nomeada pelo parlamento de Paris para rever as *constituições* do instituto, composto d'ardentes jansenistas, addicionou-lhe seis membros, que depois de muitas conferencias e prolongados debates terminaram seus trabalhos concordando com o parecer da minoria da commissão, e colhendo-se ainda d'esse ensaio a triste convicção de que a companhia não podia continuar a permanecer na terra de França.

Restava-lhe o apoio do episcopado e para grangear o seu favor não duvidaram os jesuitas subscrever a famosa declaração do clero, de 1682, que constituiam as *liberdades da Igreja Gallicana*, que sempre haviam combatido com energia, e cujo ensino sempre repelliram dos seus collegios. Este acto de fraqueza da parte dos zelosos defensores dos direitos e prerogativas da S. Sé foi ainda esteril para o bem da sua causa; e comquanto não se compromettessem para com Roma, graças á sua celeberrima theoria da *restricção mental*, não encontravam todavia na grande maioria dos bispos francezes defensores decididos e calorosos apologistas como Christovam Beaumont, arcebispo de Paris, que queria levar seus collegas a uma manifestação publica e solemne das sympathias, que nutria para com os filhos de Loyola.

O plano adoptado pelo parlamento era um dos mais habeis e digno certamente de ser empregado contra uma sociedade de padres, que haviam posto a sagacidade diplomatica em lugar da candura evangelica. Consistia elle em chamar todos os collegios da companhia á sua barra, examinar os titulos da sua existencia, e supprimi-los depois isoladamente, a titulo de não terem auctorisação legal: d'est'arte feriam-na nos seus mais caros interesses, e ao passo que declaravam respeitar os direitos de cada padre, tomado individualmente, tornavam impossivel o subsistirem em França como corporação.

Por amor da verdade cumpre confessar que de todos os paizes, que nessa epocha se declararam contra a sociedade de Jesus, foi a

França o que procedeu com mais moderação; e cujas decisões parecem ter mais o cunho da sabedoria. Por sua ordenança de 17 de Junho de 1763 sequestrava-lhes Luiz XV as suas propriedades em beneficio do estado, deixando comtudo aos membros da ordem dissolvida o livre exercicio do seu ministerio sacerdotal, guardando, quanto lhes fosse possivel, as regras do seu instituto, e si mais tarde, em Novembro de 1764, supprimia totalmente em seus estados a *Companhia de Jesus*, não manchava esse acto com as scenas de barbara violencia, que o assignalou em Hespanha e Napoles, como em breve veremos.

D. Carlos III reinava então em Hespanha, e mostrava no throno d'esse paiz a mesma bondade, que tanto o fizera amar dos Napolitanos. Espirito elevado, desejava ardentemente melhorar a sorte da sua patria, extirpar velhos abusos, que degradavam-na aos olhos da culta Europa: e uma vez trilhando a vereda do progresso e das reformas força era que lançasse mão dos homens, que representavam o espirito da epocha, a cuja frente devemos collocar o conde d'Aranda, illustre discipulo da escola encyclopedista. É sempre difficil a tarefa de reformador, principalmente n'um paiz tão aferrado ás tradições como certamente é a patria do Cid. Murmurava o povo contra algumas medidas tomadas contra os seus habitos pelos *homens da situação:* todas as innovações lhe pareciam offensivas á dignidade nacional. Tal nos parece a causa da sedição madrilena do dia 26 de Março de 1766, que tomou por pretexto a conservação do traje castelhano *las capas e los sombreros* contra a invasão das modas francezas. Viu-se el rei constrangido a retirar-se para Aranjuez, e por poucas horas os sediciosos contaram com o triumpho das suas pretenções. No meio do tumulto, os jesuitas, que nelle appareceram para aplaca-lo, foram victoriados, e a seu pedido retiraram-se os insurgentes aos seus lares com a promessa de que seus desejos seriam satisfeitos, e que o manto da real clemencia seria estendido sobre o passado. Ou porque não estivessem autorisados para fazer taes concessões; ou pelas provas que das visitas domiciliarias pareceram colher-se contra elles, quando em suas cartas familiares censuravam os actos governativos, que não

eram conformes aos seus sentimentos, o certo é que D. Carlos III concebeu ácerca d'elles suspeitas de conspiradores; suspeitas, que julgamos hoje infundadas, mas que então não deixavam d'impressionar vivamente os espiritos, mórmente depois da opposição que o tratado de limites de 1750 encontrara n'America da parte d'esses indigenas, cuja direcção espiritual e temporal estava exclusivamente entregue aos membros da sociedade de Jesus.

No estudo imparcial, que fazemos das causas da suppressão dos jesuitas acreditamos serem os motivos acima allegados muito mais provaveis do que a anecdota referida pelos senhores Cretineau-Joly, e Ravignan relativa á supposta carta do geral Ricci, em que punha-se em duvida a legitimidade do nascimento de D. Carlos III. O ultimo d'esses escriptores, apezar da sua sisudez e gravidade, preferiu dar ao conto uma forma dramatica: po-la na bocca d'um grande d'Hespanha viajando pela Italia, e tendo por ouvinte o padre Casséda, ex-reitor da primeira casa dos jesuitas em Madrid (*). Si S. M. Catholica, em sua ordenança de 2 d'Abril de 1767, publicada em forma de *pragmatica-sancção*, disse que bania os jesuitas dos dominios da sua corôa *por motivos que ficavam occultos no seu real coração*, não foi, como pensa o senhor Cretineau-Joly, por querer esconder ás vistas profanas a verdadeira razão do seu resentimento contra a companhia; mas sim por um resto de compaixão pelas desgraçadas victimas, que outr'ora tanto amara e venerara, por não querer envenenar as feridas do seu doloroso exilio repetindo n'um documento official, destinado a fazer o gyro da Europa, o que então contra elles se allegava.

Com todo o sangue frio hespanhol ordenou el-rei a execução do seu edicto, e inabalavel mostrou-se em sua resolução. Estava de tal modo prevenido contra os jesuitas, que incorria em seu desagrado todo o que tomasse a sua defesa.

O zelo excessivo dos subalternos não poucas vezes desnaturalisa as intenções dos superiores: o rei catholico achava-se, como dissemos,

(*) Vide Ravignan Clément XIII et Clément XIV, chap. V pag. 194.

summamente irritado, mas não tinha de modo algum autorisado os excessos, que em seu nome se commetteram. A expulsão dos jesuitas da Hespanha foi cruel; e levou as lampas á ordenada pelo marquez de Pombal. Ouçamos a tal respeito o testemunho d'um auctor por forma alguma suspeito, pois que todos o reconhecem como alumno da philosophia dominante na Europa no seculo passado. O conde Alexis de S. Priest assim se exprime:

« A dous d'Abril de 1767 no mesmo dia, á mesma hora, ao norte
« e ao meio-dia d'Africa, n'Asia e n'America, em todas as ilhas da
« monarchia, os governadores geraes das provincias, os alcaides das
« cidades abriram os *pregos* munidos de triplice sello. Uniforme era
« o seu theor: sob as mais severas penas, inclusive a da morte, lhes
« era ordenado de dirigirem-se com mão armada ás casas dos jesuitas,
« investi-las, expulsa-los dos seus conventos e transporta-los como
« prisioneiros em vinte e quatro horas a um porto d'ante-mão desi-
« gnado. Os captivos deveram embarcar-se immediatamente, dei-
« xando seus papeis sellados e não levando comsigo senão o bre-
« viario e o seu fato..... Devemos convir que a prisão dos jesuitas
« e o seu embarque se fez com uma precipitação talvez necessaria,
« porém barbara. Perto de seis mil padres de todas as idades, ho-
« mens de nascimento illustre, doutas personagens, velhos opprimi-
« dos d'enfermidades, privados dos mais indispensaveis objectos,
« atirados no fundo do porão, e entregues ás ondas sem destino fixo,
« nem direcção precisa. (*) »

Clemente XIII amava os jesuitas e fez para salva-los tudo quanto estava ao seu alcance; já publicando a bulla *Apostolicum pascendi* de 7 de Janeiro de 1765, em que proclamava á face da christandade a sua sanctidade e innocencia, bulla que seu successor disse ter sido antes extorquida do que pedida, *extorta potius quam impetrata;* já escrevendo ao rei d'Hespanha em favor dos jesuitas do seu reino a sentidissima epistola onde se lem estas tocantes palavras: *tu quoque, fili mihi.* Não podia porém permittir o soberano pontifice que fossem seus direi-

(*) Hist. de la chute des Jesuites au XVIII siècle, pag. 64.

tos de tal modo menosprezados, que sem consulta-lo, e manifestamente contra seus desejos, arrojassem ás costas dos estados da igreja os desterrados das outras nações, embora pertencessem estes desterrados á classe eclesiastica. Vedou-lhes portanto o accesso no seu territorio, ordenou aos governadores de Civita-Vecchia, Porto d'Anzio, Ancona e outros lugares banhados pelo Mediterraneo, ou pelo Adriatico, que prohibissem formalmente o desembarque dos jesuitas hespanhoes, e o cardeal Torregiani, secretario d'estado communicando esta resolução ao nuncio da Santa Sé em Madrid usava d'estas formaes palavras: « O papa é em seus estados um soberano tão independente comqualquer outro monarcha, e não é seguramente permittido a nenhum principe o deportar os exilados do seu paiz para outro, sem o previo assenso do respectivo governo. » Repellidos assim os jesuitas por erro dos governantes da sua nação, erraram por muito tempo á mercê das vagas, expostos a todo o genero de privações, soffrendo todas as miserias imaginaveis, até que a republica de Genova offereceu-lhes uma hospitalidade provisoria na ilha de Corsega, d'onde sahiram em tempos mais calmos para partilharem no patrimonio de S. Pedro do asylo, que lhes tinham preparado seus irmãos de infortunio.

Sem querer justificar os jesuitas de todas as accusações, que sobre elles pesavam, sem entrar mesmo na analyse minuciosa dos motivos allegados para a sua suppressão na Hespanha, e sem pretender negar aos governos a faculdade de supprimir pelos meios reconhecidos em direito as congregações religiosas, cuja permanencia possa ser damnosa ao paiz, não podemos todavia deixar d'estigmatisar a maneira violenta, diremos quasi brutal, com que foi executado o edito d'el-rei catholico por esses mesmos homens que pouco antes rojavam aos pés dos padres da companhia, que mendigavam seu patrocinio, e a quem em grande parte lhes deviam a posição eminente, que ora occupavam e da qual se serviam para pagar a sua divida com a mais negra ingratidão. Innocentes ou culpados os jesuitas deveram ser tratados d'um modo diverso porque o foram: o conde d'Aranda comprehendia mal as intrucções de Choiseul.

A exemplo da Hespanha, Napoles, Malta, Parma rejeitaram do seu

seio todos os religiosos da companhia de Jesus. Malta dependia do rei de Napoles, este devia submissão e respeito a seu pai dom Carlos III, e o duque, pertencente á nobre familia dos Bourbons, devera seguir a politica adoptada nos gabinetes da França e da Hespanha.

Passaremos em silencio as arbitrariedades commettidas no reino das Duas Sicilias pelo marquez de Tanucci, em nome do seu joven soberano, chegando a ponto de lançar os jesuitas vindos de differentes collegios sobre as raias d'Ascoli, Rieti e Terracina, acompanhados pelas tropas reaes, e com defesa de pôrem os pés no territorio napolitano, sob pena de morte: as medidas repressivas tomadas contra a companhia pela republica de Veneza, e por outros estados da Italia para occuparmo-nos das *garantias materiaes* que contra a S. Sé lançaram mão os governos de França, Hespanha e Napoles.

O papa Rezzonico (Clemente XIII) mostrara-se desde o começo do debate decidido protector da companhia, e a cada nova aggressão, que esta recebia fazia corresponder palavras de justa e sancta indignação. Em tempos ordinarios as palavras do pai commum dos fieis seriam ouvidas com o devido acatamento, nessa épocha porém inteiramente anormal, quando o philosophismo jurara immolar aos filhos de Loyola ante as azas fumegantes do Porto-Real, não serviam ellas senão para irritar cada vez mais os espiritos: e a historia imparcial não deixará de culpar a esses regulares por não terem por uma prompta submissão desarmado os seus contrarios deixando de expôr ás tribulações, e ás angustias os amargurados dias d'um Augusto Velho.

Sabem os nossos leitores que o ducado de Parma e Placencia era um antigo feudo da S. Sé destacado d'esta por occasião da elevação do principe Alexandre Farnese ao solio pontificio com o nome de Paulo III, impondo a seus successores a obrigação de pagarem um tributo annuo de 9000 escudos para as despezas da camara apostolica. Sabem ainda que pela extincção da familia reinante na pessoa de Francisco Farnese, o imperador d'Allemanha e o rei d'Hespanha disputaram a sua posse, até que veio esta a caber ao infante dom Carlos, filho de dom Fillippe V, rei de Hespanha. O

duque dom Fernando, successor d'este principe, tinha promulgado em seu estado alguns decretos offensivos ás immunidades ecclesiasticas, e o S. Padre attendendo ás reclamações dos bispos, julgou dever intervir nesses negocios revogando pelo seu breve de 30 de Janeiro de 1768 tudo o que lhe parecia contrario ás suas prerogativas, e ameaçando no caso de resistencia ás suas ordens com as censuras ecclesiasticas. Aproveitando-se do ensejo reivindicava (talvez com pouca opportunidade) seus direitos de *suzerania* ao ducado de Parma e Placencia, como antiga possessão da S. Sé, e cujos direitos esta jámais renunciára. Tanto bastou para que as côrtes cujos principes pertenciam á familia de Bourbon, se julgassem profundamente offendidas, e que em virtude do *pacto de familia*, sem contradicção uma das mais felizes creações diplomaticas do seculo passado, ordenassem uma leva de broqueis contra Roma. Castro e Ronciglione, foram occupados pelo duque de Parma, a pretexto de serem antigas dependencias dos seus estados; o rei de Napoles invadiu os principados de Ponte Corvo e Benevento encravados nos dominios da sua corôa; e o mesmo praticou a França a respeito do Avinhão e do condado Venaissin. O monitorio de Parma era apenas um pretexto: o fim real de todas estas represalias, semilhante a que acaba de practicar a Russia nos principados do Danubio com a reprovação de toda a Europa, era o de constranger o papa a supprimir a ordem de Jesus, como se encarregaram de evidenciar os acontecimentos posteriores.

Depois de ter inutilmente protestado contra tal violação do direito internacional, não tendo podido fazer chegar a linguagem da razão e da justiça aos ouvidos dos monarchas catholicos, que julgavam servir a religião contrariando as intenções do seu chefe, Clemente XIII expirou no dia 2 para 3 de Fevereiro de 1769, pondo assim termo a um laborioso pontificado de dez annos, seis mezes e vinte e seis dias.

« Collocado sem cessar pela oração em presença de seu Deos, e « do seu cargo supremo, diz o R. P. Ravignan, quando todos os « interesses terrestres, todas as instancias as mais vivas pareciam

« dictar-lhe o silencio e as fracas condescendencias, ouvia no fundo
« do seu peito resoar a grande voz da Igreja, que jámais póde aban-
« donar direitos, que do céo recebêra, e nem as ameaças, os ul-
« trajes, as usurpações e os sacrilegos attentados conseguiram
« abrandar a sua energica resistencia: nunca deixou escapar um só
« acto de fraqueza (*). »

Acompanhando ao douto jesuita no juizo que forma ácerca de Clemente XIII seja-nos todavia licito pensar como o R. P. Theiner, que tanto o papa como o seu secretario d'estado, o cardeal Torregiani tinham vistas estreitas e estavam em completa ignorancia das necessidades do seu tempo. O certo é que em seu governo se deu o facto inaudito de serem as letras apostolicas do vigario de Christo laceradas publicamente nas praças publicas, e queimadas pela mão do algoz.

Não faremos a historia do conclave de 1769 d'onde sahiu eleito papa Lourenço Ganganelli com o nome de Clemente XIV: é este um drama, que apresenta muitas peripecias, e que tem sido diversamente narrado. Para uns como o sr. Cretineau Joly, foi o theatro das intrigas as mais baixas e abjectas dos embaixadores dos principes catholicos e o da mais vergonhosa corrupção d'alguns homens condecorados com a purpura romana. (**) Para outros como o R. Theiner na sua excellente *Historia do pontificado de Clemente XIV*, foi esta uma assembléa veneranda convocada n'um dos mais solemnes momentos por que tem passado a igreja, e que apezar da pressão, que d'encontro ás paredes do Quirinal exerciam os delegados dos diversos gabinetes catholicos para lhe extorquirem um voto, que fosse favoravel aos seus intentos, procedeu com a maior liberdade, e o escrutinio que deu a igreja um chefe na pessoa de Ganganelli não póde ser suspeito da menor violencia, ou corrupção. No entender d'este grave autor a historieta da obrigação assignada pelo futuro pontifice d'extinguir a companhia de Jesus não passa d'uma fabula inventada pela fertil imaginação dos seus contrarios. Outros finalmente, como

(*) Clément XIII et Clément XIV par Ravignan chap. VI pag. 326.

(**) Vide Clément XIV et les Jesuites par Cretineau-Joly, chap. III pag. 208.

o R. Ravignan se veem nos mais serios embaraços tendo de fazer a narrativa d'esta celebre eleição, devendo por um lado o maior respeito para com a memoria d'um homem, que sentou-se na cadeira de S. Pedro, e julgando-se por outro lado na necessidade d'attenuar a impressão causada pela suppressão, que esse pontifice fulminou contra o seu instituto. Procura livrar-se da sua critica situação lançando todo o odioso sobre os *cardeaes das corôas*, assim chamados os que advogavam seus interesses, ou em razão do nascimento, ou pela residencia que tinham fixado nos seus dominios: e chegando á pessoa do papa saúda-o com respeito, mas não se demora em fazer o seu panegyrico, como praticava com seu successor (*). Si fosse permittido á nossa inopia emittir um juizo n'uma questão tão debatida, e a que tão habeis pennas se tem consagrado, diriamos que a eleição d'um pontifice como Clemente XIV, notavel pela prudencia, pela brandura do seu caracter, n'uma épocha tão calamitosa, é uma prova de mais do cuidado com que Deos véla pela sua igreja. Nenhum outro nome no sacro collegio poderia reunir tantas sympathias; ninguem mais do que elle era dotado d'um espirito conciliador; a mãos mais habeis não poderia ser confiada a barca de Pedro.

O grande acto de Clemente XIV, e que só por si resume todo o seu glorioso pontificado é o da extincção da sociedade de Jesus. Como era de esperar foi elle diversamente interpretado: para os jesuitas e os seus encomiastas foi um acto execrando: o papa estava louco quando assignou o breve, que feriu-os de morte: para os homens imparciaes, para aquelles que lêm a historia sem amor, nem odio, foi um acto de grande sabedoria, reclamado pelas circumstancias; pois que de modo algum devêra a igreja identificar-se de tal sorte com a obra de S. Ignacio, que confundisse a sua existencia eterna, baseada nas divinas promessas com a vida transitoria d'uma instituição, creada para o seu serviço, e que podia ceder o posto a outras, logo que d'ella se não precisasse; e maxime quando se tornava prejudicial pelos abusos que no primitivo instituto se tinham introduzido.

(*) Vide Ravignan—Clément XIII et Clément XIV chap. VII.

Remettemos o leitor curioso para as obras especiaes, que a tal respeito se tem escripto nestes ultimos tempos, e talvez que com mais vagar nos occupemos d'este importante episodio da historia moderna. Por ora e para formular o juizo que sobre a companhia devemos pronunciar neste tosco e imperfeito *Ensaio* só diremos que o grande pontifice vivamente instado pelos governos catholicos, que tanto applaudiram a sua eleição, pediu-lhes que lhe concedessem o tempo necessario para o conhecimento pratico dos objectos, sobre os quaes chamavam a sua attenção e zelo pastoral. Graves por sem duvida eram as accusações, que pesavam sobre a sociedade de Jesus: cumpria consagrar algum tempo ao seu estudo, ao exame dos documentos, que de toda a christandade se lhe enviaram. Quatro annos foram n'isso empregados, durante os quaes ouviram-se as mais doutas personagens nacionaes e estrangeiras, e só depois de madura reflexão, quando se convenceu que era geral a animadversão contra os membros do instituto de Loyola, e que com pequenas excepções todas as almas piedosas, todos os verdadeiros e sinceros amigos da igreja, formavam votos pela sua suppressão, é que decidiu-se *ex informata conscientia* a promulgar o breve de 21 de Julho de 1773 em que se lhe retiravam todos os privilegios concedidos pelas bullas de Paulo III e dos seus successores, declarando extincta a companhia de Jesus, e seus membros desligados dos votos, que nella tinham solemnemente proferido.

N'esse celebre rescripto, que começa por estas palavras: « *Dominus ac Redemptor noster* » o soberano pontifice, depois de ter commemorado os exemplos das outras ordens religiosas, que pelos seus antecessores haviam sido supprimidas, como a dos templarios por Clemente V, a dos humilhados por S. Pio V etc., chegando as causas, que o moviam a extinguir a dos jesuitas diz que a isso o levava o amor da paz, e em beneficio da sociedade christãa, que esses regulares tinham agitado pela sua doutrina e zelo ardente com que defendiam-na com notavel detrimento dos interesses da igreja. Pedimos que nos seja concedido o citar textualmente o trecho do

breve, em que se dá a causal d'essa decisão pontificia, até para que se veja com que moderação procedia a S. Sé.

« Tot itaque, ac tam necessaria adhibitis mediis, Divini Spiritus,
« ut confidimus, adjuti præsentia et afflatu, nec non muneris nostri
« compulsi necessitate, quo ad Christianæ Reipublicæ quietem et
« tranquillitatem conciliandam, fovendam, roborandam, et ad illa
« omnia penitus de medio tollenda, quæ eidem detrimento vel mi-
« nimo esse possunt, quantum vires sinunt, arctissime adigimur;
« cumque præterea animadverteremus prædictam societatem Jesu
« uberrimos illos, amplissimosque fructus, et utilitates afferre
« amplius non posse, ad quos instituta fuit, a tot prædecessoribus
« nostris approbata, ac plurimis ornata privilegiis, imo fieri, aut vix,
« aut nullo modo posse, ut ea incolumi manente vera pax ac diuturna
« ecclesiæ restituatur; his propterea gravissimis adducti causis
« aliisque pressi rationibus, quas a prudentiæ leges et optimum
« universalis ecclesiæ regimen nobis suppeditant, altaque mente
« repositas servamus, vestigiis inhærentes eorundem prædecessorum
« nostrorum, et præsertim memorati Gregorii Prædeces, nostri in
« generali concilio lugdunensi, cum et nunc de societate agatur, tum
« instituti sui, tum privilegiorum etiam suorum ratione, mendi-
« cantium ordinum numero ascripta, maturo consilio, ex certa
« scientia, et plenitudine potestatis apostelicæ sæpedictam societatem
« extinguimus et supprimimus; tollimus et abrogamus omnia et
« singula ejus officia, ministeria et administrationes, domus, scholas,
« collegia, hospitia, gymnasia et loca quæcumque quavis in pro-
« vincia, regno et ditione existencia et modo quolibet ad eam per-
« tinentia; ejus statuta, mores, consuetudines, decreta, constitu-
« tiones, etiam juramento, confirmatione apostolica, aut alias
« roboratas; omnia item et singula privilegia, et indulta generalia,
« vel specialia, quorum tenores præsentibus, ac si de verbo ad
« verbum essent inserta, ac etiamsi quibusvis formulis, clausulis
« irritantibus, et quibuscumque vinculis et decretis sint concepta,
« pro plena et sufficiente expressis haberi volumus »

Todo o homem a quem não cegar o espirito de partido verá nas palavras cuja fiel transcripção acabamos de citar, bem como nas de todo o breve em questão a calma que presidiu a um acto de tanta ..agnitude qual aquelle de que se tratava. Ninguem por certo acreditará no romance contado pelo sr. Cretineau Joly, e repetido pelo sr. Ravignan ainda que revestido de circumstancias mais attenuantes, no qual o sancto padre assigna o breve de que tractamos *com o lapis durante a noite, e n'uma das janellas do Quirial* cahindo depois em deliquio de que só sahiu no dia seguinte!.... São por demais ridiculas narrações de semilhante natureza para que percamos nosso tempo em refuta-las, e enviamos os que desejarem ve-las pulverisadas para a já citada obra do R. P. Theiner. Aos argumentos do sabio oratoriano respondeu o sr. Cretineau-Joly com duas cartas em que abundam as illusões pessoaes, e que mais se parecem com um *pamphlet* do que com o escripto d'um homem aliás de muito merito, e de quem se devera esperar alguma cousa de mais serio.

Para se vingarem da mão, que os punia, os ex-jesuitas não recuaram perante nenhum dos meios, a que homens honestos e sobretudo ecclesiasticos jámais devem recorrer: já promovendo as falsas prophecias, que encerravam uma ameaça contra o papa, como as de Theresa Poli, já publicando uma multidão de libellos famosos. cheios de negras calumnias contra a S. Sé, a cujas impuras fontes vão hoje buscar os seus apologistas esse immenso material de documentos, que se dizem devidos a testemunhas fidedignas e contemporaneas; já finalmente declarando-se em completa rebellião contra as ordens do chefe da igreja, como na Silesia, Polonia e Russia Branca, com o favor de soberanos hereges, ou schismaticos. Para conjurar a sua proxima queda tinham implorado a protecção de Frederico II, que respondeu-lhes que assim como não tinha intercedido em pról do regimento de Fitz-James, supprimido por Luiz XV, tambem não queria se ingerir nas reformas que aprovesse ao papa fazer; agora lisongeavam na Polonia o amor proprio de Catharina, para encontrarem um asylo, onde se abrigassem contra o odio dos povos e dos reis, e d'onde podessem a seu salvo desobedecer ao papa.

Desde o dia 17 de Agosto de 1773 em que fôra publicado o breve « *Dominus ac Redemptor noster* » até o de 7 de Agosto de 1814, em que foi solemnemente restabelecida a sociedade de Jesus pelo papa Pio VII em virtude da bulla *sollicitudo omnium Ecclesiarum* tinham-se passado trinta e um annos, em cujo lapso grandes e maravilhosos acontecimentos tiveram lugar. Como um grande rio a revolução franceza dividia as duas margens oppostas, e só ella podia fornecer plausivel explicação ao que parece á primeira vista inconciliavel. O cataclysma popular havia derribado todas as crenças; o principio d'autoridade estava profundamente abalado, necessitava-se de quem sustivesse a sociedade moderna nas bordas do abysmo, em que ia despenhar-se. Este paradeiro só podia ser a religião catholica, mas os jesuitas foram bastante habeis para fazer crer aos povos que a sua ruina procedêra do seu grande zelo religioso, da defesa que haviam emprehendido do dogma contra os ataques da impiedade. Aguardando melhores dias empregavam-se na Prussia, na Austria e na Russia na educação da juventude, e os governos d'esses paizes, que só viam nelles mestres dedicados e esclarecidos continuaram a prestar-lhes o mesmo, senão maior favor, que outr'ora lhes concediam. Foi na Russia, que a pedido de Paulo I, foi permittida a conservação da antiga regra vivendo sob o seu regimen os padres que n'aquelle imperio haviam outr'ora pertencido á sociedade dissolvida, com a condição de s'empregarem unicamente nos trabalhos do magisterio e catechese. Oito annos mais tarde em 1809 foi a mesma graça concedida ao rei de Napoles, que por ella instava; até que o restabelecimento geral da companhia foi pronunciado por Pio VII voltando do exilio, e julgando pelos symptomas da reacção que de todas as partes se manifestava, que a sancta alliança conseguira com seu famoso congresso de Vienna pôr um cravo no eixo do carro revolucionario, e que o mundo ia retrogradar, desenganado pelo triste resultado das modernas utopias.

Os factos da historia contemporanea se encarregam melhor do que poderiamos faze-lo de demonstrar que os jesuitas *nada aprenderam*, *nem esqueceram* em sua adversidade, e que depois d'esta

longa e dura provação voltaram nútrindo as mesmas ideias de dominio e de illegitima influencia, que acarretaram a sua extincção. Longe de empregarem o tempo do seu exilio em se corrigirem dos seus passados erros, procurando imitar as sublimes lições do seu sancto instituidor dir-se-hia que consagraram-no particularmente ao estudo do *directorio* d'Aquaviva. Todos sabem que foram elles, que deram origem á formação *d'esse partido padre*, que tanto contribue para tornar em França impopular a restauração. N'este mesmo paiz travaram uma grande luta com a universidade relativa á liberdade do ensino, de que agora se faziam campeões, depois de terem-no outr'ora monopolisado. Na Hespanha chamados por Fernando VII afim d'auxilia-lo em suas medidas reaccionarias, foram d'ella novamente expulsos em 1820 com o momentaneo triumpho do partido liberal; e no reino vizinho deveram tambem a dom Miguel o serem reinstallados no seu antigo collegio de Coimbra; tendo de abandonar o reino quando o seu protector cessou de reinar. Provocaram na Suissa a guerra civil, e a elles se poderá com verdade attribuir todas as ruinas, todo o sangue innocente derramado n'esse paiz. Prégam a intolerancia na Belgica, e na Allemanha: e mesmo em Roma attrahem tanto contra si o resentimento popular que o primeiro grito do povo libertado dos seus grilhões pelo magnanimo Pio IX é pedindo a sua expulsão. N'esses dias vertiginosos, em que dominou na cidade dos Cesares e dos Papas a republica de Mazzini o convento de *Gesù* escapou de ser devorado pelas chammas ao passo que todos os outros foram respeitados. Ha talvez em tudo isto uma terrivel fatalidade: póde ser que seja a sociedade de Jesus innocente de todas as recriminações que contra ella se dirigem, e que amestrada por uma dolorosa experiencia tenha inteiramente renunciado o campo da politica; mas no nosso fraco entender é ella um anachronismo tão grande em nossos dias como se-lo-hia o restabelecimento dos templarios. Ponhamos aqui termo á primeira parte d'este rapido esboço, e vejamos quaes foram as phases da sua existencia no Brazil.

II

Nove annos apenas haviam decorrido depois da formal approvação do instituto de Loyola quando aportaram ao Brazil os primeiros jesuitas, acompanhando o primeiro governador geral. Todos sabem que o nosso bello paiz que o acaso, ou antes a providencia mostrára a Cabral, foi nos verdes annos da sua existencia entregue a especuladores, que d'elle queriam tirar lucros fabulosos, e que se viram pela maior parte illudidos em seus ambiciosos designios. Os primitivos donatarios depois d'inuteis esforços renunciaram, ou venderam á corôa os seus direitos, quando uma politica mais esclarecida do que a que presidira aos destinos da joven colonia, pensou em substituir por um governo geral, dependente da metropole, esses governos independentes uns dos outros,e que com o andar dos tempos poderia conduzir-nos ao feudalismo, si porventura esse gothico legado dos seculos barbaros podesse se aclimatar no livre sólo de Colombo. Não era possivel que a sociedade de Jesus, que havia tomado por divisa a conversão do mundo ao verdadeiro culto, deixasse por mais tempo permanecer nas trevas da idolatria esta tão importante porção do novo continente; assim pois a instancias do senhor rei dom João III apressou-se o P. Simão Rodrigues, superior dos jesuitas em Portugal, a enviar tres padres, e dous irmãos coadjuctores, sob a direcção do padre Manoel da Nobrega.

A exemplo de Xavier, cujas maravilhosas acções já enchiam de pasmo o mundo, e arrancavam a admiração dos proprios contemporaneos, tiveram os primeiros membros da companhia de regar com o suor dos seus trabalhos e tribulações o esteril terreno da cathechese, chamando ao gremio da Igreja a esses filhos das palmeiras, que esquecidos da tradição primitiva tinham quasi que de todo perdido as mais simples noções da religião revelada, apenas conservando, como uma lampada suspensa n'ababoda da sua alma, a ideia d'um Deus remu-

nerador da virtude, e a cujas penetrantes vistas não se póde subtrahir o vicio.

A primeira igreja levantada na Bahia (a de N. S. d'Ajuda) e por consequencia em todo o Brazil foi devida a esses intrepidos missionarios, que não satisfeitos de se consagrarem á penosa tarefa do apostolado levantavam com as suas proprias mãos os templos onde deveram se celebrar as pompas augustas do christianismo. Carregavam as pedras; iam á fonte buscar agua, largavam o breviario para tomar a trolha e a esquadria, e desciam dos andaimes para subir ao altar onde celebravam o tremendo mysterio eucharistico. Jubilosos concorriam os indigenas para taes trabalhos e cada um, na proporção das suas forças. queria tambem ter o seu quinhão na gloriosa empreza da civilisação do paiz por via do Evangelho. Concluida a edificação d'essa Igreja, cederam-na ao bispo dom Pedro Fernandes Sardinha e emprehenderam a erecção d'uma casa, que lhes servisse de collegio, e o de S. Thiago foi fundado com o auxilio dos moradores e principalmente dos indigenas. O P. Ruy Pereira escrevendo aos seus confrades de Portugal assim exprimia o concurso que os naturaes da terra prestavam ás obras por elles emprehendidas:

« Quando os primeiros padres foram fundar a casa (a de S. Thiago
« na Bahia) além d'alegria, que mostraram com a sua vinda trouxe-
« ram-lhes gallinhas e outros mantimentos para comerem, e foi
« tanta a diligencia, que puzeram em fazer a igreja, que em quatro
« dias acabaram, desoccupando-se de todo o mais, até as mulheres
« limpavam os terreiros, e no meio d'estes arvoravam uma cruz, a
« maior que em minha vida vi: isto acabado ajuntavam os meninos
« e meninas em casa dos padres para os assentarem em rol, sem lhes
« ser feita força alguma, mas de suas proprias vontades, e mandando
« os seus principaes, ajuntaram-se logo para a escola cento e cin-
« coenta moços christãos, e innocentes cento e quarenta pouco mais,
« ou menos. »

Grandes por sem duvida deveram ser os obstaculos que de todas as partes surgiam e capazes de desacoroçoar a outros que não fossem os nossos heroicos missionarios. Entre esses obstaculos de todo o genero

talvez que não fosse o menor a completa ignorancia da lingua do paiz, mas foi elle em breve superado pelo zelo infatigavel do padre João d'Aspilcueta Navarro, que habilitou-se logo para compor nella as orações e dialogos necessarios para doutrina-los na nossa fé. Parece que até Deus lhes concedia o dom das linguas!

A musica, esse poderoso meio d'acção, era empregado pelos jesuitas com maravilhoso resultado. Sabiam que os povos selvagens são insensiveis a tudo o que não impressiona vivamente a sua imaginação, que é por meio do organismo que póde-se fazer chegar ao seu espirito as grandes verdades, precisando de certo modo materialisa-las para po-las ao alcance do seu rude entendimento. Antes d'ensinar a ler e a escrever aos meninos davam-lhes lições de canto; e eram elles poderosos auxiliares, que encontravam os padres no seu louvavel intento; e assim lemos na Chronica da Companhia pelo P. Vasconcellos, « *que os mais provectos sahiam em procissão pelas ruas entoando em canto de solfa as orações e mysterios da fé* (*). » Celebravam as festas, que eram em grande numero, com todo o esplendor compativel com a falta de recursos que experimentavam; afim de que os indigenas respeitassem pela magestade externa as ceremonias cuja razão escapava á sua intelligencia. Não duvidavam recorrer ao drama, pondo em acção os mysterios do catholicismo; já no adro das igrejas em um theatro improvisado, em que representavam indigenas e portuguezes em ambos os idiomas e com todos os caracteres da prisca comedia, como s'exprime o senhor Magalhães; já no interior dos templos, como por occasião da semana sancta, em que a scena sanguinolenta do Calvario era apresentada com côres tão vivas e naturaes que o espectador dir-se-hia transportado á Palestina, e retrogradando quasi dous mil annos assistir ao grande, inqualificavel attentado do povo deicida.

O zelo dos missionarios era superior a todo o elogio: infatigaveis na propagação da fé não recuavam ante a ideia do martyrio, e os proprios protestantes, como Southey na sua estimadissima Historia do

(*) Vide Chronica da Companhia de Jesus liv. 7 n.º 93, pag. 85.

Brazil, fazem-lhes a devida justiça. Ouçamos suas palavras: « These missionaries were every way qualified for their office. They were zealous for the salvation of souls, they had desingaged themselves from all the ties which attach us to life, and were therefore not merely fearless of martyrdom but ambitious of it. » Comprehende-se de quão grande valia seja este testemunho devido á penna d'um adversario tão conspicuo. Por uma degradação da natureza humana, difficil d'explicar-se, a anthropophagia era uma paixão dominante em muitas tribus dos nossos selvagens, e para extirpa-la não houveram perigos a que se não expuzessem os jesuitas, ora cahindo de surpresa em uma *taba*, (*) e arrancavam das mãos das velhas o cadaver ainda palpitante da desgraçada victima, que destinavam para os seus satanicos festins; ora fazendo com os *principaes* uma concordata pela qual lhes era permittido baptisarem-nas antes do sacrificio, o que era quasi equivalente a salvarem-lhes as vidas, porque uma crença espalhou-se entre os indigenas de que as aguas regeneradoras prejudicavam ao sabor da carne dos prisioneiros. Não era porém impunemente que assim combatiam um uso arraigado pelos seculos, e um dia escapou o primeiro collegio dos padres de ser destruido pelos ferozes Tupinambás a não ser a energia do governador geral Thomé de Souza.

Homens habituados aos commodos da vida civilisada achavam-se no meio das nossas virgens florestas obrigados a viverem como si nellas tivessem visto a luz do dia. Assim era preciso; cumpria que se amoldassem aos habitos do paiz para que mais proveitosa fosse a sua missão, não receiando os naturaes da sua presença. Sahindo de manhãa do seu collegio entranhavam-se pelos sertões em busca das tribus nomadas a quem annunciassem a *Boa Nova* (**), levando unicamente comsigo o crucifixo e o breviario, porque até do sustento se descuidavam, sustento que aliás lhes offereciam as arvores carregadas de saborosos e succulentos fructos, e quando a noite colhia-os

(*) Aldeias de selvagens.

(**) O Evangelho.

de improviso depois de terem galgado ingremes montanhas, atravessado a váo e muitas vezes a nado as torrentes dos nossos caudalosos rios, com a cutis tostada pelo ardente sol dos tropicos, ou o rosto zurzido pelos espinhos, batiam com confiança á fragil porta d'agreste cabana, pertencentes a alguma *taba* escondida em profundo valle, e deitados nas *inis* (*) dormiam tranquillos. Outras vezes mudava-se a scena e apresentava-lhes novo e descommunal espectaculo. Chegavam no meio dos festins; e assistiam ás suas dansas, ou antes aos seus tripudios, e aquelles ouvidos afeitos ao som do orgão reboando pelás abobadas dos seus templos, eram feridos pelo desagradavel chocalho dos *maracás* (**). Trocavam o pão pela *tapioca*: andavam descalços e vestiam-se d'algodão: impossivel sería resistir as palavras d'esses homens, que tão bem sabiam alliar a theoria com a pratica: prégavam a pobresa e eram pobres, o desprezo do mundo e abnegavam-se.

Tinham porém os jesuitas mais obstaculos a encontrar da parte dos colonos do que da dos naturaes do paiz. A povoação do Brazil fora entregue ao acaso; e n'essa épocha, e ainda por muito tempo depois, considerado como um presidio de degradados, asylo d'homens perdidos, a quem a metropole não podia supportar por seus vicios. Ora, si taes homens eram temiveis no reino, onde a policia podia vigiar os seus passos, e reprimirem de prompto as autoridades os seus crimes, como não seriam em uma terra nova, onde viviam com a mais solta independencia, e onde a acção das leis era quasi que perfeitamente nulla. Pessimo era o systema de colonisar adoptado por Portugal, consistindo em mandar para as suas possessões d'além mar os criminosos, os réos de policia, para servirem de nucleo á nova povoação. Uma natureza virgem exigia tambem costumes simples e puros, almas virtuosas, e não era certamente proprio o enviar-lhe a escoria, as fezes da população do reino, mas o reino não tinha outros homens para *exportar*, porque os cavalleiros, os mancebos

(*) Redes d'algodão.

(**) Instrumento de musica.

pertencentes ás boas familias partiam para o Oriente a colher louros, ou morrer heroicamente; outros iam negociar, e sem duvida que mais lucravam embarcando-se para a India e trazendo d'ali os ricos productos do seu sólo, as perolas, os brocados, o marfim já convertido em preciosos artefactos, do que virem permutar com selvagens os generos da Europa, que não apreciavam, pelas suas palhetas d'oiro, e por outros objectos tambem incultos, e aos quaes então não se dava grande valor. Os lavradores, os artesões não tinham igualmente que fazer na nossa terra, não queriam aquelles expor-se aos rigores do nosso clima, e receavam estes não achar occupação, e morrerem á mingoa com suas familias. Restavam portanto colonos, que nos não convinham; mas que se reputavam por felizes trocando o seu desterro pelos carceres da patria, ou talvez que pela corda do algoz. Exerceu felizmente o clima poderosa influencia sobre o caracter d'esses primeiros povoadores do Brazil; modificaram, graças á sua acção, a sua indole, e muitos se metamorphosearam em homens honestos e excellentes cidadãos.

Todavia para que taes phenomenos tivessem lugar era necessario que alguns annos decorressem; e ainda assim não podiam elles converter-se em regra geral. Haviam muitos corações endurecidos, temperas d'aço, que eram insensiveis aos primores da natureza americana, e que ainda aqui reproduziam os máos habitos a que estavam avezados. D'esses homens é que se queixavam os jesuitas em suas cartas, lamentando que christãos, que portuguezes fossem mais difficeis de se converterem do que os selvagens, que viviam entregues ás paixões, sem a minima noção da lei de Deos. E o que era ainda peor, alguns clerigos, inteiramente esquecidos do seu sancto ministerio, prégavam com o seu exemplo e com as suas palavras uma doutrina opposta á moral de Christo, da qual os jesuitas eram promulgadores. « Os clerigos d'esta terra (dizia o padre Nobrega em uma carta mandada da capitania de Pernambuco em 1551) tem mais o officio de demonios que de clerigos; porque além do seu máo exemplo e costumes querem contrariar a doutrina de Christo, e dizem publicamente aos homens que lhes é licito estar em peccado

com suas *negras*, pois que são suas escravas, e que pódem ter os salteados, pois que são cães; e outras cousas similhantes, por escusar seus peccados e abominações. De maneira que nenhum demonio temos agora que nos persiga, senão estes. Querem-nos mal porque lhes somos contrarios aos seus máos costumes, e não podem soffrer que digamos as missas de graça em detrimento dos seus interesses. » Era necessario toda a energia, todo o zelo d'um jesuita da primeira época, para superar taes obices.

A grandeza e a futura importancia do Brazil não escapou ao espirito esclarecido do primeiro geral dos jesuitas, elevando-o em 1553 á cathegoria de provincia independente da de Portugal e nomeando para provincial o padre Nobrega, tendo por seu coadjuctor o padre Luiz da Gram, que fora reitor do collegio de Coimbra. Este distincto jesuita embarcou-se na frota, em que veio o novo governador geral D. Duarte da Costa, trazendo comsigo seis companheiros e entre elles o padre José d'Anchieta, então ainda coadjuctor temporal, mas que em breve devera grangear tão grande nomeada pelas suas acções e heroicas virtudes.

O primeiro uso que fez o novo provincial da sua autoridade foi o ordenar a erecção de mais um collegio nos campos de Piratininga, que foi o terceiro que contou a ordem no Brazil, sendo o primeiro o da Bahia e o segundo o de S. Vicente, fundado pelo padre Leonardo Nunes e pelo irmão Diogo Jacome no mesmo anno da sua chegada, isto é em 1549. Foi o collegio de Piratininga depois chamado de S. Paulo, em razão de ter-se n'elle celebrado a primeira missa no anniversario da conversão do *Doutor das Gentes*, o grande theatro em que começou a ostentar-se o zelo verdadeiramente apostolico do padre Anchieta. Encarregado do ensino dos neophytos desempenhou de modo admiravel a sua sublime missão, na falta de livros escrevia as lições em cadernos que distribuia por cada alumno, trabalho insano, que não poderia ser emprehendido senão por quem, como elle, sacrificava-se pelo proximo, e cujo unico interesse era o de ganhar almas para o céo. Apprendiam ali os jovens cathechumenos, e os filhos dos colonos os rudimentos das linguas portugueza, la-

panhola, latina e brasilica, chamada a lingua geral, indispensavel para o trato com os indigenas, idioma cheio de doçura e de bellezas e que é pena se deixasse em completo abandono depois da suppressão dos jesuitas.

O já citado R. Southey fallando dos trabalhos do padre Anchieta no collegio de Piratininga serve-se d'estas palavras: « Anchieta taught « Latin and learnt from them the Tupinamban, of which he composed « a grammar and vocabulary, the first which were made. Day and « night did this indefatigable man, whose life, without the machenery « of miracles, is sufficienthy honourable to himself and to his order, « labour in discharging the duties of his office. » (*) Parece incrivel que depois de tão arduas funcções quaes ás que s'entregava incessantemente restasse-lhe ainda tempo para compor na lingua do paiz romances, ou antes balladas proprias a inspirar-lhes horror ao vicio e estima para com a virtude, tendo todos por base a sublime moral christãa, e pondo em musica as eternas verdades do nosso culto, fizesse-nas depois cantar pelos meninos indios d'ambes os sexos, a quem d'est'arte inspirava amor pela religião, desenvolvendo n'elles o natural pendor para a musica. Conhecendo por experiencia o quanto influia sobre o homem este importante ramo das bellas artes, é que dizia o grande e virtuoso padre Manoel da Nobrega: « com a musica e harmonia atrevo-me a attrahir a mim todos os Indios d'America. »

O Apostolo do Novo Mundo escrevendo ao geral da companhia assim descreve a distribuição do tempo, e a vida activa que passavam os jesuitas: « Quasi nenhuma arte das necessarias para o commercio « da vida deixam de fazer os irmãos: fazemos vestidos, sapatos, « principalmente alpercatas d'um fio, como canhamo, que nós outros « tiramos d'uns cardos lançados n'agua, e curtidos, cujas alpercatas « pela aspereza das selvas e das grandes enchentes d'agua, é necessario « passar muitas vezes por grande espaço até a cinta, e algumas vezes « até o peito, barbear, curar feridos, sangrar, fazer casas e coisas de

(*) Vide R. Southey History of Brazil, chap. IX.

« barro, e outras similhantes coisas não se buscam fóra, de sorte que
« a ociosidade, não tem lugar nesta casa. (*) »

Por mais d'uma vez esteve em perigo o collegio de Piratininga theatro de tão bellas acções, já pelos *mamelucos*, já pelos indigenas inimigos dos Portuguezes, devendo sempre a sua salvação ao zelo e intrepidez do seu reitor, auxiliado pelos cathechumenos e pelo valente *Tibereçá*, cujo nome nos deve ser tão caro.

Não menos admiraveis são os heroicos missionarios aplacando os odios entre os naturaes e os Portuguezes, e é com verdadeira veneração que pronunciamos seus nomes lembrando-nos dos relevantes serviços, que prestaram á recente colonia. Quando em 1562 os ferozes Pitagoares assolaram a capitania do Espirito Santo, depois de terem devastado as dos Ilheos e Porto Seguro, quando uma guerra de exterminio, cujos resultados não se podiam prever, se tinha travado entre os colonos e os selvagens, foram dous jesuitas (Nobrega e Anchieta) que poderam conseguir que a paz se celebrasse ficando elles como refens nas mãos dos barbaros, esperando a cada instante que soasse a hora do supplicio; attenta a fé punica dos primeiros habitadores d'esta terra.

Graças a uma solicitude superior a tudo a que em seu abono se poderia dizer, tinha-se propagado o christianismo com electrica velocidade: a Bahia, S. Vicente, Espirito Santo, Porto Seguro e Pernambuco possuiam já collegios, e *reducções* servidos pelos padres da companhia de Jesus.

Exerciam sobre o animo dos indigenas quasi que illimitado ascendente, porque consideravam os jesuitas como amigos de Deos e seus naturaes protectores. Vimos a maneira por que desarmaram aos crueis Pitagoares fazendo d'elles alliados dos Portuguezes, e sempre que no meio dos combates, ou ainda no fervor das suas rixas apparecia um filho de S. Ignacio serenava este a atmosphera impregnada da colera e do desejo de vingança, tal como o iris depois de procellosa tempestade é nuncio de bonança. A palavra d'um jesuita era o mais solido

(*) Vide S. de Vasconcell. Vida d'Anchieta.

penhor que se podia dar; e assim tambem era o unico que aceitassem os filhos das brenhas, amestrados por uma triste experiencia a desconfiarem dos protestos d'esses homens fementidos, que os iam buscar em seus longinquos asylos para traze-los ao povoado offerecendo-lhes em troca da sua credulidade o captiveiro, ou a morte.

Ninguem, que tenha se occupado com as coisas da nossa terra, ignora que foram os jesuitas que poderosamente contribuiram, já por seus conselhos, já pela sua amizade com os indigenas, para o triumpho da expedição de Estacio de Sá: tendo anteriormente coadjuvado ao governador geral, seu tio, no nobre empenho de resistir com as poucas forças, que tinha á sua disposição, ao ataque que os Francezes, commandados por Nicoláo Durand de Villegaignon, e contando com a alliança dos Tamoyos dirigiram contra o Rio de Janeiro. A fundação d'esta cidade, destinada a ser a capital d'um grande imperio, a rainha d'America meridional, foi a consequencia immediata da expulsão dos invasores. Sem os jesuitas, sem os seus patrioticos esforços, talvez que os Francezes tivessem permanecido na nossa cidade. O tempo urgia; D. João III tinha cessado de existir; e o reinado seguinte devêra ser o ultimo que contasse Portugal antes do fatal eclipse da dominação hespanhola, e é facil ajuizar si durante ella poderia o Brazil libertar-se da dupla invasão dos Hollandezes ao norte e dos Francezes ao sul.

As palmas do martyrio vieram tambem juntar-se aos serviços de todo o genero que os padres da companhia prestavam á religião: era talvez preciso que como no Japão sellassem com o seu sangue a pureza da sua fé. Esta honra estava reservada ao padre Ignacio d'Azevedo, visitador nomeado para a provincia do Brazil, e que para elle vinha com sessenta e nove companheiros. Jacques Soria, corsario calvinista, condemnando á morte com satanica frieza a esses soldados de Christo julgava ter rarefeito as fileiras do exercito da cruz quando pelo contrario só augmentava o seu numero; porque o sangue dos martyres, como disse Tertulliano, é semente de christãos.

Durante a primeira época da existencia dos jesuitas no Brazil, que corresponde ao seu seculo aureo, praticavam elles tantas virtudes,

houveram se com tanta abnegação, que longe iriamos, si quizessemos fazer o inventario de todas essas celestes riquezas: além de que não é o nosso proposito escrever a historia do seu estabelecimento, e progressos na nossa terra, o que talvez ainda um dia o façamos si tempo e disposição tivermos para isso. Como porém parece ser destino da humanidade o encontrar sempre ao lado da verdade o erro, e da virtude o crime, uma pagina negra e borrifada de sangue vem fechar a primeira parte dos brilhantes annaes do instituto na terra de Santa Cruz. A perspicacia do leitor ter-nos-ha certamente prevenido adivinhando que queremos fallar do supplicio do calvinista João Bolés, que fugindo ás perseguições do *Caim d'America* viera com muitos coreligionarios seus, buscar asylo nas povoações portuguezas. A intolerancia e o fanatismo religioso tinha accendido em Portugal as fogueiras da inquisição: queimavam-se então ali nas praças publicas os *christãos novos*, accusados de ser occultamente fieis á religião de seus pais, da qual pela força, ou pelo temor do exilio, haviam sido constrangidos a apostatar. Os jesuitas eram bastante esclarecidos, gozavam da mais bem merecida influencia, para impedirem que na nossa patria, onde nem sequer podiam se dar as razões com que se procuravam attenuar taes excessos no velho mundo, se reproduzissem elles com horror da natureza. Era porém grande o poder dos preconceitos; fatal o dominio das falsas idéas, que obrigava a homens illustres como o padre Luiz da Gram, a denunciarem como herege obstinado, perigoso ao bem-estar da colonia, digno n'uma palavra do derradeiro supplicio, a um homem cujo unico erro foi, no nosso entender, o não saber respeitar a crença, a que não tinha fortuna de pertencer, provocando perigosas discussões sobre o dogma. Causa-nos ainda mais estranhesa que o venerando Anchieta, o symbolo, a personificação da virtude, acompanhasse o réo ás escadas da forca, e temendo que se não arrependesse este da sua conversão apressasse o algoz ensinando-lhe até a desempenhar o seu officio!!.....

« O' caridade admiravel e engenhosa (exclama o padre S. de « Vasconcellos). Bem sabia Joseph que segundo as leis ecclesiasticas, « incorria na suspensão das ordens todo o sacerdote, que accelera a

« execução da morte em qualquer occasião, ainda que movido de
« causa pia; porém mais podia com elle a caridade e o amor, que
« devia ao proximo, que outro qualquer respeito e consideração. »
O Jornal de Timon, escripto por uma das nossas melhores pennas contemporaneas, citando o trecho, que tambem acabamos de transcrever, assim responde á logica sophistica do biographo jesuita: « E
« nós dizemos: abominavel fanatismo, que assim perverte e trans-
« forma um missionario sublime em miseravel ajuda do algoz! triste
« e eterna contradicção do espirito humano! Estes padres, que
« vertiam o proprio sangue pela conversão de selvagens canibaes,
« agora o derramam d'um irmão innocente e quando muito trans-
« viado, violando na sua pessoa as leis sagradas da hospitalidade, e
« atanazando-o na sua hora derradeira com torturas moraes, mais
« crueis e insupportaveis por ventura que as da corda e do cutello. »

Sejamos porém generosos, nós que vivemos n'um seculo em que a razão impera, em que a tocha da philosophia esclarece os ministros da igreja occupados na meditação do Evangelho, e lançando o véo do nosso reconhecimento sobre os erros dos primeiros civilisadores da nossa patria, curvemo-nos respeitosos ante seus tumulos, nelles depositando corôas de perpetuas e saudades.

Com a morte de Nobrega e d'Anchieta terminaram os tempos heroicos dos jesuitas no Brazil, findou a primeira e brilhante phase da sua historia: a era poetica devera seguir-se á prosaica. Reconhecemos que durante o segundo periodo houveram entre nós homens notaveis pela sua piedade, e verdadeiramente apostolicos: mas o espirito que dirigia as acções dos padres espalhados pelo nosso vastissimo territorio não era o mesmo, e devera necessariamente resentir-se do impulso, que lhe era communicado de longe. O provincial do Brazil devera seguir a linha de conducta, que lhe era traçada pelo geral, e si o leitor tiver a bondade de voltar algumas paginas d'este nosso grosseiro *Ensaio* verá que a indole das constituições se achava já n'essa época profundamente modificada, pelos additamentos que lhe foram feitos. Verdade é que não lhes apresentava a terra de Cabral digno theatro para a sua ambição: não haviam aqui reis, de quem

se fizessem confessores, não tinhamos politica de que fossem os oraculos; mas no pequeno e humilde scenario escolheram o papel de protogonistas, e na defesa da liberdade dos indigenas a alavanca da sua proxima opulencia.

Cremos piamente que os primeiros jesuitas que prégaram contra o deshumano trafico dos indios, estavam animados das mais puras e santas intenções, e até porque recebiam as instrucções dos tres primeiros chefes da ordem, de quem formamos o mais subido conceito, e tinham por executores homens zelosos da propagação do christianismo, para cujo beneficio tudo sacrificavam, como deixamos esboçado. E como poderiam ser indifferentes ao escandalo commettido pelos colonos de reduzirem á escravidão os selvagens, a pretexto de necessitarem dos seus serviços para fazerem florescer a lavoura, a que não se queriam, ou não podiam se entregar? Não eram as *bandeiras, os resgates e as entradas ao sertão* um poderoso obstaculo á cathechese? Poderiam os indigenas acreditar na fé d'homens que tão perfidamente os atraiçoavam? Não, mil vezes não; era necessario pôr um dique a taes excessos, refrear a desordenada cobiça dos colonos; e é o que emprehenderam os jesuitas; si porém o seu zelo era inteiramente desinteressado é o que passamos a examinar, tendo debaixo dos olhos os mais contradictorios juizos, para que d'elles possamos extrahir o nosso, que oxalá possa ser exacto. Julgamo-nos imparciaes n'esta tão celebre e debatida questão; porque ainda uma vez declaramos, que o amor, nem o odio nos liga ao Instituto de Loyola: elogiamos as boas acções dos seus ministros com a mesma independencia com que censuramos aquellas, que nos parecem pouco condignas com a sua santa instituição.

Não penetraremos no intricado labyrintho da legislação portugueza relativa á liberdade dos indigenas do Brazil, ainda que para tal fim possuissemos o fio d'Ariadne. Os S. S. P. P. Paulo III, Urbano VIII e Benedicto XIV puzeram o cunho da sua poderosa autoridade na série de leis, alvarás e cartas regias emanadas na côrte de Lisboa; mas esse mesmo luxo legislativo provava a sua pouca, ou nenhuma efficacia. As leis, como dizem todos os publicistas, devem ser poucas

e claras, mas vigorosamente executadas. A collecção de todas as ordenanças sobre esta tão importante quão simples materia, forma sem duvida um volume igual, senão maior do que o do codigo chamado de Napoleão.

« As leis, diz o supracitado *Jornal de Timon*, que inculcando
« uma larga protecção aos indigenas, admittiam comtudo o principio
« funesto da escravidão, estabeleciam em certos e determinados casos
« diversas formulas e garantias para evitar as injustiças, isto é, os
« captiveiros chamados illicitos. Entretanto a cobiça achava mil meios
« de illudir essas precauções, em verdade quasi sempre vãas, porque
« admittido um principio vicioso e falso como base fundamental da
« legislação as consequencias haviam necessariamente de participar
« da sua origem. (*) »

Apezar da tibia execução das ordens da metropole vexavam ellas todavia aos colonos de certo modo ferindo seus interesses, que tinham feito consistir na posse dos escravos. A distincção de guerra injusta da justa, em que era permittido reduzir ao captiveiro os que fossem achados com as armas nas mãos, era casuistica, e abria largo campo aos abusos por falta de quem fosse bastante desinteressado para fazer essa apreciação. Os padres da companhia, que haviam solicitado taes providencias da parte do governo portuguez, eram ainda incumbidos em grande parte da sua execução, e comquanto digam os seus historiadores, que as leis eram por elles escrupulosamente cumpridas, parece que nem todos serão d'este parecer lendo a sua propria narração das *entradas e resgates*, não poucas vezes ordenadas por arbitrio dos capitães móres, em que se commettiam pasmosos attentados: contra os quaes não reclamavam elles se grande numero *de indios forros e de administrados* entrava para as suas parochias.

Havia porém, dir-nos-ha alguem, grande vantagem para os indigenas o serem mandados para as missões da companhia porque ao menos ali conservavam a sua liberdade, ao passo que eram reduzidos á triste sorte de escravos quando cabiam em partilha aos particulares.

(*) Vide *Jornal de Timon*, livr. 8.º secc. 4.ª pag. 462.

Cremos que pouco, ou nada mudava-se a sua condição si a *junta da redempção dos captivos*, concedia-lhes a liberdade reconhecendo terem sido apresados em guerra injusta, e remettia-os para as aldêas dos jesuitas, afim de se empregarem no serviço dos mesmos com o onus de ensinár-lhes a doutrina, e cuidar da salvação das suas almas. Poderemos por inducção avaliar do que então se passava presenciando a conducta d'uma grande e poderosa nação moderna, que tem assumido a si o privilegio exclusivo da philantropia na não menos celebre questão do trafico dos Africanos. As *commissões mixtas* ao principio, e depois do *bill Aberdeem* os tribunaes especiaes, mandam para as colonias inglezas os negros aprisionados nos navios julgados *boas presas*, e os *libertos* vão terminar sua existencia longe da patria, soffrendo todo o genero de privações, mas tendo tambem a honra de trabalharem para o engrandecimento da *generosa Albion*. Os homens sempre foram e hão de ser os mesmos: o que n'essa era praticavam os jesuitas com os indios forros fazem hoje os Inglezes com os Africanos libertos.

Ninguem hoje se illude com palavras, moeda falsa da civilisação, todos querem entrar no amago das coisas, e si é possivel perscrutar o segredo das consciencias. E' um principio juridico que o autor do crime é quasi sempre o que mais utilidade d'elle tira, e si o applicarmos ao caso vertente poderemos concluir que si os jesuitas enriqueciam na razão directa da pobreza e da quasi miseria dos moradores, que confiados nos braços da escravatura abandonavam-se ao desespero quando estes lhes faltavam não era unicamente por amor da humanidade, e sim movidos por outros motivos, quiçá menos nobres, que provocavam os edictos regios, instavam com os governadores para que os pozessem em execução, augmentando d'est'arte o numero dos *administrados*, com não pequena vantagem das suas *residencias*. Ouçamos a este respeito uma testemunha imparcial, que se achava muito em estado de apreciar do methodo seguido pelos padres da companhia pelo profundo estudo que fizera d'este assumpto corroborado pela longa residencia n'uma provincia, que talvez mais que nenhuma outra conserva ainda os vestigios do dominio d'esses

regulares. O tenente general Arouche na sua *Memoria sobre os Indios da provincia de S. Paulo no anno de* 1798, assim se exprime: « Os indios das fazendas jesuiticas tinham uma liberdade « imaginaria, porque elles eram tratados com a mesma sujeição, o « mesmo aperto, e a mesma obediencia que o resto dos escravos. « Accrescia além d'isto o systema de os ter sempre separados do « commum dos homens para nunca poderem ser desabusados, de « os casarem com pretos e pretas escravas, baptisando os filhos como « servos. » (*) Interroguemos ainda outra testemunha qualificada, e prestemos summa attenção ao seu depoimento. Fallando ácerca das *administrações* que qualifica *d'uma modificação no nome caracteristico de captiveiro* um illustre brazileiro, assaz conhecido por seus escriptos, serve-se d'estas palavras: « Accumulavam elles (os padres « de todos as ordens, e principalmente os jesuitas) os dous poderes, « e então a sorte dos indios era mais deploravel, sua sujeição mais « restricta, seus trabalhos mais vexatorios e duplicados; por isso « que o mando não era partilhado, e de taes animosidades não « haviam testemunhas que ousassem revela-las. (**) »

Ainda mesmo admittindo que haja exageração no juizo emittido por tão conspicuas authoridades suppomos que os jesuitas não poderão ser inteiramente absolvidos de terem por sua ambição excitado os moradores aos lamentaveis excessos, a que se entregaram contra elles nas capitanias de S. Vicente, Rio de Janeiro, Pará e Maranhão. Profundo devera ser o odio de que eram objecto os padres para que fizesse esta tão grande explosão em pontos tão distantes entre si, e sem que para isso houvesse a menor combinação.

Diz-nos o sargento mór Pedro Taques de Paes Leme na sua *Noticia Historica da expulsão dos jesuitas do collegio de S. Paulo*, que os moradores d'essa capitania depois de terem-nos lançado fóra das suas casas na manhãa do dia 13 de Julho de 1640 dirigiram a el-rei D. João IV uma representação contra os jesuitas em

(*) Vide Rev. Trim. do Inst. Hist. e Geog. Br. tom. 4.°

(**) Vide Not. Racion. sobre as Ald. d'Ind. da Prov. de S. Paulo pelo Brig. Machado d'Olivr. inserta no tom. 8.° da Rev. do Inst. Hist. e Geogr. Br.

que *se queixavam que estes regulares monopolisavam o serviço dos indios com grave damno dos moradores, que se viam privados d'elles para o serviço da sua lavoura e mineração. no que tambem prejudicavam a fazenda real com a perda dos quintos.* Poderam neutralisar pela sua immensa influencia em Lisboa o effeito que ali necessariamente produziria tão grave accusação e pelo alvará de 3 de Outubro de 1643 ordenava el-rei que lhes fossem restituidos os seus collegios, continuando as aldeias a serem por elles administradas; *pois que mais ganhava o Estado* (dizia o referido alvará) *que as aldeias fossem administradas por esses padres, que o faziam de graça do que por sacerdotes seculares, que vindos de fóra, por força haviam de tirar o seu sustento do trabalho dos indios.* As ordens regias encontravam porém grande opposição da parte dos moradores, e só com a promessa de ampla amnistia a todos os comprehendidos na sedição de 1640, que lhes assegurava o alvará de 7 de Outubro de 1647, é que entraram os jesuitas na posse mansa e pacifica das sua casas e aldeias d'onde estiveram ausentes por espaço de treze annos (*).

No Rio de Janeiro, paiz classico da paz, que lhe assegura a indole pacifica dos seus naturaes, rebentou tambem um motim popular n'esse mesmo anno de 1640 em que tivera lugar o de S. Paulo por occasião de querer o padre Francisco Dias Tanho, procurador dos indios do Paraguay, publicar a bulla de 6 de Março de 1638, em que se fulminava a pena de excommunhão contra os promotores e fautores da escravidão dos indigenas. Sem a intervenção do governador Salvador Correia de Sá e Benavides, ajudado por seu primo D. João de Avalos e Benavides, capitão da infantaria da praça, o povo irritado teria arrombado as portas do collegio dos padres da companhia, e talvez attentado contra as suas pessoas. Atemorisados assignaram a escriptura de 22 de Junho de 1640 pela qual desistiam da promulgação da bulla, e obrigavam-se a respeitar o *statu quo*, sem duvida protestando em segredo contra similhante acto, que lhes

(*) Vide Rev. Trim. do Inst. Hist. e Geog. Br. tom. 12.º

era arrancado pela violencia, e aguardando dias mais serenos para exigirem imperiosamente a sua revogação (*).

Em parte alguma tomou esta luta proporções mais colossaes do que no Maranhão e Pará, onde um grande homem se pôz á testa d'ella. Incontestavelmente o padre Antonio Vieira era a alma dos jesuitas do seu tempo tanto no Brazil, como ainda em Portugal; o centro para o qual convergiam todos os raios; a cabeça encarregada de pensar por todos. Como todos os homens conscios da sua superioridade era elle ambicioso, queria sempre representar o primeiro papel, ou em Lisboa sentado nos conselhos da corôa, ou na Hollanda como fino e dextro diplomata, ou no Maranhão como fautor da liberdade dos indigenas. Com a mesma facilidade com que prégava diante do chefe visivel da igreja fazia ouvir a sua eloquente voz nas margens do autocrata dos rios, convertendo os selvagens Nheingahibas. Possuia uma d'essas maravilhosas organisações, que nunca podem estar ociosas: para elle o movimento era a vida; amava a discussão e chegava a desejar as contrariedades. Era n'uma palavra um varão extraordinario, talvez mesmo que demasiado grande para o mesquinho palco, que lhe offereciam estas longinquas e quasi que esquecidas terras do Brazil.

Por motivos, que não examinaremos n'este lugar, deixou o padre Antonio Vieira o posto elevado, que occupava na côrte para vir exercer o de superior da sua ordem do estado do Maranhão. Seu zelo levou-o á cidade de Belém, cujo collegio acabava de ser fundado sob a invocação de S. Alexandre, e ahi clamando com a sua costumada franqueza contra os vicios dos moradores, principalmente contra a sua desmarcada cobiça, accumulando immensas riquezas á custa das lagrimas dos miseros indios, mostrou-se disposto a tornar effectivas as ordens regias relativas á liberdade d'esses desgraçados, o que lhe fôra mui particularmente recommendado por el-rei D. João IV, especialmente na sua carta de 21 de Outubro de 1652. Por esse celebre documento conferia o piedoso monarcha lusitano ao primeiro

(*) Vide Annaes do Rio de Janeiro por Balth. da Silva Lisboa, tom. 6.°

jesuita do seu reino poderes quasi que discricionarios, esperando que este empregasse com fructo na nunca assaz louvavel obra da propagação da fé. N'elle se lêm estas notaveis palavras.... « vos « encommendo a continuação da propagação do Evangelho, que vos « leva áquellas partes e que para isso levanteis as igrejas, que vos « parecer nos lugares, que para isso escolherdes, e façais as missões « do sertão, que tiverdes por mais convenientes, ou por mar, ou por « terra, ou levando indios comvosco, descendo-os do sertão, ou « deixando os em suas aldeias, como julgardes por mais necessario « á sua conservação, que de tudo terei grande contentamento pelo « muito que desejo que aquellas terras se cultivem com a nossa « santa religião, e para melhor o conseguirdes ordeno aos gover- « nadores, capitães móres, ministros de justiça e guerra, capitães de « fortalezas, camaras e povos vos dêm toda a ajuda e favor, que « pedirdes, assim de indios, canôas, pessoas praticas na terra e « linguas, como do mais que vos fôr necessario para o que lhes mos- « trareis esta, ou copia d'ella, que guardarão inviolavelmente como « n'ella se contém; e fazendo o contrario me dareis logo conta para « mandar proceder contra os que assim o não fizerem como me « parecer de justiça. »

Longe de obedecer ao que lhe era tão formalmente ordenado pelo soberano requereu á camara de Belém pelo orgão do seu procurador para que se lançassem fóra os religiosos da companhia, pretextando a sua opposição ao commercio dos indigenas, e muito maior foi a indignação d'aquelles povos quando havendo obtido da metropole a provisão regia de 17 de Outubro de 1653, que *permittia poderem-se fazer escravos os indigenas, que houvessem se alliado com os inimigos, que exercitassem latrocinios por mar, ou por terra, que recusassem pagar os tributos, não obedecessem ao chamado para o serviço ou para pelejar com os inimigos: outrosim os que comessem carne humana, sendo de vassallos reaes,* viram os seus esforços baldados pela vigorosa resistencia que oppuzeram os jesuitas á promulgação de semilhante ordenança, que, diziam elles, ia abrir largas portas para toda a classe de abusos; e

tendo por esse motivo emprehendido o padre Antonio Vieira uma viagem a Lisboa alcançou a completa revogação d'ella.

Havia da parte dos jesuitas *trop de zèle, qui est toujours nuisible* na phrase do famoso Talleyrand; e da dos colonos excessivo amor do ganho e das riquezas, pouco se importando com os meios que para esse fim empregavam. Ambas as parcialidades talvez que quizessem a mesma cousa, isto é, maior numero de indios, ou a titulo *de administrados*, ou do de escravos, para fazer medrar as suas lavouras não concordando porém no modo pratico de realisarem suas pretenções. D'esta divergencia originou-se a luta, que ora assignalamos, terminada no Pará pela expulsão do padre Vieira e dos seus companheiros do collegio de Belém, sem que lhes podesse valer o governador D. Pedro de Mello, remettendo-os presos para o Maranhão, onde não menos cruelmente foram tratados, sendo mandados para Portugal em um patacho que d'ali seguia para esse reino.

Semilhante procedimento foi altamente censurado em Lisboa e a carta regia de 18 de Outubro de 1663 ordenava que lhes fossem restituidos os collegios e mais casas, que possuiam nas referidas capitanias; mas ali, bem como em S. Paulo, só um completo perdão e esquecimento, igual ao que lhes assegurava a provisão de 12 de Setembro do mesmo anno, podia serenar os animos, ainda excessivamente irritados, e permittir que podessem voltar ao lugar d'onde haviam sido expulsos (*).

Não estavam porém de tal modo reconciliados com os moradores que não tivessem de temer o seu resentimento, e o movimento popular capitaneado por Manoel Beckmann, mostrou-lhes o que deviam esperar da parte de homens a quem constantemente feriam nas suas mais caras affeições, que todas se cifravam nos seus interesses e bem-estar pecuniario. Foi ainda preciso que viesse em seu soccorro o braço secular, e que o governador do estado do Maranhão Gomes Freire de Andrade, punindo severamente os cabeças da sedição, pozesse termo a tão lastimaveis discordias (**).

(*) Vide Berredo Ann. do Maranhão livros XV e XVI.
(**) Vide Berredo Ann. do Maranhão livro XVIII.

O padre Antonio Vieira tinha comprehendido maravilhosamente o principio jesuitico do sacrificio d'um em favor de muitos; assim pois desejava o augmento da ordem, a sua preponderancia, que não podia resultar-lhe no Brazil senão dos grandes cabedaes, que tivesse ajuntado; porque nos paizes novos, e principalmente nas colonias a *plutocracia* exerce a maior influencia na falta de toda outra distincção. Era ainda preciso que as frotas annuaes levassem aos grandes armazens, que a companhia possuia em Lisboa, os generos do nosso paiz, para que o seu voto não deixasse de fazer pender para seu lado a balança politica do estado. Permittidos aos moradores os *descimentos e entradas no sertão* estariam estes habilitados a fazer concurrencia aos jesuitas na exportação dos productos coloniaes, que produziam as suas *missões e parochias*, servidas por indios forros submettidos a uma admiravel disciplina.

Julgamos poder assim explicar a conducta, a primeira vista contradictoria, do padre Antonio Vieira. Individualmente tomado era elle do maior desinteresse, diremos mesmo da mais completa abnegação: o seu historiador André de Barros pinta-nos este homem illustre encerrado na cella estreita e núa do seu collegio, despojando-se da roupa e moveis os mais indispensaveis para acudir á pobreza e por vezes reduzido a dormir n'uma esteira de tabúa em vez de cama, vestindo uma roupeta esfarrapada de panno grosseiro tinto na lama, e calçando sapatos de pelle de porco montez. A mesma parcimonia usava na comida e bebida e não raramente privava-se da cêa para manda-la de presente a alguma familia necessitada (*). A sua ambição era unicamente em pról do seu instituto; para si só queria a gloria: anhelava que se fallasse no seu nome, e a miudo encarregava-se elle mesmo, a exemplo de Cicero, de fazer a longa enumeração dos serviços.

Longo e porfiado fora o litigio, e ambos os contendores extremamente cansados suspiravam pelo repouso; mas este impossivel era para o jesuita antes do triumpho. Conseguiram-no completo, ao

(*) Vide André de Barros tom. 1.° cap. XXV.

menos por algum tempo; e os colonos perdendo a esperança de terem escravos indios voltaram as suas vistas para a costa d'Africa, como já lhes tinha lembrado o virtuoso dominicano Las Casas e fizera-o depois o padre Antonio Vieira, offerecendo ao governo um plano para mandar vir escravos por conta do estado distribuindo-os depois pelos moradores gratuitamente, como o unico meio de remediar a falta de braços, que já então se fazia sentir. Deploravel cegueira d'um espirito aliás tão illustrado, que não duvidava aconselhar que se fizesse n'Africa um trafico, a que com tanto afinco se oppunha n'America!

Ficou-lhes portanto livre a administração dos indios forros; e para assegurar a sua posse privativa obtiveram da côrte prohibição expressa de penetrar quem quer que fosse, sem venia sua, nas aldeias, que lhe eram confiadas, a titulo de não irem os colonos corromper a moral simples dos indigenas afastando-os dos seus costumes patriarchaes Quem se tiver dado ao trabalho de compulsar os nossos annaes recordar-se-ha das contestações suscitadas por estes regulares com os religiosos das outras ordens, mercenarios, capuchos e carmelitas, que como elles se occupavam do trabalho da cathechese. As aldeias, que estes ultimos haviam fundado nas margens do Rio Negro por ordem do governador Luiz de Vasconcellos Lobo, foram de curta duração e tiveram seus administradores de retirar-se por não poderem mais resistir á guerra, que lhes faziam os seus rivaes, os jesuitas.

O methodo por elles adoptado no regimen das missões do Paraguay era, com algumas modificações, seguido entre nós. Tinham, como ali, a suprema inspecção das aldeias, que eram governadas por *maioraes*, e a cada chefe de familia assignava-se o terreno que devera cultivar, para com o producto do seu trabalho sustentar-se a si, e aos seus. Não lhes era porém permittido alienar uma parte dos seus reditos, que eram applicados ás despezas communs arrecadadas pelos padres, que tambem inspeccionavam a permuta dos generos da terra com as mercadorias estrangeiras, que ahi iam fazer os mascates, depois de competentemente authorisados. O registo dos indios forros era remettido todos os dous annos ao governador, firmado com o juramento

dos missionarios, e d'est'arte podiam elles saber do numero de homens com que deviam contar para o serviço regio, a que todos eram obrigados por espaço de seis mezes, ficando o resto do tempo disponivel para se empregarem na lavoura, ou n'outros quaesquer serviços, que resultassem em proveito seu, ou ainda maior do dos seus tutores (*).

Ao escambio dos generos coloniaes pelos vindos da metropole chamavam os jesuitas *permuta;* porque sendo o commercio defeso pelos canones aos ecclesiasticos, proscreviam a palavra, que poderia escandalisar aos ouvidos pios, e conservavam a cousa em toda a sua pureza, e sem mudança alguma na essencia. A esta origem podemos attribuir as colossaes riquezas da companhia entre nós, maxime si reflectirmos que não tinha ella concurrentes para o commercio, que em larga escala fazia; sem que seja necessario dar credito ás lendas populares, que nos pintam os padres sentados á cabeceira dos ricos moribundos, aterrando a sua timorata consciencia, e apontando-lhes como o unico meio de se reconciliarem com Deus o de legarem todos os seus bens em beneficio dos collegios e mais casas do instituto. Si semilhantes abusos foram praticados uma, outra vez, por este, ou aquelle jesuita, não podia ser uma regra adoptada por toda uma classe de homens illustrados, que deviam assaz respeitar a sua dignidade para lançar mão de meios tão vergonhosos, e que quando conhecidos redundariam em prejuizo seu. *C'était pis qu'un crime, c'était une faute,* como dizia o já citado Talleyrand.

E' ordem da natureza, que a borrasca preceda a calma; assim gozaram os jesuitas alguns annos da mais profunda paz antes que contra elles se forjassem as armas, que deveram derriba-los do pedestal em que se criam seguros. Esses dias serenos, que o céo lhes concedia foram empregados na edificação e embellezamento das suas igrejas e collegios; onde não empregaram artistas estranhos, não mandaram vir, o que lhes seria tão facil, pintores, estatuarios, architectos, etc.; mas desenvolvendo o gosto e o natural talento dos indigenas faziam-nos aprender com os seus consocios, que se avan-

(*) Vide Southey History of Brazil tom III, chap. XXXIII.

tajavam nas artes liberaes, aquellas que mais necessarias julgavam dever ser transplantadas para a America. E' d'est'arte que se ergueram os magnificos templos das missões do Uruguay hoje em ruinas, graças á nossa indolencia, ao desprezo a que votamos as nossas cousas para ir com insensato enthusiasmo dar ductos a peregrinas e quiçá mesquinhas obras. Sobre o culto, que rendiam os jesuitas ás bellas artes, sobre o modo por que n'ellas iniciavam os naturaes do paiz, ouçamos o juizo d'um varão tão notavel pelas suas luzes, como pela sua alta posição. « Si pois os jesuitas exerciam, cultivavam e « professavam as artes liberaes ou mechanicas, mui natural é que « encontrando n'America um tão grande numero de sujeitos aptis- « simos, e direi sem receio, dotados mui particularmente pelo autor « da natureza, com talento especial para as artes, procurassem « instrui-los n'essas mesmas artes, tanto mais quanto era esse um « meio efficacissimo de domesticar e civilisar, de fazer christãos os « barbaros indigenas do continente americano. (*) »

Entregavam-se tambem com zelo admiravel á educação da mocidade; e foram elles os mestres dos benemeritos brazileiros cujos escriptos formam a nossa litteratura nos seculos XVII e XVIII. Seriamos ingratos si não reconhecessemos os importantes serviços que estes regulares prestaram á nossa terra, no numero dos quaes occupa distincto logar o ensino disvellado, que davam á nossa juventude. As aulas dos jesuitas eram as unicas, que então existiam no abandono completo em que deixava-nos vegetar a metropole; e os moços talentosos encontravam n'elles mestres eruditos, que sem pedantismo abriam-lhes as portas do templo das sciencias. Aqui no Rio de Janeiro ensinavam gratuitamente grammatica latina, philosophia, theologia dogmatica e moral além das mathematicas elementares, de que eram summamente apaixonados, e conferiam aos seus alumnos, quando terminado o curso, o diploma de *mestre em artes,* que era então mais estimado do que é hoje de doutor em qualquer faculdade. Na Bahia possuiam as mesmas aulas, com additamento da de rhetorica,

(*) Vide Rev. Trim. do Inst. H. e G. B. tom. 4.º Prog. desenv. pelo senr. Desemb. Silva Pontes.

e nas outras partes do Brazil, onde existiam collegios, ou ainda simples hospicios, era o ensino das primeiras letras e o da grammatica latina franqueado sem o menor onus para os pais de familia. Accusa-se aos jesuitas (sem duvida para diminuir o tributo da gratidão que por tal titulo lhes devemos pagar) de attrahirem ao gremio da sua sociedade aquelles dos seus alumnos que mais talentosos e applicados se mostravam; mas essa propaganda, si por ventura existiu, a julgamos nós innocente; todos desejam fazer entrar para a sua corporação homens capazes de ennobrece-la; e os jesuitas no Brazil deveram recrutar nas fileiras dos seus discipulos os que tinham de succeder-lhes: e é facil de comprehender que não convidariam os mais rudes, porém os mais habeis: pensamos todavia que não empregavam elles meios reprovados para alliciarem inexpertos e incautos mancebos.

Havia o seculo XVIII chegado á metade da sua carreira quando sobreveio um acontecimento na apparencia insignificante, mas que veio profundamente exacerbar o odio, que contra os jesuitas nunca fora de todo extincto no Brazil, odio, a que, como dissemos, tinha dado causa ás suas longas contestações ácerca da liberdade dos indios, e que era sempre alimentado pelo ciume do monopolio, que exerciam sobre os generos coloniaes nos mercados de Lisboa e Porto; assim como pela inveja que inspiravam as suas extraordinarias riquezas. Referimo-nos ao tratado de limites celebrado entre os gabinetes de Lisboa e o de Madrid aos treze de Janeiro de 1750, negociado com o fito de pôr termo ás usurpações de territorio, que as colonias transatlanticas mutuamente se faziam, chegando-se a um accordo sobre a linha divisoria entre as possessões das duas corôas. Desistindo ambas as altas partes contractantes das suas pretenções fundadas na celebre bulla de Alexandre VI declaravam *que as cessões, que n'elle se faziam não eram por via de equivalentes, mas com o fim de perpetuar a união e harmonia entre as duas nações*. Pelo artigo 13 do mesmo tratado cedia S. M. F., a colonia do Sacramento, e todo o territorio adjacente a ella na margem septentrional do Rio da Prata; e pelo 16.º fazia expressa cessão S. M. C. dos povos, ou aldeias situadas na

margem oriental do Uruguay, permittindo porém que os missionarios sahissem com os seus bens moveis e semoventes levando comsigo os indios para aldea-los em outras terras de Hespanha (*).

Esta ultima clausula feria vivamente os interesses dos jesuitas, que se tinham estabelecido naquellas regiões; e por isso resolveram oppôr-se a ella depois de terem debalde tentado embaraçar a sua execução, o que certamente conseguiriam a não ser a energia do negociador portuguez, o visconde da Villa Nova da Cerveira. Vejamos porque defendiam esses regulares com tanto afinco, e até resistindo formalmente ás ordens do seu governo, umas aldeias plantadas nas ribas do Uruguay e habitadas por semi-barbaros *Guaranys.*

Corria o anno de **1610**, quando dous jesuitas Marcello de Lorenzana e Francisco de S. Martin, conseguiram que os ferozes *Charruas* que vagueavam por esses ermos se curvassem ás suas doces palavras, fundando algumas *tabas*, que serviram de nucleo ás futuras *reducções.* Graças aos esforços dos primeiros missionarios e dos seus immediatos successores, rapido foi o incremento: de modo que já vinte e um annos depois (em 1631) contavam-se vinte povoações, regidas pelo governo theocratico, o melhor, como s'exprime Raynal, si fosse possivel conserva-lo na sua pureza. Leamos o quadro, que da sua vida nos traça um escriptor, de quem não fazemos o elogio, porque d'isso no-lo vedam os estreitos laços de parentesco, que a elle nos ligam.

« Fallavam todos a mesma lingua, o *guarany* (diz o visconde de
« S. Leopoldo); sem leis civis; pois que entre elles era quasi imper-
« ceptivel o direito da propriedade, nem mesmo das producções da
« sorte de terras, que se adjudicava a cada pai de familia, era licito
« dispôr a seu arbitrio sem a direcção do cura; os artifices e lavra-
« dores levavam á risca aos depositos publicos o fructo do seu suor,
« e das suas fadigas, vivendo em commum; os religiosos directores
« com os magistrados do povo (do modo, que ao diante diremos)
« proviam, e velavam sobre as precisões de cada um; sem leis

(*) Vide Annaes da Prov. de S. Pedro pelo visconde de S. Leopoldo, cap. 3.°

« penaes, pois que todas eram preceitos de religião, as transgressões
« se puniam com jejuns, orações, carceres, e algumas vezes flagel-
« lações e exterminio; o culpado se accusava elle mesmo aos pés
« do magistrado, e recebia o castigo com acções de graças: no
« fundo dos sertões d'America parecia emfim realisada essa repu-
« blica ideiada por Platão e por Thomaz Morus (*). »

Estes vassallos fieis da companhia de Jesus, que ao tempo da suppressão orçavam-se em trinta mil unicamente nos sete povos que couberam em partilha á corôa portugueza, fertilisavam um solo já uberrimo, com o seu trabalho, e davam aos *bemditos padres* lucros incalculaveis. Cultivavam o algodão, o tabaco, a canna d'assucar, e toda a qualidade de grãos, mas o producto que maior interesse lhes dava era da erva matte, tambem chamada chá do Paraguay, que remettiam em grande quantidade para os mercados de S. Fé e Corrientes.

Além da lavoura empregavam-se tambem os indios na criação do gado vaccum e cavallar nas vastissimas estancias, que possuiam os paraguayos nos lugares os mais asados para tal fim. Segundo os calculos mais moderados a renda annual d'essas missões elevava-se á somma de cem mil pesos fortes, dos quaes deduzida uma pequena parcella para os soccorros, que deviam ser fornecidos aos necessitados, e o adorno e reparação dos templos, e mais despezas com o culto, era o restante remettido para Roma, centro da unidade jesuitica, afim de fazer face aos gastos communs e urgencias da companhia.

Aqui, como em todas as partes, tinham vedado a entrada das missões a todos os individuos, embora da mesma nação, que não tivessem a honra de pertencer ao instituto de Loyola, sempre debaixo do especioso motivo de receiarem a corrupção dos costumes dos seus administrados; levando esse seu desmarcado zelo a ponto de terem, como já deixamos dito, obstado á visita pastoral do bispo do Paraguay D. Bernardino de Cardinas.

(*) Vide Annaes da Provincia de S. Pedro, cap. XIII, pag. 236.

Para que nada faltasse ao completo dominio dos jesuitas n'essas longinquas paragens até tiveram um exercito ás suas ordens devidamente disciplinado; havendo para isso obtido o assenso do governo da metropole. Pela real cedula de 20 de setembro de 1649 foi concedida a licença, que tinham impetrado, d'adestrarem os indios christãos velhos no manejo das armas de fogo; e que para instrui-los lhes fosse permittido levar das provincias do Chili alguns irmãos coadjuctores, que houvessem sido soldados; pretextando para isso a necessidade, em que se viam dolorosamente collocados, de repellir os aggressores dos Portuguezes (*).

Comprehende-se facilmente o quanto desgostaria aos jesuitas a noticia da proxima chegada ás suas missões dos commissarios portuguez e hespanhol, que iam em nome dos seus respectivos soberanos tornar effectivas as clausulas estipuladas no novo tratado de limites. Não havia tempo a perder; era preciso lançar mão da diplomacia, e em ultimo caso recorrer ás armas, para o que, como vimos, estavam preparados. Allegando que precisavam d'algum tempo para effeituarem a sua mudança, colherem os frutos pendentes, e mudarem o gado das estancias, obtiveram que por muito tempo se sustentassem as operações da demarcação, a que iam proceder o marquez do Val de Lirios e o general Gomes Freire d'Andrade. Esperavam que os governos d'ambos os paizes interessados na realisação d'esse pacto, que tanto os contrariava, mudassem de resolução desenganados pelas difficuldades, quasi insuperaveis com que tinham de lutar; quando porém viram que nada seria capaz de demovê-los do proposito, que haviam formado, fizeram appello á *ultima ratio regum*.

O padre Lourenço Balda, cura do povo de S. Miguel, foi a alma da rebellião, foi elle que concitou os pobres e pacificos indios a se sublevarem contra as decisões dos soberanos, de quem não tinham

(*) Naturalmente dos paulistas, que algumas vezes penetravam em suas aldeias para fazer escravos os indios, que viviam sujeitos á administração espiritual e temporal dos padres da companhia: do que amargamente se queixava o conde de Castellar, vice-rei do Perú em uma nota datada do 1.° de janeiro de 1679.

a menor noticia, tanta era a ignorancia, que a tal respeito, bem como a muitos outros, deixavam-nos permanecer os seus *sanctos padres!*... Por documentos authenticos, que tivemos occasião de compulsar, está hoje mais que provada a complicidade dos jesuitas n'essa fatal trama cujos resultados não podiam deixar de ser funestissimos para os indigenas, de quem se declaravam protectores.

Os commissionarios regios communicando ás suas respectivas côrtes a resistencia que as suas ordens tinham encontrado da parte dos naturaes não dissimularam ser ella devida ás instigações dos filhos de Loyola, e o gabinete de S. Ildefonso estranhando altamente o proceder d'elles, escrevia a seu delegado o marquez de Val de Lirios, estas notaveis palavras:

« En la carta de officio, que escribo a V. Exc. vera que Su
« Magestad ha descubierto, y assegurando-se de que los jesuitas
« de esta provincia son la causa total de la rebeldia de los indios.
« Y mas de las providencias, que digo en ella haber tomado, dis-
« pidiendo a su confessor; y mandando que se embien mil hombres,
« me ha escripto una carta (propria de un soberano) para que yo
« exhorte al provincial hechando-le en cara el delicto de infedeli-
« dade, y diciendo-le, que si luego luego no entrega los pueblos
« pacificamente sin que se derrame una gota de sangre, tendra Su
« Magestad esta prueba mas relevante; procederá contra el y los
« de mas padres por todas las leys de los derechos canonico y civil,
« los tratará como reos de lesa magestad, y los hará responsa-
« bles a Dios de todas las vidas innocentes, que se sacrificas-
« sem, etc. (*). »

Pela côrte de Lisboa foram transmittidas a Gomes Freire d'Andrada as mais terminantes recommendações d'auxiliar ao general hespanhol, pondo termo o mais cedo possivel a tão *escandalosa rebeldia.*

(*) Vide *Relação Abrev. da Rep., que os Relig. Josuitas estabeleceram nos dominios ultr. de Port. e Hesp. e da guerra, que n'elles moveram contra os exercitos d'ambas as potencias*, inserta na Rev. Trim. do Inst. Hist. e Geog. Bras. tom. 4.°

Duas vezes mediram-se os indios com o exercito combinado; uma a 10 de fevereiro de 1756, capitaneados pelo valente Sepé, perdendo nesse conflicto mil e duzentos homens, differentes peças d'artilheria e outros despojos bellicos; e outra a 10 de maio do mesmo anno, em que foi completamente desbaratado o seu exercito composto de mais de tres mil combatentes. Além d'estas duas batalhas campaes houveram muitas refregas entre as partidas volantes, portuguezas e hespanholas, que batiam a campanha, e troços de indigenas, que surgiam como que do centro da terra, para tolher-lhes o passo. Concluindo a participação official da segunda grande acção, que teve lugar n'esse anno nas campinas do sul, assim se exprimia o general Gomes Freire d'Andrada referindo-se ás fortificações levantadas para obstar a passagem do rio Churieby: « A planta bem dá « a vêr a defensa como estava propria. E si ella é feita pelos indios « devemos persuadir-nos que em lugar de doutrina se lhes tem « ensinado architectura militar. »

Perdidas as ultimas esperanças de defenderem o paiz, a cujo dominio se haviam arrogado, empregaram o ultimo recurso, que em semilhantes casos aconselha a coragem da desesperação. O fogo devêra reduzir a cinzas aquillo que lhes fôra impossivel defender, e as labaredas, que já prendiam o magnifico templo do povo de S. Miguel, quando n'elle entraram os alliados no dia 16 de maio, advertiam lhes que se apressassem si acaso queriam encontrar ainda illesos os magnificos monumentos, que attestassem á posteridade a esplendida habitação dos padres. Um dos nossos melhores poetas J. Basilio da Gama descreveu com as delicadas tintas do seu primoroso pincel a scena lastimavel de que acabamos de fallar, e para ali remettemos o leitor curioso.

Assim terminou a guerra civil, suscitada pelos jesuitas na extremidade meridional do Brazil, emquanto que ao norte oppunham tenaz, posto que menos ruidosa opposição. No Pará e Maranhão, foi incumbido o respectivo governador e capitão general Francisco Xavier Furtado de Mendonça, por despachos de 30 d'Abril de 1753 de presidir por parte de S. M. F. ás conferencias, que com o com-

missario castelhano se deveram abrir afim de regular-se os limites das possessões de que os dous reinos da peninsula iberica eram senhores n'estas partes d'America. Ainda que a perda dos jesuitas nas margens do Rio Negro não fosse equivalente á que experimentavam nas do Uruguay e Paraná, todavia preparavam-se para a demarcação dos limites.

Os meios de que se serviram no Pará um pouco differiam do methodo por elles empregado ao sul do estado. Sublevaram como operação previa os indios das visinhanças d'aquelle lugar que fora destinado para as conferencias; depois amotinaram os da capital do Pará afim de que não encontrasse o governador gente disponivel para tripular as canôas, e mais objectos de serviço, e finalmente até fomentaram deserções entre os soldados, por não poderem faze-lo entre os officiaes. Por mais graves que pareçam taes accusações nós as mencionamos firmados no juizo de autores, que temos por fidedignos, entre outros citaremos o nome do sargento-mór Antonio Ladisláo Monteiro Baena, no seu « *Compendio das Eras da Provincia do Pará*, » a quem julgamos bem informado, e muito em estado de discernir a verdade. Citemos suas proprias palavras:

« Em junho (de 1757) assoma no Pará a noticia de terem
« desertado d'aldêia de Mariuá para as missões da capitania de
« Omaguas dos dominios d'el-rei catholico cento e vinte soldados
« de menos obrigações e de reprovado procedimento, em virtude
« dos manejos clandestinos dos jesuitas, os quaes não podendo obrar
« na honra e fidelidade dos officiaes obravam comtudo n'aquelle
« numero de combatentes, que ainda ampliaram o crime roubando
« os armazens reaes de munições de guerra e d'outros muitos gene-
« ros, que n'elles havia, e tiraram da povoação contribuições ras-
« pando-a de modo, que para comer foi preciso aos moradores
« mandar vir os viveres de longe (*). »

Frustraneos foram seus planos de revolta e passaram pelo desgosto de verem-nos por toda a parte repellidos com grande descredito dos

(*) Baena — Compendio das Eras da Prov. do Pará, pag. 248.

seus autores, e o mais é que de toda a sociedade de Jesus, que até certo ponto se tornava solidaria com elles. Si as mais severas ordens tivessem partido de Roma, ou ainda dos seus superiores locaes, cremos que as cousas não chegariam a taes excessos, nem a animadversão contra o instituto seria tão geral. Houve porém imprudencia e grandissima irreflexão no seu proceder, e custa-nos a crer cómo homens cuja finura e tacto dos negocios temos por mais d'uma vez assignalado, não tivessem notado que d'est'arte apressavam a sua queda fornecendo uma poderosa arma aos seus contrarios. Eram mui illustrados para conhecerem que o espirito dos seculos lhes era contrario, e que unicamente restava-lhes appellar para melhores dias e esperarem pela reacção, que cedo, ou tarde, se manifestaria contra as idéas dominantes. Toda a abstenção da politica, a nenhuma ingerencia nos negocios publicos eram reclamadas pelas circumstancias: e a exemplo dos peritos nadadores deveram curvar a cabeça para deixarem passar a onda, sem procurar lutar contra ella. Deploravel obstinação no emprego de meios reprovados, para não explicarmos pela força do destino, precipitava o baixel da companhia contra os parcéis: e os seus palinuros cerravam os ouvidos para não ouvir a linguagem da verdade, que escoava-se dos labios de doutos e prudentes varões, condemnados á sorte de Cassandra.

O marquez de Pombal, cuja causa da indisposição e antipathia que consagrava aos jesuitas já assignalamos na primeira parte d'este nosso tosco trabalho, espreitava com fina malicia os erros por elles commettidos; e, qual lobo faminto, aguçava as garras aguardando a sua victima. A impolitica, para não qualificarmos de insensata resistencia, que fizeram ao tratado de limites de 1750, serviu melhor as intenções do primeiro ministro d'el-rei D. José do que toda essa propaganda philosophica, que naturalisava em Portugal, e em cujas brochuras e libellos era horrivelmente guerreada, e não poucas vezes calumniada a grande obra do santo byscainho. Accusava-se a companhia de sequestrar em proveito seu o suor dos miseros indigenas, de conserva-los em uma tutela forçada; e ei-la que se encarrega por si mesma de demonstrar a veracidade de taes arguições, levando-os

ao campo da batalha em defesa dos seus interesses gravemente lesados.

Antes de descarregar o derradeiro golpe quiz Pombal ver se intimidava aos jesuitas, fazendo-os recuar; e para tal fim impretrou de S. P. Benedicto XIV o breve de 1.º de Abril de 1758 pelo qual era o cardeal Saldanha investido das funcções de *visitador apostolico e reformador dos clerigos regulares da companhia de Jesus.* Seu primeiro acto foi o da publicação d'um mandamento ordenando a suspensão do escandaloso commercio, que os sobreditos regulares estavam publicamente fazendo em Portugal e seus dominios. Esta medida era summamente justa e reclamada por todos os que nutriam sinceros desejos de podar a arvore em vez de derriba-la; mas o patriarcha de Lisboa, cardeal Manoel, não se contentou com admoestações e meios brandos e affixou um edital datado de 7 de Junho do referido anno, em que suspendia os mesmos regulares dos exercicios de confessarem e prégarem no seu patriarchado (*). Depois d'um acto tão violento quão desnecessario; mas que foi infelizmente imitado por todos os prelados do reino era impossivel a conciliação, e a guerra estava declarada, a perseguição systematisada em contradicção ás ordens do soberano pontifice.

Não julgando-se ainda sufficientes os capitulos de accusação formulados contra os jesuitas, muitos dos quaes, como por vezes temos dito, eram d'uma triste realidade, veio o attentado contra os dias d'el-rei D. José fornecer mais uma verba para ser lançada na conta corrente da companhia. Era preciso esgotar a taça da odiosidade para justificar o decreto de 3 de Setembro de 1759, em que eram os filhos de Loyola *proscriptos, desnaturalisados, e lançados fóra do reino e seus dominios.* Repetimos aqui o que já em outro logar dissemos: não negamos ao governo portuguez, nem a nenhum outro, o direito de tirar a existencia civil nos seus estados a esta, ou áquella corporação religiosa, quando assim o exijam seus interesses politicos,

(*) Vide Deducção Chronol. e Analy. dos crimes dos Jesuitas pelo Desembg. José de Seabra da Silva.

o que unicamente estranhamos são os abusos de poder, tanto da parte do regio edicto, como ainda mais da dos seus executores.

Os bispos do Brazil tinham sido nomeados visitadores e reformadores dos jesuitas em suas respectivas dioceses por delegação do cardeal Saldanha; e n'este emprego houveram-se uns com excessivo rigor, como D. Miguel de Bulhões no Pará, e outros com louvavel moderação, como D. frei Antonio de S. José no Maranhão, e D. José Botelho de Mattos na Bahia.

A mesma differença no proceder notou-se quando foram incumbidos de tornar effectivas as disposições do decreto de 3 de Setembro de 1759 contentando-se alguns com serem meros executores adoçando ainda quanto estava ao seu alcance a aspereza do legislador, e querendo outros mostrar *trop de zèle.* Fallando a respeito d'estes serve-se o illustre historiador inglez R. Southey d'estas energicas palavras: « There are always wicked instruments enough to carry « into full effect the worst intentions of injust and tyrannical « power. »

Não contente D. Miguel de Bulhões de ter suspendido do uso de ordens aos padres da companhia de Jesus no seu bispado, como lhe era expressamente ordenado de Lisboa, e te-los remettidos em numero de cento e cincoenta accumulados no porão d'um pessimo navio para a cidade de S. Luiz do Maranhão; foi ainda ali exercer as suas pouco caridosas funcções, por ter o bispo d'essa diocese, recusado-se a ser instrumento de medidas, que inteiramente desapprovava partindo para a visita episcopal de longinquas parochias; recebendo Bulhões em recompensa do seu zelo o ser trasladado para a sé de Leiria. Os jesuitas da Parahyba e Ceará foram mandados para o Recife, onde o governador Luiz Diogo Lobo da Silva, e o bispo D. Francisco Xavier Aranha, os receberam com summa begnidade: sendo d'ali transportados para Lisboa em um navio, que outr'ora pertencia á sua sociedade, e no qual fazia o provincial a visita ás diversas casas da ordem, espalhadas pelas capitanias do Brazil (*).

(*) Vide R. Southey, History of Brazil chap. XL.

Na metropole do Brazil religioso, onde já então governava o arcebispo D. Joaquim Borges Figueirôa, por ter resignado o pallio o mencionado D. José Botelho de Mattos, foram os jesuitas privados do exercicio das suas funcções sacerdotaes, assim como precedentemente haviam sido da administração das missões e aldeias de indios, confiadas a parochos seculares, e no dia 18 de Abril de 1760 conduzidos debaixo de grande escolta, e com todo o apparato de força, para bordo das náos N. S. do Carmo e N. S. d'Ajuda. que levaram-nos a Lisboa; onde acharam ingrata hospedagem na torre de S. Julião até serem desterrados para Italia os que não quizeram sujeitar-se ás condições estipuladas pela lei de 28 de Agosto da 1767 (*).

D. frei Antonio do Desterro, bispo do Rio de Janeiro, não foi menos severo para com os proscriptos do que seu collega do Pará; talvez porque, como diz Southey, « *being a Friar he appears on this* « *occasion to have indulged the envy and hatred with which that* « *description of Religioners commonly regarded the Jesuits.* » (**) Esta aversão que consagrava á companhia revelou-a elle mais do que nenhum outro prelado em seus actos officiaes. Depois de ter privado aos jesuitas por carta pastoral de 8 de Novembro de 1759, do ministerio do pulpito e confissionario; assim como o de celebrarem, e ainda officiarem em quaesquer igrejas, capellas e oratorios, recommendando aos fieis que fugissem do contagio das suas *pestiferas opiniões*; pelos editaes de 17 e 29 do referido mez e anno accusava a esses regulares de terem sonegado *reliquias, vasos sagrados e paramentos* das igrejas, ordenando a todos que soubessem onde elles os tinham occulto que fossem revela-lo ao ordinario, sob pena de excommunhão.

Pedia a decencia que se não lançassem tão feias nodoas sobre a roupeta da companhia; porque ella pouco differia da batina do padre, e do burel do monge.

Vinham embarcar-se n'esta capital os padres cujos collegios

(*) Vide Accioli, Mem. Hist. e Polit. da Prov. da Bahia, tom. 1.º pag. 222.
(**) History of Brazil chap. XL.

estavam situados ao sul do Brazil; em cujo numero comprehendiam-se os de S. Paulo, que apezar das antigas queixas, que os moradores nutriam contra elles foram todavia tratados na hora da adversidade com heroica generosidade; e seu bispo D. frei Antonio da Madre de Deus, seguindo, apezar de ser tambem frade, uma politica opposta á do nosso diocesano, encheu-os de obsequios não receando de arrostar por semilhante conducta as iras do imperioso ministro, e a dos seus satellites, mil vezes mais temivel. Embarcados em um só navio todos os jesuitas das capitanias meridionaes, e em numero de cento e quarenta e cinco, foram entregues ao capricho das ondas, sem os meios necessarios para fazer tão longa quão penosa travessia, recusando-lhes até um cirurgião!.......

Assim deixaram os jesuitas as nossas plagas depois de terem vivido entre nós por espaço de duzentos e vinte e um annos; depois de terem regado com o seu sangue a arvore da cruz; depois de terem roteado nossas virgens florestas, depois de terem erguido, para servir-mo-nos das palavras do sabio Dr. Martius, os unicos monumentos grandiosos ainda existentes, e deixado instituições, que até o presente não desappareceram de todo, nem perderam a sua influencia.

No nosso humilde entender pensamos que si esses regulares mereceram pelos abusos que praticaram do seu primitivo e santissimo instituto no velho mundo, e ainda mesmo n'America, o breve de suppressão, que contra elles fulminou o beatissimo padre Clemente XIV, tinham adquirido jus pelos relevantes serviços prestados em outras eras em pról da religião e das letras a serem tratados com mais doçura: pois que tal exigiam-no a gratidão dos povos e a honra dos governos.

Pelo que nos diz respeito cremos que grande foi a nossa perda com a sua completa extincção: deveramos ter imitado o procedimento da Russia, onde se conservaram encarregados do ensino da mocidade, para o que sempre se mostraram summamente aptos; pois que já em seu tempo dizia Bacon: *tratando-se de educação o melhor é consultar as escolas dos jesuitas.* Si depois da sua secularisação continuassem entre nós incumbidos da educação da juventude e igualmente da

catheehese dos indigenas, uma vez que não lhes fosse esta exclusivamente entregue, concorrendo com as demais ordens religiosas, e partilhando a administração das aldeias com os magistrados regios para tal fim nomeados, é de esperar que muito tivesse lucrado a nossa terra com semilhante methodo, e que el-rei de Portugal podesse talvez melhor exprimir a seu respeito o que ácerca d'elles dizia em 1783 Catharina II em sua carta ao papa: « Os motivos que me fizeram « conceder a minha protecção aos jesuitas são fundados tanto na razão « e na justiça como na esperança de serem uteis aos meus estados. « Essa pacifica e innocente reunião de homens ficará no meu « imperio; porque de todas as sociedades catholicas são os mais « capazes de instruir os meus vassallos, de inspirar-lhes sentimentos « de humanidade com os verdeiros principios da religião christãa. « Estou resolvida a sustentar esses padres contra todos os padres, e « faço nisto o meu dever, porque os contemplo como vassallos uteis « e innocentes. »

S. M. F. não podia seguir o exemplo da Czarina sustentando *totis viribus* no seu imperio uma associação dissolvida por quem poder tinha para isso; e si citamos o trecho acima foi para mostrar que possuiam os jesuitas qualidades, reconhecidas até pelos principes hereges e schismaticos, que nos seriam grandemente proficuas tomando-se a precaução de priva-los dos meios dos quaes uma dolorosa experiencia mostrava terem tanto abusado. Em um paiz novo em que não superabundavam as intelligencias, para que privar-nos do auxilio de homens, a cuja illustração seus proprios contrarios rendiam preito e homenagem? Não seria mais conveniente conservar esses padres despidos do seu antigo caracter e sujeitos em tudo á jurisdicção episcopal?

Foi um erro, dir-nos-ha alguem, o total exterminio de homens que estavam afeitos ao nosso modo de viver, que comprehendiam as nossas necessidades; mas procuremos remediar tal erro, e agora que se acha restabelecida a companhia de Jesus convidemo-la para que venha de novo estabelecer-se entre nós. « Havendo entre nós pelo menos « cento e cincoenta mil indios bravos (diz J. Silvestre Rebello) e

« sendo o primeiro dos deveres do governo o tratar da salvação
« e civilisação d'aquelles pobres infelizes, é claro que d'isso se deve
« seriamente occupar. Os jesuitas, segundo as suas instituições,
« foram em outro tempo os mais proprios para isso; ora, como as
« instituições são ainda as mesmas, é evidente, que d'elles se deve o
« governo servir com preferencia. »

« Deve o governo pois propôr ao corpo legislativo a abolição da
« lei que os exterminou do Brazil, e convidar os mesmos a vir de
« novo fundar missões no nosso imperio. O interior da provincia
« de S. Paulo; os matos virgens, que separam as provincias da
« Capitania, de Minas e Bahia; as provincias de Goyazes e Matto
« Grosso; e mais do que todas as outras a do Pará, fornecem locali-
« dades abundantes para a fundação das missões que se quizerem (*). »

Cremos que a maior difficuldade não consiste na revogação da ordenança de 3 de Setembro de 1759, apezar de ter o gabinete do Rio de Janeiro protestado em 1.º de Abril de 1815 contra os primeiros assomos da resurreição dos jesuitas; mas sim no espirito publico, que continúa a ser-lhes contrario: e ainda ultimamente tivemos uma prova da veracidade d'esta nossa proposição.

Alguns padres da companhia de Jesus, obrigados a deixar a provincia de Buenos-Ayres, para onde os chamára o dictador Rosas; por contrariarem-no talvez em sua politica, procuraram um asylo nas provincias brazileiras do Rio Grande do Sul, e de Santa Catharina, e com o favor da tolerancia religiosa, que felizmente existe entre nós, não só exerceram as suas ordens com venia do nosso virtuoso prelado, como que ligaram-se em associação e seguiram quanto lhes permittiam as circumstancias anormaes, em que se achavam, as regras do seu instituto. Occuparam-se na primeira das referidas provincias com a cathechese dos indigenas e na segunda com a educação da mocidade em uma casa, que para esse fim estabeleceram. O ministro da justiça, que então era o Sr. Manoel Antonio Galvão, dando conta á

(*) Vide Mem. desenvolvendo o programma: « Qual era a fórma por que os jesuitas administravam as povoações dos indios, que estavam a seu cargo? » Manuscripto do Inst. H. e Geogr. Brazileiro.

assemblea geral no começo da sessão de 1845 d'este acontecimento depois de ter mencionado os louvaveis esforços dos missionarios em favor da propagação da fé, e em beneficio publico termina esta parte do seu relatorio com estas palavras, que demonstram o quanto era melindroso o exigir-se uma medida legislativa que authorisasse a existencia legal dos jesuitas no Brazil.

« Cumpre porém declarar-vos, que taes missionarios pertencem
« á extincta companhia de Jesus. Esta observação justificará a cir-
« cumspecção com que o governo pretende resolver este assumpto,
« que á sua deliberação sujeitou no citado officio o presidente da
« provincia de S. Catharina. »

Em seu relatorio apresentado á assembléa provincial em 1851 o presidente da já mencionada provincia (o Sr. Dr. João José Coitinho) lamentando o atraso da instrucção primaria comprazia-se em commemorar o *consideravel progresso* da secundaria, devida ao zelo dos padres jesuitas, para cuja casa pedia aos cofres provinciaes o tenue subsidio de seiscentos mil réis. Apezar das reconhecidas vantagens, que resultavam á juventude do seu ensino a prestação, que lhes dava a provincia foi-lhes depois retirada, e contra elles moveu-se a mais implacavel guerra tanto ahi, como no Rio Grande do Sul, com cujo jornalismo tivemos ocasião de travar polemica a seu respeito. Si somos bem informado, esses regulares já abandonaram S. Catharina; e mui curta será a sua persistencia na extremidade meridional do imperio, a menos que não se mudem as ideias, que contra elles dominam.

Pelo que temos dito já sabe o leitor qual é o nosso modo de pensar acerca dos jesuitas, e as razões pelas quaes modificamos o nosso juizo sobre elles. Formulemos agora este juizo com a maior franqueza e liberdade, destacado de qualquer outra consideração, e terminando o grosseiro quadro que submettemos á correcção dos doutos.

O instituto de Loyola no Brazil, bem como em toda a parte, passou por differentes phases: corrompeu-se depois com o andar dos tempos; mas em sua degeneração foi menos fatal á nossa terra do

que ao velho continente, porque o nosso theatro era mesquinho e por isso menos destros os actores, que n'elle representaram. Como brazileiro não deixaremos jámais de tributar o testemunho da nossa gratidão pelos serviços que ao paiz prestaram : nós tudo lhe devemos ; formam a antiguidade da nossa historia, e foram os architectos da presente prosperidade, e da nossa futura grandeza. Hoje porém não desejamos a sua volta : ser-nos-hia ella damnosa, uma vez que se não despissem pisando as nossas fronteiras do manto de politicos, o que seria talvez exigir d'elles o impossivel. Conscios da sua superioridade intellectual querem dominar por ella ; esquecem muitas vezes o lugar de modestos operarios do Evangelho para se emaranharem no intrincado labyrintho da politica, e então tornam-se prejudiciaes, deixam de ser uma congregação religiosa para se converterem em seita politica, em *carbonarios* da Igreja. Tal é a nossa opinião.

Rio de Janeiro, 12 de Outubro de 1854.

O Conego Dr. J. C. Fernandes Pinheiro.

Rio de Janeiro, Typographia Universal de LAEMMERT, rua dos Invalidos, 61 B